



JUAN ARIAS

Jesus

ESSE GRANDE DESCONHECIDO



JUAN ARIAS

JESUS, ESSE GRANDE DESCONHECIDO

TRADUÇÃO
RUBIA PRATES GOLDONI

OBJETIVA
2001

Para Roseana, que me ajudou a entender melhor
a alma de Jesus de Nazaré

SUMÁRIO

Prefácio

Preâmbulo

Capítulo 1

Como Jesus influenciou dois mil anos da vida do
Ocidente

Capítulo 2

Jesus de Nazaré realmente existiu ou é apenas
um mito?

Capítulo 3

Os evangelhos são confiáveis?

Capítulo 4

O que realmente se sabe de Jesus

Capítulo 5

É impossível escrever a vida de Jesus

Capítulo 6

Jesus pertenceu à seita dos fariseus ou à dos essênios de Qumran?

Capítulo 7

Era Jesus um poeta?

Capítulo 8

Sumário.....2

Prefácio de Paulo Coelho.....5

Capítulo 1.....9

Capítulo 2.....17

Capítulo 3.....32

Capítulo 4.....53

Capítulo 5.....71

Algumas perguntas imprescindíveis sobre Jesus.....75

Um Jesus multifacetado e contraditório.....78

Os manuscritos de Qumran causaram pânico entre os cristãos.....82

As diferenças entre os monges de Qumran e Jesus 85

Jesus era um simpatizante da seita dos fariseus.....87

A doutrina pregada por Jesus não era totalmente original.....90

Capítulo 7.....92

ERA JESUS UM POETA?.....92

A sensibilidade do tato.....94

Não foi o poeta da cruz, mas da vida.....95

Sua poesia era rural e não urbana.....98

Jesus escreveu um poema para salvar a vida de uma mulher adúltera.....100

O último e comovente verso dito na cruz.....102

Capítulo 8.....103

QUEM MATOU JESUS?103

<i>OS JUDEUS OU OS ROMANOS?</i>	103
Jesus foi condenado à morte pelos romanos.....	105
Por que os evangelhos não contam a verdade histórica sobre a Paixão?.....	107
É verdade que Jesus foi cruelmente torturado antes de morrer?.....	113
Não sabemos por que foi crucificado.....	114
Capítulo 9.....	119
<i>AS HIPÓTESES MAIS INVEROSSÍMEIS SOBRE JESUS</i>	119
Jesus se casou e morreu na Índia?.....	121
Jesus foi um extraterrestre que voltará numa nave espacial?.....	124
Jesus foi um produto criado com elementos das antigas divindades mitológicas?.....	127
Jesus existiu, mas seus discípulos o mitificaram para não se sentirem fracassados.....	131
Capítulo 10.....	133
<i>JESUS, SUA FAMÍLIA E SUA RELAÇÃO COM O SEXO</i>	133
Se Jesus não se casou, por que não o fez?.....	134
Por que Jesus se relacionou mal com seus pais e irmãos?.....	137
Jesus nunca exalta a família.....	140
Não seria tudo isso uma invenção dos evangelistas para favorecer a liderança de Pedro contra a de Santiago, o irmão de Jesus?.....	142
Sem dúvida, Jesus foi um radical em tudo, inclusive com a família.....	144
Capítulo 11.....	146
<i>JESUS QUIS FUNDAR UMA IGREJA?</i>	146
Capítulo 12.....	165
O JESUS DOS EVANGELHOS APÓCRIFOS.....	165
Capítulo 13.....	181

JESUS E SUA RELAÇÃO COM AS MULHERES.....	181
<i>Capítulo 14</i>	201
ERA JESUS UM MAGO, UM PROFETA OU UM EXORCISTA?.....	201
<i>Capítulo 15</i>	214
TEMOS CONHECIMENTO DE PALAVRAS PRONUNCIADAS ORIGINALMENTE POR JESUS?.....	214
<i>Capítulo 16</i>	225
REVOLUCIONÁRIO POLÍTICO OU PACIFISTA REVOLUCIONÁRIO?.....	225
<i>Capítulo 17</i>	243
QUAIS SÃO OS TRAÇOS PSICOLÓGICOS DA PERSONALIDADE DE JESUS?.....	243
Nota Final.....	274

PREFÁCIO DE PAULO COELHO

Se Jesus não tivesse existido, como seria hoje nosso mundo? Como seria a arte, a música, todo nosso sistema de pensamento? Mas o que sabemos do homem Jesus? O que sabemos daquele homem de carne e osso, vida e sentimentos? Juan Arias segue suas pegadas históricas, tão tênues — quase invisíveis — quanto aquele poema que Jesus escreveu na poeira do chão do Templo e que talvez só a mulher adúltera tenha lido.

O livro de Arias é feito mais de perguntas que de respostas, já que interrogar-se é próprio da natureza humana, feita de sombras, luz e tempo. As respostas são bem poucas. Mas quando pronunciamos o nome de Jesus, de que Jesus

estamos falando? Do judeu de Nazaré, rodeado dos marginalizados de seu tempo? Do judeu que ousou desafiar o sábado, a família e o Templo? Daquele que não tinha medo do ser humano, nem de expressar seus sentimentos, de tocar e de ser tocado, de escutar a voz das mulheres?

De que Jesus estamos falando? Do filho de Deus em nome do qual o mundo foi banhado em sangue? Sabemos realmente de que Jesus estamos falando?

Sobre esse personagem se escreveram milhões de livros ao longo destes vinte séculos. Esta obra pretende recolher parte do que já foi dito sobre esse grande desconhecido, por meio de uma pesquisa rigorosa e, ao mesmo tempo, acessível. O texto de Juan Arias, que também é jornalista, é claro e agradável. Lemos fascinados até as hipóteses mais surpreendentes e inverossímeis, bem como as mil contradições que cercam a enigmática figura do profeta de Nazaré.

O livro de Árias nos obriga a refletir sobre algumas perguntas que certamente inquietarão o leitor. Será que Jesus quis fundar uma nova Igreja? Se sua morte não tivesse sido atribuída aos judeus, os campos de extermínio teriam existido? O livro não teme abordar temas tabu nesse terreno. Por isso, poucas vezes em um livro sobre Jesus se falou tão abertamente de suas raízes judaicas. Será que Jesus não queria apenas purificar a religião de Moisés de seu ranço conservador e elitista? Não desejava, sobretudo, levar a religião de seus pais para além dos limites pretendidos pelos judeus de seu

tempo? E como era o tempo de Jesus? Num tom poético e com grande simplicidade, Juan Arias aproxima de nós o rumor de seus passos.

Quem era Jesus, esse grande desconhecido? O autor insinua, não sem acerto, que talvez seja essa utopia que levamos dentro de nós e que por isso ele adentra na aventura do terceiro milênio vivo e controvertido.

Concordemos ou não, a discussão vale a pena.

Paulo Coelho

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2000

Preâmbulo

Este livro pretende ser, antes de mais nada, um ensaio jornalístico que explique ao grande público algumas das hipóteses — das mais sérias às mais extravagantes — sobre o judeu da Palestina, Jesus de Nazaré, para alguns o Messias anunciado a Israel pelos profetas, para outros o Filho de Deus, para outros, ainda, apenas um agitador ou até um impostor, não faltando quem duvide de sua própria existência. Procurei recordar o que dele se sabe historicamente e também o que dele se ignora, que é muito mais. Não se trata de uma obra para especialistas, ainda que tenha sido concebida com rigor profissional, sem fins panfletários e até com uma indisfarçada simpatia do autor por aquele judeu inconformista que rompeu muitos tabus de seu

tempo e foi condenado à morte na cruz pelo simples pecado de ter provocado, com suas utopias libertárias, os grandes poderes da sua época: o religioso e o político. É um livro com mais perguntas que respostas, com mais incertezas que certezas. Um livro para ajudar a compreender e a pensar.

Mesmo consciente de que se trata, não de um personagem qualquer da história e sim de alguém que condicionou profundamente a consciência de mais de um bilhão de pessoas que acreditam nele e em sua mensagem, tratei de não ocultar nenhuma das histórias mais desconcertantes que sobre Jesus, sua pessoa e sua obra se criaram e se escreveram ao longo destes vinte séculos. E isto por puro escrúpulo jornalístico.

Sei de antemão que esta espécie de crônica poderá ao mesmo tempo agradar e irritar muita gente. Já pude comprová-lo com uma reportagem sobre o assunto publicada no suplemento dominical do jornal *El País* no Natal de 1999. Recebi uma avalanche de cartas: desde as mais iradas, que condenavam minha ousadia por ter afirmado, entre outras coisas, que ninguém sabe quando nem onde Jesus nasceu, tampouco a data de sua crucificação, nem o que fez, ou por onde andou nos 18 anos de sua juventude, ou quem realmente foi seu pai, até as de professores de teologia que usaram meu texto para discuti-lo com seus alunos no seminário.

Isso se deve ao fato de que nos achamos diante de um personagem muito pouco conhecido

historicamente, mas que teve construídas, sobre sua realidade ou seu mito e sobre a Igreja fundada pelos seus seguidores, imensas esperanças e decepções, grandes santos e grandes inquisidores. Um personagem diante do qual a história nunca conseguiu manter-se indiferente nem pôde relegá-lo ao esquecimento. E que, por isso mesmo, entra vivo e controvertido na aventura do terceiro milênio.

Capítulo 1

COMO JESUS INFLUENCIOU DOIS MIL ANOS DA VIDA DO OCIDENTE

O grande paradoxo do judeu Jesus de Nazaré é tratar-se de um personagem sobre o qual mal sabemos se existiu, mas que, ao mesmo tempo, influenciou como nenhum outro a vida no Ocidente, e mais além, a ponto de haver um antes e um depois dele. Jesus, de fato, é um marco divisor na história do mundo.

Não deixa de ser estranho que a vida de um judeu que viveu pouco mais de trinta anos na mais remota periferia do Império Romano, cuja epopéia humana foi praticamente ignorada pelos historiadores judeus e romanos da época, tenha marcado tanto os últimos vinte séculos em todos os planos da vida, do religioso ao político, passando pelo cultural e artístico, sem esquecer a influência que exerceu na ética e nos costumes.

Ninguém mais duvida que a história do Ocidente, e de certo modo a do mundo inteiro, teria sido diferente sem o judeu Jesus de Nazaré, adorado hoje como Deus por quase um bilhão de fiéis. O mundo teria sido igual sem ele e sem tudo aquilo que se construiu a seu redor, tanto de poder despótico como de santidade? Sem dúvida, é difícil imaginar como teriam sido os últimos vinte séculos sem a existência do cristianismo, em tudo de positivo e de negativo que essa religião criou.

Também poderíamos nos perguntar: que religião teria dominado o Ocidente se o cristianismo não tivesse existido? Como seríamos? Que visão teríamos hoje do sexo e da mulher? E do pecado? Sem dúvida, nossa visão da política e da sociedade, assim como boa parte de nossa ética e de nossas artes, seria muito diferente.

Sem Jesus e sua Igreja, que música Bach teria composto? O que teriam pintado Michelangelo, Rafael, Giotto, Zurbarán, Ticiano, Donatello e até o modernista Stanley Spencer? E El Greco, Murillo e Velázquez? Por acaso uma das obras mais famosas e conhecidas de Dali não é justamente uma pintura de Cristo? Para comprovar tudo isso, teria bastado visitar a exposição dos diversos retratos de Jesus que a National Gallery de Londres organizou no início de 2000.

Como assinalou o crítico de arte espanhol Francisco Calvo Serraller, alguém que desconheça a história de Jesus e do cristianismo pouco entenderá em visita aos grandes museus

tradicionais, como o Prado de Madri. O que demonstra a que ponto Jesus influenciou, por exemplo, a arte durante séculos. E o que teriam escrito Dante ou San Juan de la Cruz e tantos outros escritores que se inspiraram em temas religiosos cristãos? José Saramago, o Nobel de Literatura, teria escrito *O evangelho segundo Jesus Cristo*, sua obra mais polêmica, mais criativa e que mais dores de cabeça lhe causou?

Como teria sido a humanidade se Jesus não tivesse existido?

São muitas as perguntas que nos vêm à mente quando pensamos em como a história humana dos últimos vinte séculos teria sido diferente sem Jesus. Teria existido o comunismo? O capitalismo teria sido o mesmo sem a ética cristã-calvinista? E muitas outras perguntas: tentemos eliminar dos livros de história as guerras religiosas, as cruzadas, as inquisições e a expansão missionária e vejamos o que resta. Retiremos das grandes monarquias ocidentais e de suas lutas pelo poder seu caráter cristão e vejamos como ficam mancas. E como teria sido o Novo Mundo ibero-americano se os chamados "conquistadores" não tivessem chegado com a cruz junto da espada? Se em vez dos cristãos, impondo sua fé a ferro e fogo, ali tivessem chegado os islâmicos, os budistas ou os hindus? E na África negra? O que teria acontecido com as culturas nativas dos povos conquistados pelos cristãos com a cruz em punho? Teriam se conservado muitas das

culturas que os conquistadores destruíram, temendo que fossem um empecilho para abraçar a nova fé cristã? Basta pensar, por exemplo, em como são diferentes as culturas orientais que não foram descobertas pelos cristãos, como as da Índia, China e Japão.

O mundo teria sido outro e diferente sem o cristianismo. Se melhor ou pior, é impossível saber. Muitas das culturas e literaturas não teriam chegado até nós, já que foram legadas à humanidade pelo trabalho dos monges cristãos. O judaísmo, por seu lado, teria se restringido à Palestina e suas raízes teológicas não teriam se universalizado através do filtro do cristianismo. Sem a idéia, que a Igreja sustentou praticamente até o papa João XXIII, de que os judeus foram os assassinos de Jesus, teriam eles sido perseguidos?

Sei que a questão da participação da Igreja Católica na perseguição e extermínio dos judeus é delicada e complexa, mas é difícil deixar de referi-la. Como teria sido a percepção da mulher e do direito e a própria imagem de Deus no Ocidente, sem a existência do cristianismo nascido de um ramo judeu?

O Ocidente está, de fato, ainda hoje, totalmente permeado pela cultura judaico-cristã que impôs conceitos muito concretos sobre temas fundamentais da vida, como o sentimento de culpa, a noção de pecado, o valor do sacrifício, a visão do dinheiro e da sexualidade, bem como toda uma concepção do corpo e da alimentação. E também da mulher.

O próprio fato de podermos fazer essas perguntas indica a importância histórica que adquiriu depois da morte aquele judeu considerado, em sua época, um louco revolucionário. Imaginem como nossa sociedade ocidental teria sido diferente sem os milhões de pessoas formadas ou influenciadas pelas escolas, colégios e universidades religiosas no mundo inteiro. Grandes personagens políticos, de guerrilheiros e terroristas revolucionários de esquerda a grandes ditadores, formaram-se, de fato, em colégios religiosos.

A influência do cristianismo nas leis dos povos

Mas não é só. Há ainda a enorme influência do cristianismo sobre as leis e o direito pelo mundo. Muitos países europeus levaram anos para aprovar as leis do divórcio e do aborto por causa da resistência da Igreja. O mesmo ocorreu com a pena de morte, que o Vaticano ainda manteve em seu último catecismo universal. Influência na ética e também nos costumes. Quem não se lembra dos sermões contra as praias e os biquínis nos púlpitos das paróquias nas missas de domingo? Quanto a doutrina cristã de que o ato sexual só é permitido para fins de procriação não terá condicionado os costumes? E a cruzada contra os preservativos? Também não foi pouca a influência da doutrina social da Igreja criada para tentar conter a expansão do comunismo e a deserção da classe operária.

E essa influência se fez sentir, direta ou indiretamente, não só no Ocidente, mas em todo o mundo, já que os grandes líderes de todos os países, inclusive os de minoria cristã, formaram-se nas grandes universidades européias ou norte-americanas. E a influência do papado como política chegou a todas as partes. Isto foi evidente nas viagens internacionais tanto de Paulo VI como de João Paulo II. Viajando como chefes de Estado, sua presença, mesmo nos países com pouca influência da Igreja, como os islâmicos e os hindus, sempre mobilizou grandes multidões. É o caso, por exemplo, da Índia, onde embora haja apenas uns 2% de cristãos, milhares de pessoas foram ver os dois papas. O mesmo ocorreu em países africanos predominantemente islâmicos ou animistas.

Por quê, entre tantos profetas, só Jesus deixou marcas?

Tanto na época de Jesus como depois, passaram pelo mundo não poucos messias e redentores, visionários e profetas, revolucionários religiosos, sociais ou políticos. Por que eles não deixaram marcas e o rabino Jesus deixou? O que ele fez ou disse para que sua religião ganhasse projeção universal, mesmo tendo nascido numa parte esquecida do mundo? Sem contar que ele, provavelmente, nunca pensou em fundar nem uma nova religião, nem uma nova Igreja, mas simplesmente propor uma forma diferente de

viver as relações humanas, baseada não mais no poder, mas na fraternidade.

E o mais curioso é que toda essa influência na civilização ocidental se deu em nome de uma pessoa que mal sabemos se existiu, se foi algo criado por uma seita de judeus dissidentes que precisavam acreditar na chegada do Messias ou se foi um mito forjado pelas primeiras comunidades fundadas pelos apóstolos, que precisavam perpetuar a presença de Jesus na história depois da derrota que significou sua morte na cruz.

Ele foi, sem dúvida, a figura mais poderosa, mais paradoxal, contraditória e enigmática dos últimos vinte séculos. Em seu nome se perseguiu e se assassinou, mas também se evangelizaram continentes inteiros. Séculos de teologias e manipulações não conseguiram apagar as marcas deixadas pelo personagem real.

Há quem se pergunte se o cristianismo não tenta dar respostas a perguntas que ninguém mais faz. Mas, enquanto isso, seu poder continua intacto no limiar do novo milênio. Um bilhão de pessoas continuam acreditando nele, seguindo mais ou menos seus preceitos, condicionando sua consciência às doutrinas impostas por sua Igreja, que dificilmente saberemos se Jesus teria ratificado. E o Vaticano, por mais criticado e atacado que tenha sido, continua em pé, com uma enorme ascendência na política internacional que ninguém ousa questionar.

O peso político do Vaticano

Aqueles que, como eu, viveram trinta anos na Itália e acompanharam profissionalmente as vicissitudes de cinco papas, são testemunhas do peso que o Vaticano e seu aparato continuam tendo, não só na Itália mas entre muitos outros povos católicos do mundo, onde uma palavra do papa pode condicionar leis importantes de um parlamento democrático. A Itália foi, por exemplo, um dos países que mais tempo levou para aceitar o aborto e o divórcio em sua legislação civil, por causa da forte pressão contrária do Vaticano, a que os políticos italianos de todas as cores, a começar pelos comunistas, acabavam cedendo.

A Igreja Católica, apesar de seus cismas, de suas contradições, do sistemático expurgo que faz dos teólogos que não se submetem às suas normas e tentam pensar de forma autônoma, continua viva e forte. Como disse alguém, "os papas passam, mas a Igreja permanece". Ela está convencida do dogma segundo o qual Deus lhe deu um poder que exercerá até o final dos tempos e que nada nem ninguém poderá arrebatá-lo. Poderão persegui-la, mas não anulá-la.

E a pergunta que muitos se fazem é se essa força que sobreviveu a todas as vicissitudes da história, enquanto outras instituições que pareciam eternas ficaram à margem relegadas ao esquecimento, ainda tem algo a ver com a distante figura de seu Fundador, de quem a própria Igreja, hoje mais aberta, admite saber pouco — como ele realmente foi, o que pregou e

o que pretendia com seu anúncio de um novo Reino para a humanidade.

E, no entanto, esse bilhão de pessoas que continua acreditando na Igreja, e até muitos fora dela, não deixam de ter curiosidade sobre aquele judeu nascido numa aldeia da Palestina, que ficou como oculto e ofuscado entre os brilhos de uma Igreja que começou pobre, partilhando seus bens, perseguida e martirizada, e acabou transformando-se da noite para o dia na Igreja e na religião do Império Romano.

Um império do qual a Igreja herdou muitos dos jogos de poder mundano, enquanto se convertia na defensora das classes dominantes. Assim, ela mesma dificultou sua pregação daquelas bem-aventuranças do profeta maldito que asseguravam paz aos perseguidos, felicidade aos pobres e consolo aos aflitos e humilhados pelo poder.

Por isso, não são poucos os que, a vinte séculos de distância, continuam a se perguntar se aquele profeta incômodo existiu, e, se existiu, o que disse e fez realmente em vida e como imaginava a Igreja por ele fundada, se é que alguma vez pensou em fundá-la.

Capítulo 2

JESUS DE NAZARÉ REALMENTE EXISTIU OU É APENAS UM MITO?

O simples fato de pôr em dúvida a existência de um personagem como Jesus de Nazaré, que

tanto influenciou a história do mundo, poderia parecer uma piada de mau gosto. E, de fato, durante quase 18 séculos ninguém o fez, já que os quatro Evangelhos considerados pela Igreja Católica como inspirados eram vistos como biografias históricas de Jesus.

Em 1791, porém, quando o historiador francês Constantin François Voney começou a levantar sérias dúvidas sobre a realidade histórica do profeta da Galiléia, surgiram as primeiras perguntas. Seguiu-o alguns anos depois, em 1794, outro historiador francês, Charles François Dupuis, que também questionou a existência de Jesus.

A própria Igreja — cuja fé se funda justamente na pessoa real, de carne e osso, de Jesus de Nazaré e não em um mito, em um super-homem ou em uma idéia abstrata — só começou a se preocupar com essa questão a partir do século XVIII, quando a nova voga filosófica da Ilustração trouxe consigo a famosa crítica histórica. Como quase não existiam documentos da época de Jesus comprovando sua existência, nem de parte dos judeus, nem dos romanos, toda a credibilidade da Igreja se apoiava no suposto caráter histórico dos quatro evangelhos e dos outros escritos do chamado Novo Testamento.

Por isso, com o vendaval resultante da revisão do conceito de historicidade, do qual nem as Sagradas Escrituras escaparam, o rei ficou nu. Se os Evangelhos e outros documentos cristãos não podiam ser considerados históricos, mas apenas literários, e se não apresentavam a figura

histórica de Jesus, mas a visão que dele tinham as primeiras comunidades cristãs, a Igreja ficava praticamente sem argumentos científicos para provar que ele existira, fora crucificado e ressuscitara como contam os evangelistas.

O terremoto da crítica histórica abalou os fundamentos dos próprios biblicistas católicos e protestantes, que perceberam que, de fato, uma coisa é um documento histórico e outra um documento literário que revela antes de tudo a fé religiosa de uma comunidade. Por isso foi fácil para alguns considerarem que Jesus era um mito criado por uma seita dissidente do judaísmo ortodoxo, que teria inventado a figura do profeta porque precisava assegurar que o Messias já havia chegado. Outros concluíram que na verdade se concebera um Deus mítico que depois se personificou em uma figura que existiu apenas na ficção e não na realidade.

Os partidários da hipótese do mito afirmam que não só Jesus, mas também Paulo de Tarso — para alguns, o verdadeiro fundador da Igreja Católica — são fruto de uma criação literária de grupos que fundiram vários mitos religiosos, de judaicos a gregos, passando por egípcios. Todos eles acabaram dando razão a Voltaire, que já alertara que, no mínimo, deve-se desconfiar do valor histórico dos Evangelhos. E depois de Voltaire vieram historiadores e filósofos, como A. Drews (*O mito de Cristo*, 1910), que tendiam a pensar que era quase impossível saber alguma coisa de Jesus como personagem histórico.

Mesmo os teólogos católicos começaram a se dar conta de que, por incrível que pareça, as epístolas de São Paulo, por exemplo, tidas como o primeiro testemunho literário de Jesus, não dizem quase nada a seu respeito, nem traduzem o menor interesse por sua pessoa concreta. Seria um sinal de que o que interessava era mais o mito que a realidade?

A busca de rastros históricos de Jesus

Por isso a Igreja se pôs a vasculhar desesperadamente nos documentos históricos da época, tanto judeus como romanos, em busca de alguma pista sobre a existência real da pessoa de Jesus. Mas as primeiras pesquisas foram muito frustrantes. Em Filão de Alexandria, por exemplo, filósofo que escreveu ainda em período posterior à morte de Cristo, não se encontra uma única citação a Jesus em nenhum dos cinquenta escritos conservados deste autor. Isso, apesar de seu reconhecido interesse pela intensa atividade das seitas e dos movimentos dentro do judaísmo daquela época. E Filão conhecia muito bem, por exemplo, Pilatos, de quem fala em suas obras. Outro contemporâneo de Jesus, o historiador Justo de Tiberíades, que de certo modo era também seu conterrâneo, tampouco o cita, apesar de ter escrito uma história da Palestina de Moisés até setenta anos depois do nascimento do profeta. Era difícil para a Igreja aceitar que o verdadeiro motivo de o historiador não mencionar Jesus podia muito bem advir do fato de

que sua figura e a ação dos primeiros cristãos tivessem pouquíssima influência na sociedade da época, não merecendo, portanto, a honra da crônica.

Daí a alegria dos católicos ao descobrirem o famoso Flávio Josefo, um judeu do final do século I, primeiro historiador a mencionar Jesus e sua seita. E em duas passagens. Na primeira, apenas indiretamente, ao comentar a morte por apedrejamento de Santiago, um dos irmãos de Jesus. Esse texto é o que costuma ser considerado mais autêntico. Escreve Flávio Josefo: "Anás convocou os juízes do Sinédrio e conduziu à sua presença o irmão de Jesus, dito o Cristo — seu nome era Santiago —, e alguns outros. Acusou-os de terem violado a Lei e entregou-os para serem apedrejados".

O texto consta no livro *Antigüidades*, publicado cerca de sessenta anos depois da morte de Jesus. Embora a referência direta seja a Santiago, irmão de Jesus que tivera muita influência na criação da primeira comunidade judaico-cristã devido a suas ótimas relações com as autoridades, Flávio dá como certa a existência do tal Jesus, também chamado Cristo ou Messias por seus seguidores.

O segundo texto se refere explicitamente a Jesus, mas é também o mais controvertido. Diz o seguinte: "Por essa época (durante o governo de Pôncio Pilatos, de 26 a 36 d.C.) viveu Jesus, um homem sábio, se é que ele pode ser chamado de homem, dados os portentos que realizou. Mestre de homens que aceitam a verdade com prazer,

atraiu muitos judeus e muitos de origem grega. Era o Messias. Quando Pilatos o condenou à cruz, depois de ouvir a acusação que contra ele formularam nossos principais, aqueles que de início o amaram não deixaram de fazê-lo. Pois no terceiro dia apareceu-lhes vivo de novo, tendo os divinos profetas vaticinado essas e outras maravilhas acerca dele. E até hoje a seita dos cristãos não desapareceu."

A pergunta que não poucos historiadores se fizeram, em relação, sobretudo, ao segundo texto de Flávio Josefo, é se ele era inteiramente autêntico, pois sendo o famoso historiador um judeu convicto, embora volúvel, dificilmente teria feito esses elogios ao profeta que fora crucificado por lutar contra a ortodoxia judaica. E muito menos teria acreditado em sua ressurreição.

Por isso o teólogo espanhol Juan José Tamayo, comentando em sua obra *Por eso lo mataron* o texto de Flávio, escreve o seguinte: "Parece tratar-se de um texto muito manipulado, sobre cuja autenticidade paira uma enorme dúvida." E, de fato, há até quem chegue a pensar que o texto é totalmente falso, pois parece antes refletir a pregação cristã sobre Jesus, em tom completamente apologético, na linha de alguns evangelhos.

Existe também uma versão árabe do mesmo texto, menos enfática, que, segundo alguns, poderia ser o texto original, que diz o seguinte: "Naquele tempo existiu um homem sábio chamado Jesus. Sua conduta era boa e era considerado virtuoso. Muitos judeus e pessoas de

outras nações tornaram-se seus discípulos. Os que se tornaram seus discípulos não o abandonaram. Contaram que apareceu a eles três dias depois de sua crucificação e que estava vivo; assim talvez fosse o Messias de quem os profetas contaram maravilhas".

Mas nada garante, tampouco, que essa versão árabe fosse a verdadeira, embora nela a afirmação de que Jesus ressuscitou parte dos discípulos e não do historiador. Sobre o texto de Flávio, considerado praticamente o único de um historiador judeu a se referir a Jesus como uma pessoa real que viveu durante o reinado de Pôncio Pilatos, escreveram-se livros inteiros, tanto contra como a favor.

Quem foi o historiador judeu Flávio Josefo?

Os que negam a autenticidade do texto de Flávio Josefo garantem que as passagens citadas são interpolações introduzidas pelos primeiros cristãos e que Flávio Josefo jamais poderia ter feito semelhantes elogios a Jesus. Os que defendem sua autenticidade admitem que sem dúvida houve manipulação do escrito de Flávio — cuja conversão ao cristianismo, hipótese formulada para corroborar a autenticidade do texto, não tem a menor sustentação —, pois é impossível que o historiador judeu fizesse profissão de fé da messianidade de Jesus e, menos ainda, como se disse, de sua ressurreição. Esses defensores do texto, mesmo concordando que ele foi manipulado pelos primeiros cristãos,

acreditam, no entanto, haver nele componentes suficientes para se concluir que, antes das interpolações, ele já continha elementos que permitiam afirmar que Josefo falava de Jesus como de alguém que realmente existira. E que há passagens que não poderiam ter sido modificadas por um cristão, como aquela que se refere aos seguidores de Jesus como a uma "seita", coisa que um cristão daquela época jamais escreveria.

César Vidal Manzanares em *El judeo-cristianismo palestino en El siglo I*, livro em que defende um substrato de autenticidade no texto de Flávio, afirma que, de fato, o historiador parece ter conhecido bem o movimento religioso de Jesus, o profeta inconformista, mas que decidiu mantê-lo ostensivamente velado porque não queria referir-se aos movimentos revolucionários que existiram naquela época em seu país, a Palestina, e também porque considerava o cristianismo uma seita que desacreditava o judaísmo. Mas essa é apenas uma hipótese. O fato é que Flávio, em tantos volumes sobre a história de seu país que abrangem todo o período da vida de Jesus e os primeiros trinta anos depois de sua morte, cita-o em duas escassas ocasiões, e mesmo nelas não se sabe se o texto é autêntico ou inserido por cristãos.

Mas quem era o famoso historiador judeu Flávio Josefo, praticamente o único a fornecer uma pista sobre a existência real do profeta Jesus, chamado Cristo (Messias em grego) pelos primeiros cristãos? Sem dúvida, foi um

personagem muito controvertido e polêmico. Sabemos muito sobre ele porque nos deixou uma alentada autobiografia em que conta sua vida nos mínimos detalhes. Nasceu em Jerusalém por volta de 37 d.C., sob o reinado do imperador Calígula. Vinha de uma família de sacerdotes. Viveu três anos no deserto como ermitão e era da seita dos fariseus, à qual, segundo alguns, o próprio Jesus poderia ter pertencido.

Ainda jovem, Josefo foi a Roma para pleitear junto ao imperador Nero a libertação de alguns sacerdotes judeus que estavam presos. Ao que parece, caiu nas graças de Pompéia, a mulher de Nero, que lhe concedeu o que queria e, além disso, cumulou-o de presentes. Quando eclodiu a guerra contra Roma em 66 d.C., foi general das tropas judias em Jerusalém. Findo o conflito e feito prisioneiro, foi conduzido a Vespasiano. Josefo, inteligente, profetizou sua iminente entronização. Como sua previsão se cumpriu e Vespasiano foi proclamado imperador, Josefo logo foi libertado e acabou em Roma, onde Vespasiano o presenteou com uma bela vila e lhe concedeu uma pensão vitalícia.

O certo é que o historiador acabou sob as graças dos romanos e que seu livro *A guerra dos judeus* é um tanto tendencioso, tendo sido o imperador Tito o promotor de sua publicação. Nela se sustenta que não foram os judeus que declararam guerra aos romanos, mas "um grupo de bandoleiros e tiranos". Sua outra obra, *As antigüidades*, em vinte volumes, é a que contém as duas passagens que se referem a Jesus de

Nazaré. Flávio a terminou aos 56 anos. Ele mesmo diz que o livro tem caráter apologético e, portanto, respeita poucos critérios históricos, embora pretenda escrever toda a história de Israel. A obra não se destinava aos judeus, e sim aos gregos e romanos.

Referindo-se a Josefo, John Dominic Crossan, em seu famoso livro *O Jesus histórico*, diz o seguinte: "A questão não é se Josefo era pró-romano e tornou-se anti-romano ou se era anti-judeu e tornou-se pró-judeu. A seu modo, ele sempre foi pró-romano e pró-judeu ao mesmo tempo, sem mudar de atitude em nenhum momento. Mas o fato é que começou defendendo os romanos perante os judeus e terminou defendendo os judeus perante os romanos. Por isso, ao ler suas obras, temos de estar sempre atentos e examinar cuidadosamente em que ponto dessa linha de mudança ou de evolução se situa cada texto em particular."

Shaye J. D. Cohen, em *Josephus in Galilee and Rome*, escreve o seguinte sobre o historiador: "Josefo pode inventar coisas, exagerá-las, insistir demais nelas, distorcê-las e simplificá-las; mas, vez por outra, ele também diz a verdade. Muitas vezes, no entanto, não é possível saber quando ele está fazendo uma coisa e quando a outra."

Os historiadores romanos ignoram a existência de Jesus

No que toca aos historiadores romanos, cabe destacar apenas um escrito de Tácito, que foi

pretor e cônsul, nascido em 56 d.C. Esse historiador, em sua obra *Anais*, escrita em 115 d.C., isto é, cerca de oitenta anos após a morte de Jesus, conta que Nero incriminou os cristãos pelo incêndio de Roma e os castigou para evitar que a suspeita do crime recaísse sobre si. O texto diz o seguinte: "Nero apontou como culpados e castigou com a mais refinada crueldade uma classe de pessoas destacadas por seus vícios, que a multidão chamava cristãos. Esse nome vem de Cristo, que sofreu a pena de morte sob o reinado de Tibério, depois de ter sido condenado pelo governador Pôncio Pilatos. Depois de interrompida espontaneamente essa pernicioso superstição voltou a eclodir não apenas na Judéia, onde esse mal surgiu, mas também na própria capital [ou seja, em Roma] onde confluíram e encontraram grande aceitação todas as coisas mais horríveis e vergonhosas do mundo. Assim, pois, os membros confessos da seita foram presos; depois, em seus depoimentos, muitos se mostraram convictos, não tanto pelo delito do incêndio, mas por seu ódio pela raça humana. E entregaram a vida em meio ao escárnio: foram cobertos com peles de animais e despedaçados por cães, ou atados a cadáveres e incendiados, como fachos noturnos, ao cair da noite. Nero cederá seus jardins para esse espetáculo e exibiu-o também em seu circo, misturando-se à multidão com roupa de auriga ou montado em seu carro."

Os especialistas costumam atribuir pouca credibilidade a esse texto, que foi escrito muito

depois e se refere mais aos primeiros cristãos que às notícias sobre o Jesus histórico. Os poucos dados que fornece sobre Jesus já eram conhecidos e podem simplesmente recolher informações das primeiras comunidades cristãs. Descreve mais o que os cristãos já diziam de Jesus, ou seja, que foi crucificado no reinado de Tibério, depois de ter sido condenado por Pilatos. E mais nada. Mais interessante é sua opinião sobre a primeira comunidade cristã em Roma, odiada por Nero. Mas sobre Jesus não diz quase nada.

O que dizem as fontes religiosas rabínicas?

Nas fontes rabínicas, isto é, nos comentários judeus às Escrituras redigidos não antes do século II d.C., fala-se de Jesus de Nazaré, mas, como era de se esperar, de forma um tanto depreciativa. Porém, de qualquer forma, são interessantes porque mostram Jesus como uma pessoa que de fato existira e não como um mito criado por alguma seita judia dissidente. O que as fontes rabínicas dizem de Jesus é, sem dúvida, negativo, embora reconheçam que fazia milagres, chamados "feitiçaria". Afirmam ser ele um bastardo, sua mãe uma adúltera e seu pai um legionário romano chamado Pantera. Vejamos algumas dessas afirmações recolhidas na obra de César Vidal:

"Jesus praticava a feitiçaria e a sedução, levando Israel pelo mau caminho."

"Na véspera da Páscoa, Jesus foi justificado."

"Tentava passar-se por Deus, para que o mundo inteiro fosse pelo mau caminho."

"Se ele diz que é Deus, é um embusteiro e mentiroso; disse que partiria e por fim voltaria. Disse isso, mas não cumpriu."

"Zombou das palavras dos sábios."

"Foi um transgressor de Israel, atormentado em meio a excrementos em ebulição."

Em resumo, Jesus é considerado um farsante perigoso cuja execução foi merecida. Mas, para efeito da discussão sobre se ele existiu de fato ou apenas como mito, não resta dúvida de que as maliciosas alusões a sua pessoa são também uma prova de que as fontes rabínicas acreditavam em sua existência real.

Hoje ninguém duvida que Jesus existiu e foi crucificado como rebelde

As provas históricas da existência de Jesus de Nazaré em fontes com alguma credibilidade científica fora do âmbito religioso-cristão são, sem dúvida, quase inexistentes. E mesmo essas poucas têm sua autenticidade questionada. Por isso, muitos chegaram a duvidar abertamente que o profeta de Nazaré tivesse existido. E, no entanto, pode-se dizer que nas últimas décadas nenhum analista sério, de um lado ou de outro, tem dúvidas quanto à realidade histórica de Jesus, entregue à morte por Pôncio Pilatos e que deu lugar a um movimento religioso que o tempo não conseguiu apagar.

A teoria do mito foi descartada porque todos concordam que a característica fundamental do cristianismo é justamente ser uma religião "histórica" e não "mítica". E quanto ao material histórico existente sobre Jesus, mesmo sendo escasso, pensa-se que é suficiente, pois há um consenso geral de que um simples mito não poderia ter gerado tudo que gerou. Argumenta-se que, assim como ocorre com Jesus, há grandes personagens da história antiga sobre os quais não existem muitos dados, e que nem por isso sua existência é posta em dúvida.

Quanto ao conceito moderno de história, que é, sem dúvida, muito mais preciso e rigoroso que o da antigüidade, acredita-se que cada momento histórico possui o seu e que cada época tem uma forma de transmitir os fatos. E que não podemos julgar com critérios modernos o método usado pelos historiadores de 2.000 anos atrás.

Claro que, quanto menos rigoroso for o conceito de história e de crítica literária, mais fácil será manipular e fantasiar a história. Mas, como dizia um teólogo moderno e progressista, a verdade é que a história sempre se revestiu, ontem e hoje, de grandes mentiras e manipulações. A primeira advém do fato de sempre ter sido escrita pelos vencedores e nunca pelos vencidos, pelos homens e nunca pelas mulheres.

No futuro, os historiadores terão de escrever a história consultando os jornais, as revistas, os noticiários da televisão e a própria Internet. E que visão dos fatos poderão apresentar esses historiadores do futuro, segundo o meio de

comunicação que lhes servir de fonte? Seria interessante sabê-lo. O que é certo desde já é que o conceito de histórico, ontem e hoje, é apenas uma aproximação parcial e ideológica dos fatos, de qualquer espécie, até dos que temos diante dos olhos, que, no mínimo, cada um interpretará à seu modo e segundo o que mais lhe convier psicológica, social ou politicamente.

Por outro lado, por mais que por vezes queiramos fantasiar algumas coisas da vida, o certo é que a experiência ensina que a realidade costuma ser mais forte que a maior das fantasias, aderindo com força às dobras mais ocultas da história. Certos pedaços de verdade muitas vezes vêm à tona dos abismos das piores manipulações. Esse parece ser o caso da existência real de Jesus.

A Igreja costuma dizer que para ela o que importa não são as provas científicas da historicidade de Jesus, e sim a fé nele. E que, mais do que no Jesus histórico, ela está interessada no Jesus da fé. E ela faz bem, do seu ponto de vista, pois do Jesus real mal sabemos que nasceu numa aldeia palestina chamada Nazaré e que foi crucificado no reinado de Tibério, sobretudo por ser um rebelde. Para a Igreja, isso dá e sobra. Todo o resto entra nas sombras e no mistério da fé, onde ela reina soberana e não há lugar para a história.

Capítulo 3

OS EVANGELHOS SÃO CONFIÁVEIS?

Vimos que as fontes históricas não-cristãs, tanto judias como romanas, praticamente ignoram a pessoa do profeta de Nazaré, que, depois da morte, tanto influenciaria a história da humanidade. A pergunta que qualquer cidadão comum deve se fazer é: de onde vêm, então, as informações tão detalhadas apresentadas pela Igreja sobre a vida e a morte do judeu Jesus que deu origem ao cristianismo? Sem dúvida, dos escritos cristãos ou canônicos que se encontram no Novo Testamento, assim chamado para distingui-lo do Antigo Testamento, constituído pela série de escritos da religião judaica, anteriores ao nascimento de Jesus. Juntos, esses textos formam o que se conhece como Bíblia.

Do Novo Testamento fazem parte, entre outros, os quatro evangelhos, que são os textos mais conhecidos pelo grande público. São atribuídos a Marcos, Mateus, Lucas e João. Mas, na realidade, ignora-se quem os escreveu. Junto dos evangelhos aparecem as 13 cartas de São Paulo e outras oito: uma dirigida aos hebreus; outra erroneamente atribuída ao apóstolo Santiago; duas atribuídas a Pedro — também sem fundamento, já que nelas fica claro, por exemplo, que o autor não conheceu Jesus pessoalmente —; três atribuídas ao apóstolo João, também não escritas por ele, e uma última atribuída a São

Judas Tadeu, mas também de autor desconhecido.

Pertencem igualmente ao Novo Testamento os *Atos dos apóstolos*, que parecem ter sido escritos por Lucas, o mesmo que escreveu o terceiro evangelho, e, por último, o *Apocalipse*, atribuído ao apóstolo São João, mas cuja autoria desconhecemos, embora possa ter sido de fato escrito pelo quarto evangelista.

Como os quatro evangelhos atuais foram reconhecidos como inspirados?

Esses 27 textos são os únicos reconhecidos pela Igreja Católica como autênticos. O que isso significa? Que existem muitos outros evangelhos (mais de cem) e escritos, atribuídos a outros tantos personagens das primeiras comunidades cristãs, que a Igreja oficial não reconheceu como "inspirados". Na verdade, trata-se de escritos que, no momento de se decidir quais seriam introduzidos como textos canônicos ou oficiais, pareciam menos confiáveis que os outros. São os chamados "evangelhos apócrifos" que acabaram sendo considerados, injustamente, falsos. Alguns são citados pelos primeiros Padres da Igreja e ainda hoje continuam a ser estudados por não poucos biblicistas. A maior parte deles desapareceu e de alguns se conservam apenas fragmentos. É evidente que esses evangelhos também recolhiam as tradições orais das primeiras comunidades.

A história de como os quatro evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João foram escolhidos pela Igreja como autênticos e inspirados dentre os mais de cem que então existiam é muito interessante. Um dos critérios da escolha foi o dos milagres. Segundo a Igreja, alguns dos prodígios dos evangelhos apócrifos eram pouco sérios ou muito fantasiosos. Mas houve outros motivos para decidir que somente os quatro evangelhos escolhidos tinham sido inspirados pelo Espírito Santo e os outros não.

Os quatro foram escolhidos entre cerca de sessenta. Santo Irineu, no ano 205, assim o explicou: "O Evangelho é o pilar da Igreja. A Igreja está espalhada pelo mundo inteiro e o mundo tem quatro regiões. Convém, portanto que existam quatro evangelhos." E também: "O Evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e, assim como existem quatro pontos cardeais, também devem existir quatro evangelhos." Além disso, "o Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, e os querubins têm quatro formas, por isso o Verbo obsequiou-nos com quatro evangelhos". Curiosamente, os quatro escolhidos só foram aceitos pelos Padres da Igreja pouco antes de serem declarados inspirados.

A decisão oficial foi tomada no Concílio de Nicéia do ano 325, graças a um milagre, como se conta na obra intitulada *Libelus syndicus*. O milagre foi que, dentre todos os evangelhos que existiam, os quatro que conhecemos hoje como inspirados foram voando sozinhos até o altar.

Outra versão diz que colocaram todos os evangelhos existentes sobre o altar e os apócrifos foram caindo no chão, só permanecendo os quatro escolhidos como autênticos. Uma terceira versão conta que o Espírito Santo entrou no Concílio de Nicéia sob a forma de pomba através de uma janela, sem quebrar o vidro. Lá estavam reunidos todos os bispos. A pomba pousou no ombro de cada bispo, dizendo-lhe ao ouvido em voz baixa quais eram os quatro evangelhos inspirados. E eram os de Marcos, Mateus, Lucas e João.

Por serem considerados canônicos ou oficiais pela Igreja, os livros do Novo Testamento gozaram durante séculos de credibilidade absoluta, sobretudo os quatro evangelhos, que eram tidos como quatro biografias autorizadas de Jesus. Isto é, os textos foram considerados documentos "históricos". Faz apenas dois séculos que começaram a ser vistos mais do que como documentos históricos, no sentido da historiografia moderna, como textos literários sem pretensão de contar o que Jesus fez em sua vida terrena, porém, sobretudo e principalmente o que pensavam as primeiras comunidades de cristãos sobre aquele profeta que pregava uma alternativa à sociedade rígida e fechada de seu tempo e apresentava um rosto mais paternal do Deus do Antigo Testamento.

Os evangelhos não são material histórico, e sim teológico

O fato é que não foi fácil para a Igreja oficial aceitar da noite para o dia que os evangelhos não eram matéria histórica, e sim teológica. Muitos biblicistas católicos foram perseguidos por terem se somado ao grupo dos que defendiam uma análise dos evangelhos objetiva e despida de falsos temores e pudores, que estudasse os textos à luz dos critérios modernos de historicidade. Mas por fim teve de se render aos avanços da crítica literária aplicada também aos quatro evangelhos. Estudados sob o prisma do que se considera um documento histórico, viu-se depois que os evangelhos eram outra coisa.

Os três primeiros foram chamados sinóticos, do grego *syn-orao*, que significa "ver conjuntamente". Isto porque, colocados em colunas paralelas, pode-se acompanhar nos três a mesma narração com uma estrutura muito semelhante. Ainda assim, apresentam não poucas divergências ao narrar um mesmo fato ou ao citar uma mesma fala de Jesus. Isto sem falar do quarto, atribuído a São João, que, sendo o autor do mais tardio dos evangelhos, deve ter conhecido os três anteriores e, no entanto, por vezes segue uma trilha bem divergente. Sobre essas divergências escreve Dominic Crossan: "As diferenças e discrepâncias entre os vários relatos e versões não se devem predominantemente aos caprichos da memória, nem a divergências quanto ao destaque dado a cada coisa, mas a

diferentes interpretações teológicas
perfeitamente conscientes da figura de Jesus."

Por exemplo, da narração dos fatos ocorridos durante o julgamento de Jesus pelas autoridades judias e romanas, de sua morte e de sua suposta ressurreição, existem, como muito bem observou Paul Win ter em *Sobre o processo de Jesus*, mais de sete versões diferentes. E uma pergunta logo nos assalta: como é possível que haja tantas diferenças e até contradições entre fatos tão importantes para os primeiros cristãos que os apóstolos, suas testemunhas oculares, deveriam tê-los transmitido com grande exatidão? Justamente porque quem escreveu os evangelhos não pretendia fazer um trabalho de cunho histórico e sim teológico. Assim, cada evangelista adaptou os acontecimentos a seus interlocutores — o que não significa falseá-los maliciosamente como pensaram alguns — para melhor defender a tese de fé teológica que desejava transmitir.

Basta um único exemplo: as primeiras comunidades cristãs, formadas ainda exclusivamente por judeus que decidiram seguir os novos ensinamentos de Jesus, mas sem abandonar de todo sua antiga religião judaica, foram muito atacadas pela antiga seita dos fariseus que viam nelas uma heresia e um perigo para a ortodoxia judaica. Essa animosidade dos fariseus contra os primeiros cristãos condicionaria depois, segundo muitos biblicistas, algumas passagens dos evangelhos em que se atribui aos fariseus uma quase obsessiva

animosidade contra Jesus, que provavelmente não existiu, ou pelo menos não nesse grau. E até se aventa a hipótese de que, de início, Jesus pertencesse à seita dos fariseus e que justamente por isso tinha com eles violentas discussões sobre os tópicos da Lei judaica que eram tomados ao pé da letra e que Jesus tentava abrir a novas perspectivas universalistas.

Curiosamente, os fariseus não estão envolvidos na condenação de Jesus à morte. Alguns deles até convidavam Jesus para comer em sua casa. Só depois, ao iniciar-se a luta dos fariseus contra os primeiros seguidores do Mestre, é que aqueles se transformam nos grandes inimigos dos cristãos. E isso se refletiu nos evangelhos, onde se atribuem aos fariseus os mais variados ataques contra Jesus. Isto para mostrar às primeiras comunidades cristãs que os fariseus que os perseguiam já haviam sido os grandes detratores do Mestre em vida.

Uma pergunta que alguém poderia fazer é se os evangelhos, mesmo não sendo verdadeiras biografias de Jesus, não refletem igualmente muitos aspectos reais de sua vida, pois tampouco são meros tratados de pura especulação teológica ou mística, mas relatos de fatos muito concretos de sua vida. Foi tudo inventado? Não. Na verdade, os evangelistas, mesmo com um critério de historicidade muito diferente do nosso, pensam narrar a vida de Jesus nos evangelhos. O autor de *Atos dos apóstolos*, que poderia ser o próprio Lucas do terceiro evangelho, começa dizendo a Teófilo, o

destinatário de seu escrito, que em seu primeiro livro (o Evangelho) tratou de "tudo o que Jesus fez e ensinou do princípio até o dia em que subiu ao céu". Claro que não é verdade. Ignora, por exemplo, entre outras coisas, mais de 18 anos da vida do profeta, isto é, toda sua infância e juventude, ao mesmo tempo em que narra fatos reais adaptando-os aos objetivos de sua pregação. O problema é que, para os evangelistas, mais importante que os fatos era sua interpretação.

Não conhecemos as versões originais dos evangelhos

Para entender melhor tudo isso é preciso remontar à época em que, provavelmente, esses evangelhos foram escritos. Em primeiro lugar, as versões originais não existem. O de Mateus, por exemplo, que hoje temos em grego, pode ter sido escrito em aramaico. E, como já dissemos, seus verdadeiros autores são desconhecidos. O nome "evangelho" já indica que não se tratava de traçar uma verdadeira história de Jesus e sim de "anunciar" aos novos crentes uma "boa nova", que é o que a palavra significa em grego.

Num tempo mais remoto, e tal como aparece na *Odisséia* de Homero, "evangelho" significava "o presente que se dava ao portador de uma boa notícia" ou "o sacrifício feito em ação de graças por recebê-la". Entre os primeiros cristãos, "evangelho" significava a Boa Nova, com maiúscula, a Grande Notícia, isto é, o anúncio de que Jesus, o Messias esperado pelos profetas de

Israel, fizera-se realidade histórica e estava sendo anunciado pelos apóstolos aos gentios e pagãos. É só a partir do século II d.C. que a palavra passou a designar os escritos que falavam desta Boa Nova.

O fato de os quatro evangelhos, os mais teológicos e os escolhidos oficialmente pela Igreja, serem mais um anúncio religioso que uma narração histórica deu margem ao surgimento dos chamados evangelhos "apócrifos", que pretendem preencher as lacunas dos oficiais, contando nos mínimos detalhes principalmente a infância e a juventude de Jesus, período sobre o qual os evangelhos canônicos não dizem uma única palavra. Teriam eles recolhido elementos da tradição desprezados pelos evangelistas oficiais, por parecerem irrelevantes para seus objetivos teológicos? Ou teriam sido simplesmente inventados para responder às perguntas dos mais curiosos? Impossível saber.

As contradições internas dos evangelhos. Quando foram escritos?

A preocupação da Igreja com as contradições existentes entre os vários evangelhos ao narrar os feitos e ditos de Jesus (nem sequer o famoso pai-nosso e o importante sermão das bem-aventuranças aparecem da mesma forma) é comprovada pelo esforço de resolvê-las, empreendido, já em meados do século II por Taciano. Porque este, que era discípulo de São Justino, teve a insólita idéia de fundir os evange-

Ihos num único livro sem divergências. Intitulou-o *Diatessaron*. Parece que a obra foi escrita em sírio entre 170 e 180 d.C. Depois foi traduzida para o grego e é conhecida como o evangelho "dos fundidos". Fiel à sua filiação à seita dos gnósticos, Taciano elimina dos evangelhos todas as alusões que pudessem servir à acusação de "comilão e beberrão" que alguns faziam a Jesus. Mais tarde, o próprio santo Agostinho, preocupado com as discrepâncias entre os evangelhos, escreveu um livro argumentando que se tratava de diferenças menores. O famoso bispo africano, convertido ao cristianismo depois de uma vida mundana e dissoluta, escreve que, ante um texto bíblico que possa parecer discrepante da verdade, ele não hesitaria em concluir que "ou o manuscrito é defeituoso, ou o texto original foi mal traduzido, ou não o entendi". Isso demonstra a preocupação que, já naquela época, os próprios Padres da Igreja tinham em relação a textos que eles piamente acreditavam serem históricos e que, justamente por isso, não entendiam como podiam conter contradições ou discrepâncias às vezes gritantes.

O evangelho de Marcos é o mais antigo?

Mas quando e como nascem os evangelhos e os demais documentos do Novo Testamento? Quanto às datas, sua fixação sempre deu dores de cabeça aos especialistas. As discrepâncias entre elas chegam às vezes a trinta e até quarenta anos. Atualmente, porém, existe uma

espécie de consenso de que esses textos foram escritos no período entre 60 e 90 d.C., isto é, que são um tanto tardios.

O evangelho atribuído a Marcos parece ser o mais antigo e poderia ter sido escrito por volta do ano 60. Certamente antes de 70. Isso significa que deve ser considerado o mais "histórico" ou o mais fiel? Os biblicistas dizem que não, que está longe de ser o mais histórico, pois sua missão evidente é apresentar Jesus como o Messias. Todo ele está centrado na paixão de Cristo e na questão do sofrimento. E isso provavelmente porque foi escrito no ano 64, pouco depois de Nero ter acusado os cristãos de incendiarem Roma e depois do martírio de Pedro e Paulo. Marcos escreve o evangelho com o propósito de preparar os cristãos perseguidos para a gloriosa segunda vinda do Messias. Essa missão condiciona muitos dos feitos e ditos de Jesus narrados em seu evangelho.

Pensou-se que Marcos poderia ter sido intérprete e secretário de Pedro, mas essa hipótese foi descartada porque ele parece não conhecer bem a Palestina nem os arredores de Jerusalém, o que seria impossível para alguém que tivesse convivido de perto com o apóstolo. Acredita-se por isso que pode tratar-se de um cristão anônimo, de origem pagã. É muito provável que tenha vivido em Roma ou em Alexandria. Quanto à hipótese, que circulou durante muito tempo, de que Marcos teria utilizado uma fonte de dados sobre Jesus mais antiga que a dos outros sinóticos, hoje não há como demonstrá-la. E

mais: há, por exemplo, uma passagem em que se vê claramente que Lucas, o terceiro dos evangelistas, que escreveu depois de Marcos, usou uma fonte mais antiga que este. Refiro-me à passagem da paixão em que Marcos afirma que o senado judeu, o Sinédrio, formado por 71 membros, reuniu-se na casa do sumo sacerdote na noite seguinte à prisão de Jesus, o que não pode ser verdade, pois contradiz todas as informações dos historiadores da época e do próprio Talmud.

Em nenhum dos antigos documentos rabínicos se encontra uma única referência à reunião do Sinédrio na casa do sumo sacerdote. De fato, no evangelho de Lucas se diz explicitamente que o Sinédrio se reuniu de manhã, não à noite, e na Casa do Conselho Oficial. E muito provável que Lucas tenha corrigido a passagem de Marcos baseando-se numa versão mais antiga porque, além disso, não são apenas os fatos concretos que divergem, mas também o próprio vocabulário. O que leva Winter a afirmar: "As diferenças são muito grandes para serem gratuitas e não podem ser atribuídas a uma simples reescritura de Marcos por parte de Lucas. O terceiro evangelho deve ter-se baseado, portanto, numa narração da paixão anterior à de Marcos."

Existiu um evangelho secreto de Marcos antes do canônico e um evangelho erótico?

Isso sem falar que há quem sustente que existiu um anterior e secreto evangelho de Marcos que foi censurado. Sobre esse assunto existe toda uma polêmica entre os especialistas. Há quem acredite que o Marcos secreto, e depois censurado, é posterior ao canônico e oficial, e há quem pense o contrário. Segundo Crossan, o Marcos secreto é anterior. É citado nos fragmentos de uma carta de Clemente de Alexandria escrita em fins do século II, descoberta em 1958 por Morton Smith, da Universidade da Califórnia, num mosteiro ortodoxo situado entre Belém e o mar Morto.

Há uma passagem muito concreta em que o Marcos secreto difere claramente do Marcos oficial e posterior. Um texto que criou muitos problemas, pois houve algumas seitas, como os carpocracianos, que o interpretaram numa perspectiva homossexual ou erótica. Por isso deve ter desaparecido da versão oficial posterior. O texto é o seguinte:

"E chegaram a Betânia. Havia ali uma mulher cujo irmão morrera. Aproximando-se de Jesus, ajoelhou-se diante dele e disse: 'Filho de Davi, tem misericórdia de mim.' Mas os discípulos a afastaram. Jesus, encolerizado, saiu com ela para o horto onde estava o túmulo e logo se ouviu um grande grito vindo dali. Jesus aproximou-se e retirou a pedra da entrada do túmulo. E depois, entrando onde estava o jovem, estendeu a mão e o ressuscitou tomando-o pela mão. Erguendo os olhos, o jovem o amou e lhe pediu que o deixasse ficar com ele. E ao sair do túmulo

entraram na casa do jovem, que era rico. Passados seis dias, Jesus disse ao jovem o que devia fazer, e à noite este veio a ele com um vestido de linho sobre o corpo nu. E ficaram juntos aquela noite, pois Jesus ensinou-lhe o mistério do reino de Deus. E depois, levantando-se, voltou-se para as margens do Jordão."

Alguns exegetas, entre eles Crossan, crêem que essa versão constava do Marcos secreto e que depois foi censurada. Pensa-se que podia tratar-se de um texto usado durante o rito nudista do batismo, e que por isso alguns fiéis lhe deram uma interpretação de cunho erótico, o que acabou fazendo com que desaparecesse da versão canônica. Mas há quem acredite que, mais do que eliminado, esse texto foi diluído aqui e ali no evangelho oficial de Marcos. Haveria vestígios dele, por exemplo, no curioso episódio em que Marcos conta que, quando Jesus foi detido no Horto das Oliveiras, "desamparando-o seus discípulos fugiram todos", mas que "ia-o seguindo um mancebo, coberto com um lençol sobre o corpo nu", que ao ser preso, "largando o lençol, escapou-lhes nu".

Crossan chega a sustentar que no tempo de Clemente de Alexandria havia três versões do evangelho de Marcos, o secreto, o canônico e o erótico, e que o Marcos secreto deve ter desempenhado um papel importante na liturgia do batismo, pois, do contrário, teria sido destruído. Desses e de outros textos se depreende, além disso, que Jesus não batizava, limitando-se a curar os doentes, e que não havia

fundamento para a leitura homossexual do batismo nudista, feita por algumas seitas dissidentes.

Tudo isso mostra a riqueza de textos que hoje teríamos se a Igreja, em vez de limitar-se a aprovar apenas quatro evangelhos canônicos, tivesse respeitado, sem censurar nem destruir, tantos outros textos que as primeiras comunidades cristãs utilizavam tão naturalmente como os que depois seriam "canonizados", transformando os demais em heréticos que mereciam ser queimados. Como de fato o foram.

O evangelho de Lucas apresenta a compaixão de Jesus

Acredita-se que o evangelho de Lucas, um dos três sinóticos, tenha sido escrito por um médico, dada a atenção e o conhecimento que ele demonstra nas questões da saúde. Deveria tratar-se, além disso, de uma pessoa de alma sensível, já que realça os aspectos mais humanos de Jesus. Dedicou-se a apresentar para os gentios que começavam a se interessar pela nova religião a bondade e a misericórdia de Jesus em relação aos pecadores e humilhados. Por isso acredita-se que Lucas já não pertencia à primeiríssima comunidade judaico-cristã, isto é, àquele grupo de cristãos herdeiros diretos dos apóstolos, que eram todos judeus e cuja única preocupação, como veremos, era tentar conciliar o judaísmo antigo com as novas doutrinas do Mestre Jesus. Tanto que, de início, houve dúvidas

quanto à obrigatoriedade da circuncisão dos pagãos que quisessem ingressar na nova seita.

O evangelho de Lucas segue outra trilha. Tenta resgatar Jesus mais como um judeu que revia o judaísmo para torná-lo mais universal e menos escravo das normas, como um personagem novo. Em seu evangelho há passagens significativas, que não se encontram nos outros evangelistas, referentes, por exemplo, à grande liberdade de Jesus com as mulheres, um testamento social totalmente desprezado na época. Como na cena em que Jesus almoçava na casa de um fariseu e uma prostituta se atira a seus pés, unguindo-os com bálsamo de um frasco de alabastro. Jesus defende-a das críticas dos comensais dizendo-lhe que seus muitos pecados haviam sido perdoados.

Por meio de Lucas sabemos, além disso, que na comitiva de discípulos que acompanhavam Jesus durante sua pregação havia "também algumas mulheres, que ele tinha livrado de espíritos malignos e de enfermidades", o que é igualmente insólito para a época. Entre elas cita Maria Madalena, de quem diz que Jesus expulsara sete demônios. É também por meio dele que conhecemos a famosa parábola do samaritano. Lucas é também considerado o evangelista que melhor ressaltou a necessidade de despojar-se das riquezas e do supérfluo para poder seguir a doutrina de Jesus.

A coleção de mais de duzentas frases atribuídas a Jesus (Fonte Q)

É bem provável que, para escrever seus evangelhos, Lucas e Mateus tenham recorrido à chamada Fonte Q, ou Evangelho Q, uma espécie de coleção de mais de duzentas frases atribuídas a Jesus. Teriam sido pronunciadas por ele ao longo da vida e transmitidas primeiro oralmente, depois por escrito. Esta coleção foi conhecida originalmente como *Quelle* ("fonte", em alemão), nome dado por H. J. Holtzmann em 1861 e que J. Weiss abreviaria definitivamente como Q, tal como é hoje conhecida.

Trata-se de um documento muito importante, provavelmente um dos mais primitivos da primeira comunidade judaico-cristã, que deve ter desaparecido depois da escritura dos evangelhos de Mateus e Lucas. É pena não ter chegado até nós, pois não sabemos se os evangelistas a usaram literalmente ou se modificaram algumas de suas partes. Tampouco sabemos se continha frases atribuídas a Jesus, mas que, por motivos particulares, não foram incorporadas aos evangelhos e, portanto, desapareceram para sempre. Parece que a fonte Q começou a ser escrita em aramaico e terminou em grego, que é o texto que Mateus e Lucas utilizam.

O evangelho de Mateus, que fascinou o cineasta Pasolini

O evangelho que costuma ser o primeiro a aparecer no Novo Testamento foi atribuído pela tradição ao apóstolo Mateus, o coletor de impostos. Segundo Eusébio, Mateus pregou por 15 anos na Palestina e, antes de ir pregar em outras regiões, escreveu seu evangelho. Calcula-se que foi escrito em 80 d.C., depois do de Marcos, e tampouco se tem certeza absoluta de que o autor seja o apóstolo. É possível que tenha existido uma versão original desse evangelho em aramaico, anterior à versão grega que chegou até nós. Foi construído em parte com o evangelho de Marcos e em parte com a Fonte Q. Era dirigido a um público do âmbito judaico-cristão, revelando preocupação pela redução do número de cristãos de origem judaica em relação aos de origem pagã, o que acabaria rompendo o equilíbrio existente até então.

Os apóstolos são apresentados com uma aura de grande dignidade, certamente para dar importância ao cristianismo mais primitivo, baseado nos apóstolos, que eram todos judeus. Nesse evangelho prevalece a idéia de que o cristianismo propõe uma justiça superior à do Antigo Testamento e mais limpa que a dos escribas e fariseus, que reduziram a religião judaica a meras fórmulas. Na verdade, Mateus tenta apresentar a nova doutrina de Jesus como o aperfeiçoamento da Lei de Moisés e dos profetas, que poderia ser resumida nos dois mandamentos fundamentais de amor a Deus e amor ao próximo.

Segundo esse Evangelho, Jesus ensinou com autoridade, era o Messias anunciado e esperado e trazia a salvação para todos. Foi esse o evangelho que tanto fascinou o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, que, apesar de ser ateu, quis adaptá-lo ao cinema, realizando uma de suas melhores obras. No filme, Pasolini quis que Maria fosse representada por sua própria mãe. A obra nasceu de um desafio que Giovanni Rossi, o sacerdote iluminado e fundador da Pro-Civitate Christiana de Assis, na Itália, fez ao cineasta comunista. Ofereceu-lhe hospedagem em sua comunidade encorajando-o a ler os evangelhos. Pasolini aceitou o desafio. Dedicou três dias à leitura, e quando saiu foi direto rodar *O evangelho segundo Mateus*.

Para que se tenha uma idéia da estreita relação existente entre os três evangelhos sinóticos, pode-se lembrar que há 340 passagens comuns entre Lucas e Mateus, 175 entre Marcos e Mateus e 50 entre Marcos e Lucas. O evangelho de Mateus contém 1.070 versículos: uns 330 próprios, uns 350 em comum com os de Marcos e Lucas, cerca de 175 em comum com Marcos e 235 em comum com Lucas. E Lucas contém 1.158 versículos: 541 próprios, uns 350 em comum com Mateus e Marcos, perto de 75 em comum com Mateus e 50 com Marcos.

O evangelho de João ou o evangelho do "Verbo"

O último dos evangelhos, escrito por volta dos anos 90 d.C., é o de João, falsamente atribuído ao chamado "discípulo amado", o único dos 12 do qual não se sabe se foi casado. Modernamente, no entanto, alguns autores, entre eles César Vidal, inclinam-se a aceitar a tese de que teria sido realmente escrito pelo apóstolo João. Para tanto, consideram a evidência de o evangelista aparecer como testemunha ocular de alguns fatos e que sua língua é o aramaico, embora escrevesse corretamente em grego.

César Vidal afirma que, mesmo que não fosse o apóstolo João, deveria tratar-se de algum discípulo muito próximo de Jesus. Seja como for, não se sabe ao certo quem é o autor desse evangelho, que é o que mais difere dos outros. Pode ter sido escrito pelo mesmo autor do *Apocalipse*. Trata-se de um texto que não segue a linha dos três evangelhos sinóticos. É como um evangelho à parte, construído sobre o problema filosófico-teológico de que primeiro era o Verbo, que era Deus. Foi chamado de "evangelho espiritual". É o menos histórico de todos. Mais que sermões de Jesus, o que ele apresenta são sermões sobre Jesus. Sua escassez de narração se deve, sobretudo, à sua tese teológica. Nesse evangelho se percebem não poucas influências da seita dos gnósticos.

O substrato histórico dos evangelhos

Mas se os quatro evangelhos não são quatro biografias de Jesus de Nazaré, não podendo, portanto, ser considerados documentos históricos, não resta dúvida de que só por meio deles podemos saber um pouco da vida e da personalidade do profeta judeu, sobretudo no que se refere à sua atividade pública.

Todos os autores modernos concordam em que neles sobreviveu, apesar de todas as manipulações teológicas por que passaram, o substrato de uma primeira tradição oral que foi passando de um discípulo para outro, pois seria muito estranho que os primeiros cristãos que conheceram os apóstolos pessoalmente não se interessassem por saber quem tinha sido Jesus em sua vida concreta. Antes de se fixarem nos evangelhos, portanto, muitas daquelas informações devem ter passado de pai para filho e ter sido objeto das pregações dos cristãos primitivos.

Se bem que os especialistas também concordam em que é quase impossível saber ao certo quais os feitos e ditos de Jesus narrados pelos evangelhos que podem ser atribuídos a ele, dada a grande quantidade de filtros por que as narrações passaram antes de serem transcritas. Nesse ponto, cada um dos biblicistas tem sua hipótese para tentar extrair dos evangelhos aquilo que possam conter de autêntico. E mesmo sobre aqueles feitos ou ditos consensualmente históricos, nunca se saberá seu grau de fidelidade, dadas as discrepâncias entre os evangelistas que os narram.

Se os evangelhos, que durante 18 séculos foram considerados autênticas biografias históricas de Jesus, são antes textos literários que refletem a fé dos primeiros cristãos, os outros livros do Novo Testamento, das *Epístolas* ao *Apocalipse*, passando pelos *Atos dos apóstolos*, contêm ainda menos material histórico. Sua função é refletir a atividade missionária dos primeiros discípulos e as polêmicas que começavam a surgir entre as primeiras comunidades cristãs ao terem de apresentar sua nova fé a outros povos, estranhos a Israel e ao judaísmo.

Por isso os especialistas costumam dizer que, na verdade, não existe apenas um Jesus histórico, mas muitos, tantos quantos são os fragmentos de seu retrato retocado ao longo dos primeiros séculos depois de sua morte.

Capítulo 4

O QUE REALMENTE SE SABE DE JESUS

Sempre se disse que a única coisa certa sobre Jesus de Nazaré, se tanto, é que ele nasceu na Palestina e morreu crucificado em Jerusalém. Contudo, sabemos mais algumas poucas coisas sobre sua vida, embora, sem dúvida, o que ignoramos é muito mais, pois mesmo aquilo que oficialmente é tido como certo conta apenas com certo grau de credibilidade, nunca de certeza absoluta.

O que se tem como certo foi extraído, como dissemos, dos evangelhos, sobretudo dos de

Mateus, Marcos e Lucas, mas também do de João. Esses textos, apesar de serem mais literários e teológicos, também deixaram algumas pistas da vida e dos ditos do profeta judeu. Curiosamente, alguns fatos da vida de Jesus que inspiraram não poucas obras de arte e fazem parte do imaginário coletivo não pertencem aos evangelhos oficiais e sim aos chamados “apócrifos”.

Não se sabe quando nem onde Jesus nasceu

Por isso, tudo o que se sabe sobre Jesus, a começar pelo seu nascimento, ou pertence às passagens dos evangelhos canônicos consideradas menos confiáveis, ou aos apócrifos. Assim, não sabemos realmente nem o ano, nem o dia, nem o lugar onde Maria, a mãe de Jesus, o trouxe ao mundo. Quanto ao ano, parece que foi durante o reinado de Herodes, antes, portanto, do ano zero da era cristã, já que Herodes morreu no ano 4 a.C. Assim, o monge Dionísio, o Exíguo, no século IV, ao mudar o calendário para fazê-lo começar no nascimento de Cristo, errou quatro anos, no mínimo.

Sem dúvida, Jesus não nasceu em 25 de dezembro, e provavelmente nem sequer no inverno, pois, se for verdade o que Lucas relata, os pastores tinham seus rebanhos fora dos estábulos, o que seria impossível no frio de dezembro. Nenhum evangelista cita essa data, embora seja o dia em que se comemora o Natal em todo o mundo cristão. Acontece que, como a

Igreja tinha que escolher uma data, optou por aquela em que se celebrava a festa do Sol, que por sua vez coincidia com o nascimento do deus pagão Mitra. E hoje tudo leva a crer que Jesus não nasceu em Belém, como afirmam os evangelhos de Mateus e Lucas (Marcos e João nem mencionam seu nascimento), mas em Nazaré.

Segundo alguns biblicistas modernos, como Antonio Pinero, a notícia de que Jesus nasceu em Belém deve-se à intenção de fazer coincidir o nascimento do Messias com a profecia de Miquéias, tal como aparece na Bíblia, que diz o seguinte: "E tu, Belém Efrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá! Mas de ti há de sair aquele que há de reinar em Israel", justamente um texto citado por Mateus quando narra o episódio do nascimento.

É a partir daí que Mateus e Lucas constroem o relato do nascimento em Belém. Mas de maneira bem diferente. Mateus fala da ira de Herodes que ordena a matança dos inocentes, o que Lucas ignora. Lucas, ao contrário, fala de um recenseamento decretado por César Augusto, que seria o motivo de os pais de Jesus se mudarem para Belém, fato que Mateus ignora. E, de fato, parece que não há provas históricas da existência desse censo naquela época e naquele lugar. Crossan diz isso com todas as letras: "Nunca houve um censo geral no tempo de Augusto." Além do mais, o censo tinha uma finalidade fiscal, e cadastrar alguém longe de seu

local de trabalho teria significado um verdadeiro pesadelo para a burocracia.

O mais provável é que Jesus tenha nascido em Nazaré. De fato, nos evangelhos ele nunca é chamado de "Jesus de Belém" e sim de "Jesus de Nazaré", que era como se costumava chamar as pessoas, ou seja, pelo lugar de nascimento ou pelo nome do pai. Neste caso, ele teria sido "Jesus de José", mas nunca foi chamado assim, provavelmente porque, como se sabe, os evangelistas não davam importância a São José, que é apresentado acima de tudo como um velho, devido à importância atribuída à virgindade de Maria antes e depois do parto. Curiosamente, o pai de Jesus é o grande desconhecido nos evangelhos e em toda a tradição cristã. Talvez por isso existam tantas lendas extra-oficiais sobre sua pessoa.

Mesmo nos evangelhos, perde-se a pista de Jesus depois de seu nascimento, reaparecendo só depois de trinta anos, para dar início à sua vida pública. Há um único episódio dele rapaz, aos 12 anos: o da visita ao Templo de Jerusalém, quando se perde dos pais e é encontrado três dias depois, sentado entre os doutores da Lei, discutindo com eles. É a cena em que Jesus recrimina aos pais o fato de o procurarem. Um relato de conteúdo muito mais apologético e teológico que histórico.

A verdade é que só os evangelhos apócrifos falam da infância e da juventude de Jesus. O que fez ele durante esses mais de vinte anos?

Ninguém sabe. O que há são hipóteses, algumas absurdas.

Jesus teve irmãos e irmãs?

Jesus teve irmãos? Constituiu sua própria família? E muito pouco o que sabemos. Parece que a única certeza é que ele teve, pelo menos, quatro irmãos: Santiago, José, Judas e Simão, como aparece no evangelho de Marcos. E também algumas irmãs, cujos nomes não são citados provavelmente porque, naquele tempo, a mulher quase não tinha importância na vida familiar e social.

Embora os irmãos e irmãs de Jesus sejam citados por um dos evangelistas canônicos, a Igreja Católica, para pregar a virgindade de Maria antes e depois do nascimento de Jesus, nunca aceitou essa hipótese. Para contornar o problema, inexistente para os protestantes que aceitam o texto literal e não vêem inconveniente no fato de Jesus ter irmãos, os católicos explicam o fato dizendo que o evangelista Marcos se referia aos "primos" de Jesus e não a seus irmãos. Mas, como se sabe, o texto em grego, língua em que esse evangelho foi escrito, fala claramente de irmãos e não de primos. Outra hipótese aventada para evitar a idéia de Maria ter outros filhos é que se tratariam de meio-irmãos, isto é, de filhos de um casamento anterior de José, seu pai, que era viúvo.

A Igreja Católica sempre teve muitos atritos com os protestantes por causa desse assunto. E hoje

muitos bíblicistas católicos já explicam a virgindade da mãe de Jesus de uma maneira simbólica. Acreditam que o profeta de Nazaré nasceu de uma mulher normal, como todos os humanos. E que o tema do parto virginal é antiqüíssimo, encontrando-se em muitas religiões muito anteriores a Jesus. Segundo os historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antigüidade, que a criança seria um personagem importante. Por isso, os evangelistas, tendo que anunciar aos primeiros cristãos que Jesus era o Messias prometido pelos profetas ao povo de Israel, explicaram-no dizendo que nascera de uma mulher virgem.

Foi carpinteiro ou pedreiro?

Quanto à possível profissão de Jesus durante os chamados "anos obscuros" de sua vida oculta, há nos evangelhos apenas uma alusão ao fato de exercer a mesma profissão do pai, que não se sabe se era carpinteiro ou pedreiro. Em ambos os casos tratava-se, naquela época, de um trabalho inferior, de pobre, já que os ricos não faziam trabalhos braçais ou manuais, reservados aos escravos. A hipótese de que a família de Jesus pertencesse à casa de Davi ou à realeza também foi descartada. Pertencia, sim, a uma família muito pobre que vivia em Nazaré, uma espécie de aldeia tão insignificante que não consta de nenhum mapa da época. Talvez por isso os adversários de Jesus costumavam se perguntar se de Nazaré poderia vir algo de bom.

No Antigo Testamento há uma lista das cidades da tribo de Zabulão, mas Nazaré nunca é mencionada. E o historiador Flávio Josefo, que era o responsável pelas operações militares na região durante a guerra dos judeus, cita 45 cidades da Galiléia, mas não Nazaré. Por sua vez, no Talmud, o texto de interpretações rabínicas, são mencionadas 65 cidades galiléias, e Nazaré tampouco aparece.

Portanto, nada se pode saber sobre Nazaré nos textos literários hebreus escritos há 1.500 anos. A primeira alusão histórica à cidade natal de Jesus aparece, segundo registra Crossan, numa inscrição fragmentária gravada sobre uma lasca de mármore cinza-escuro, procedente de Cesaréia, descoberta em agosto de 1962 e que poderia datar do século III ou IV d.C. No texto se lê o seguinte: "A décima oitava classe sacerdotal (chamada) Hapises (estabelecida) Nazaré."

Mas a arqueologia nos deu recentemente mais notícias sobre aquela minúscula aldeia de Nazaré. Parece que foi fundada por volta do século II a.C. Ou seja, na época do nascimento de Jesus, o povoado não tinha mais que duzentos anos. A aldeia, situada a mais de 300m de altitude e com uma única fonte antiga, vivia da agricultura. Mas, embora não passasse de uma pequena aldeia, ficava a cinco quilômetros da importante cidade de Séforis. Por isso há quem pense que não estava tão isolada como se poderia imaginar, e que Jesus pôde, na juventude, conhecer cidades maiores e ter

contato com gente diferente da que habitava sua aldeia.

Jesus sabia ler e escrever?

Também não se sabe nada sobre a formação intelectual de Jesus, embora tudo leve a crer que ele sabia ler e escrever. Na verdade, ele não deixou nenhum escrito, mas conhecemos o episódio da mulher adúltera em que ele escreve com o dedo sobre a poeira do chão do Templo de Jerusalém. E a única ocasião, em toda sua vida, em que se faz referência a um escrito de Jesus.

Sem dúvida, tinha uma boa formação intelectual para a época. Conhecia muito bem as Escrituras e a literatura rabínica. Por isso podia discutir com os sacerdotes do templo, os fariseus e os saduceus, chegando até a provocá-los com as suas interpretações da Lei.

Sua língua materna era um dialeto do aramaico falado em Nazaré que só viemos a conhecer poucos anos atrás graças à descoberta, na Biblioteca Vaticana, de um manuscrito, o único que chegou até nós, que esteve perdido por séculos. Era o mesmo dialeto falado pelo apóstolo Pedro. De fato, na noite da Paixão, ele é apontado como um dos discípulos de Jesus por "usar a fala dele", isto é, de Jesus.

Ele conhecia também o aramaico e o hebraico, e é possível que até um pouco de latim e de grego. Mas nada disso sabemos com certeza. Uma das hipóteses aventada por alguns historiadores cristãos é que parece difícil que Jesus, que

estava destinado a desempenhar um papel tão relevante entre os judeus de seu tempo, mesmo sem ser sacerdote nem rabino oficial, tivesse passado mais de vinte anos dedicando-se a um trabalho braçal, sem ler nem estudar. Por isso há quem acredite que durante esses anos ele pode ter viajado para fora da Palestina. Só assim se explica que tivesse uma mente tão aberta, levando a crer que mantivera contato com outras religiões e filosofias de seu tempo, e até que tivesse sido iniciado nas artes Mágicas do Egito.

Foi casado?

Ninguém sabe ao certo quanto durou sua vida pública, que é a única de que falam os evangelistas. Segundo os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), durou só um ano e depois ele foi crucificado. Segundo o quarto evangelho, o de João, prolongou-se por três anos, já que fala de três festas de Páscoa com os discípulos. Como se explica uma diferença tão grande? É um indício da pouca importância que os evangelistas davam à precisão de tempo e lugar. Para eles, o que importava era a pregação de Jesus.

Sobre a relação de Jesus com as mulheres falaremos em outro capítulo deste livro. O que sabemos com certeza é que Jesus sempre defendeu as prostitutas contra os puritanos e que rompeu com todos os esquemas e tabus em sua relação com as mulheres, um ser que naquele tempo era totalmente desprezado. Jesus

alguma vez se casou? E, se não se casou, como isso se explica, se entre os judeus era insólito um homem não constituir uma família que lhe permitisse descendência? É verdade que ele fez milagres? Que possuía poderes especiais? Que sua ação missionária e profética irritava as elites religiosas e políticas de seu tempo?

Um dos fatos que parecem mais certos é que os humildes o seguiam com carinho e admiração, pois logo correu a notícia de que aquele profeta excêntrico dizia que não era proibido trabalhar aos sábados, o dia sagrado dos judeus, curava todos os que sofriam de alguma doença e até ressuscitava os mortos. É verdade que ele se considerava o Messias prometido? Alguma vez se considerou Deus? Na busca de resposta para essas duas últimas perguntas, correram rios de tinta.

Como era Jesus fisicamente?

Já se disse que o Jesus dos cristãos é um homem sem rosto. Os primeiros cristãos, influenciados por sua origem judia, não tinham imagens nem pinturas de Jesus. Era proibido reproduzir seu rosto. Como se pode observar nas catacumbas de Roma, onde os apóstolos e os primeiros cristãos se escondiam para fugir às perseguições dos romanos, Jesus era representado por símbolos: um peixe, um cordeiro ou principalmente um pastor. Nunca por imagens. Mas as primeiras representações de Cristo não saíram da fantasia de um artista, e sim de

algumas relíquias em que o rosto do profeta de Nazaré teria sido conservado, principalmente na hora de sua morte. Fundamentalmente da imagem que ficou impressa no famoso Santo Sudário de Turim e na Santa Face, o pano com que Verônica teria piedosamente enxugado o rosto de Jesus a caminho do Gólgota. Das duas, sem dúvida, a mais importante é o Santo Sudário, que se conserva na catedral de Turim, na Itália. É um pano de 4,36m por 1,1m. Apresenta duas imagens do mesmo homem, em tamanho natural, uma de frente e a outra de costas. Esse homem, que tem as marcas dos crucificados, mede 1,81m de altura e deveria pesar uns 77 quilos. Tem bigodes e barba comprida. E naquilo que parecem hematomas ou manchas de sangue foram descobertos vestígios de hemoglobina.

Trata-se, sem dúvida, de um documento científico curioso, sobre o qual foram feitos mil estudos e se escreveram centenas de livros. E foi submetido aos mais modernos testes computadorizados. Até a Nasa estudou o curioso tecido em seu programa Jet Propulsion Laboratory. É interessante porque a dupla imagem está em negativo, mas aparece em positivo na primeira fotografia que se fez, em 1898. Além disso, apresenta informações tridimensionais, como se alguma coisa tivesse emanado do corpo e reagido com o tecido. A imagem, além disso, não está pintada. Segundo testes químicos, não contém nenhuma tinta.

A imagem apresenta feridas nas mãos, nos pés e no flanco esquerdo. E as feridas na cabeça lembram uma coroa feita de espinhos. Seria, portanto, a imagem de um crucificado. Mas de quando data? Os primeiros testes de carbono 14, realizados em 1988, foram decepcionantes, pois segundo eles o tecido não era anterior à Idade Média. Mas em 1993 houve outro golpe teatral, com a convocatória em Roma de cientistas internacionais, entre os quais estava um prêmio Lênin, especialista russo em física nuclear e radioisótopos. Esses cientistas rejeitaram os testes de carbono 14. Mas a Igreja, prudente, absteve-se de qualquer comentário.

Uma coisa é certa: mesmo que um dia se chegue a comprovar que a curiosa dupla imagem do Santo Sudário é da época em que Cristo morreu, isso só serviria para demonstrar historicamente como os rebeldes eram crucificados na época, mas não provaria que a imagem deixada por aquele corpo pertencia a Jesus de Nazaré. Ou seja: Cristo continuaria sem rosto, já que a outra relíquia, a do tecido de Verônica, não tem valor nem mesmo para a Igreja, por aparecer nos evangelhos apócrifos.

Como foram surgindo da mão dos artistas, ao longo de 18 séculos, as infinitas imagens de Jesus? Sem dúvida, foram um reflexo dos vários momentos da história. Por exemplo, as primeiras pinturas de Jesus que apareceram depois de o cristianismo se transformar em religião de Estado no tempo dos imperadores romanos, no século IV, apresentam um Jesus glorioso, quase um

super-homem, para demonstrar que ninguém era mais poderoso que ele. Um exemplo curioso é o de uma caixa de mármore do século V em que Jesus, em algumas cenas da Paixão, carrega a cruz sem o menor esforço e aparece pregado na cruz com o rosto sereno e despreocupado.

A partir da Idade Média, quando a religião cristã quis se aproximar do povo sofrido, aconteceu exatamente o contrário. A partir desse momento, apresenta-se um Jesus sofredor e que desperta ternura e compaixão. Basta lembrar das pinturas do italiano Correggio e do espanhol Velázquez. O pintor holandês Jan Mostaert retratou Jesus com os olhos banhados em lágrimas.

Depois chegariam as imagens de Jesus ressuscitado e glorioso, como nas pinturas de Ticiano, em que o Mestre evita o contato com Maria Madalena. A exposição da National Gallery de Londres "Contemplando a salvação: a imagem de Cristo", realizada de 26 de fevereiro a 7 de maio de 2000, apresentou magistralmente essa infinita galeria de artistas que ao longo dos séculos foram "inventando" o rosto e a figura do profeta de Nazaré, que nunca saberemos como foi.

Jesus era alto ou baixo, bonito ou feio?

Há quem insista em que Jesus deveria ser mais ou menos como um judeu típico de seu tempo. E, portanto, nada de cabelo louro nem de olhos azuis. Mas é evidente que os judeus da época, assim como os de hoje, não são todos iguais: há

os altos e os baixos, os gordos e os magros, os bonitos e os menos bonitos, os louros e morenos. Como era Jesus? O Novo Testamento não dá praticamente nenhuma dica de como Jesus seria fisicamente. Só existe uma passagem no evangelho de Lucas sobre a qual alguns Padres da Igreja especularam para dizer que Jesus devia ser baixo. É a do publicano Zaqueu, que, tendo Jesus chegado a Jerico "procurava ver a Jesus, para saber quem era: e não o podia conseguir por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura. E correndo adiante, subiu a um sicômoro para o ver". Quem era de estatura baixa, Zaqueu ou Jesus? Há quem pense que, mesmo que o evangelista estivesse se referindo a Zaqueu, se Jesus fosse um homem alto, de mais de 1,80m como muitos o pintam, aquele conseguiria vê-lo. Certamente foi nesse episódio de Zaqueu que os bispos do Oriente se basearam para afirmar em sua Carta Sinodal de 839 que Jesus media 1,35m.

A única coisa que sabemos de Jesus por intermédio dos evangelhos é que ele vestia a túnica habitual dos homens de seu tempo, não de seda, mas de linho ou algodão; que calçava sandálias, usava um cajado e tinha um olhar penetrante que fixava sem vacilação nos olhos dos adversários. É possível que parecesse mais velho do que era, pois, como se lê no evangelho de João, os judeus diziam que ainda não fizera cinquenta anos, quando não podia ter mais do que trinta. O episódio da traição, em que Judas tem de beijá-lo para apontá-lo aos soldados

romanos, demonstra que ele não devia ter nenhum traço físico destacável.

Nos primeiros séculos do cristianismo prevaleceram, entre os Padres da Igreja, duas teses opostas, ambas extraídas de dois textos, também contraditórios, da Bíblia. O primeiro é do profeta Isaías que, referindo-se ao Messias prometido, diz o seguinte: "Não há nele formosura; vê-lo-emos sem atrativo para mais o desejarmos." Esse texto deu origem à idéia de que Jesus devia ser feio e desprovido de qualquer encanto. O outro texto, em que se inspiraram todos os que afirmaram que Jesus era alto, bonito e sedutor, com uma figura imponente, é o salmo em que se lê: "És o mais formoso dentre os filhos dos homens; a graça derramou-se em teus lábios; portanto Deus te abençoou para sempre".

Ao primeiro grupo, o dos que achavam que Jesus era mais feio que bonito, pertencem: são Justino, que afirma que Jesus era quase disforme; Tertuliano, que dizia que seu corpo quase não parecia o de um homem de tão feio que era; Comodiano, que o apresenta como um escravo de figura abjeta; e santo Irineu, que afirmava que Jesus era "*informus, inglorius, indecorus*".

Os adeptos da idéia do Salmo que descreve o Messias como o mais belo dentre os filhos do Homem apresentam, ao contrário, um Jesus pleno de beleza. No ano de 710, André, um cidadão de Creta, afirma que Jesus tinha "as sobancelhas juntas, os olhos belos, o rosto alongado, o corpo um pouco encurvado, mas de

boa estatura". Em 800, em Constantinopla, o monge Epitáfio, por sua parte, afirmava que "Jesus media 1,70m, tinha o cabelo louro e levemente ondulado, sobrancelhas negras, uma ligeira inclinação do pescoço, o rosto não redondo mas alongado, como o de sua mãe, com quem se parecia em tudo". São imagens tomadas das cartas de Lentulius Publius, de Jerusalém, e Nicephorus Calixtus, dirigidas ao imperador César Augusto e pertencem aos escritos apócrifos, o que demonstra que, no início, os evangelhos hoje chamados apócrifos e considerados não inspirados por Deus gozavam do mesmo respeito que todos os outros, sendo citados como fontes autênticas.

O fato é que os cristãos de hoje não estão muito preocupados em saber como era Jesus fisicamente, mas os biblicistas ainda tentam descobrir, por meio das pistas deixadas nos evangelhos, como era sua verdadeira personalidade.

Como foram suas últimas horas de vida e como faleceu?

Um dos episódios da vida de Jesus de que mais informação se tem nos quatro evangelhos é o de sua prisão, tortura, julgamento e condenação à morte. Mas, ao mesmo tempo, são sem dúvida as passagens com maiores contradições e divergências entre os diferentes evangelhos. Por quê? Existem centenas de livros que procuram determinar como foi o julgamento de Jesus e

encaixar as diferentes versões (são sete) que os evangelistas nos transmitiram.

O que não falta são perguntas. Por exemplo: foram as autoridades judias ou as romanas que decretaram a morte de Jesus? De que crime ele foi realmente acusado? As acusações eram religiosas ou políticas? Se eram religiosas, como tudo leva a crer, já que ele representava uma revisão da religião judaica, por que não foi punido com a morte por apedrejamento, como era normal nesses casos, e sim com a crucificação, destinada aos sediciosos políticos? Entre sua prisão e sua morte, passou-se um único dia, como dizem alguns evangelhos, ou vários, segundo outros, ou meses? Houve alguma testemunha ocular do julgamento perante o Sinédrio e Pilatos? Como foi transmitido o relato do julgamento?

Ele foi crucificado como todos os outros réus condenados a essa pena capital ou de outra forma? Por que as autoridades estranharam o fato de ele ter uma morte tão rápida, já que às vezes os crucificados agonizavam por dias a fio? É possível que o tenham baixado da cruz ainda vivo e ele depois tenha viajado durante muitos anos pela Índia, como alguém chegou a pensar (logicamente, sem prova alguma)? Sabemos realmente quais foram suas últimas palavras antes de morrer na cruz? Foram reais os estranhos fenômenos que parecem ter ocorrido durante sua morte?

Em relação às passagens dos evangelhos referentes à sua ressurreição e às aparições aos

apóstolos que, mortos de medo ao ver que o Mestre fora crucificado ingloriamente e que eles podiam ter o mesmo fim, foram se esconder nas casas de amigos e parentes, é ainda mais difícil saber o que eles podem ter de histórico. Sem dúvida, a ressurreição pertence exclusivamente ao âmbito da fé religiosa. Foi considerada tão importante para a fé dos cristãos, que já Paulo costumava comentar: "Se Jesus não tivesse ressuscitado, toda nossa fé seria vã."

Mas se é evidente que ninguém jamais poderá provar que a ressurreição foi um fato histórico, podemos perfeitamente nos perguntar por que os apóstolos, depois de se aterrorizarem tanto diante da crucificação, em poucos dias mudaram tanto sua atitude, passando a desafiar a todos com tamanha euforia que os acusaram de bêbados. Porque, de repente, começaram a fazer sermões maravilhosos, a falar línguas que nunca haviam estudado, e não só perderam o medo, como também acabaram aceitando o martírio na defesa da mensagem herdada do Mestre. Foi uma transformação de caráter místico? O que realmente aconteceu com eles para passarem por semelhante metamorfose? Aqui a história tem pouco a dizer porque mergulhamos no âmbito do Cristo da fé, que foge a qualquer análise científica e racional.

Capítulo 5

É IMPOSSÍVEL ESCREVER A VIDA DE JESUS

Sem dúvida, sobre Jesus se escreveu mais do que sobre qualquer outro personagem histórico dos últimos vinte séculos, e, no entanto, é de quem menos sabemos. Existem muitíssimas biografias dele, mas a pergunta que cabe fazer é se hoje, com os elementos de que dispomos, extraídos das fontes internas e externas ao cristianismo, é possível escrever uma vida de Jesus. A resposta é categórica: não. De fato, nenhum biblicista sério, seja católico ou protestante, ousaria hoje afirmar o contrário.

Podem-se escrever ensaios — e muitos se escreveram ao longo do tempo — sobre o personagem que tanto influenciou a vida do Ocidente. Podem-se escrever ficções que tenham como pano de fundo os relatos evangélicos, mesmo sabendo que não se trata de documentos históricos e que podem ter sido manipulados e filtrados por motivos teológicos. Podem-se fazer estudos de todo tipo sobre as Sagradas

Escrituras. E há uma infinidade deles. Basta pensar que só a biblioteca do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, dirigido pelos jesuítas, possui mais de um milhão de obras sobre o tema. Outro tanto pode ser encontrado na do Instituto Bíblico de Jerusalém. Só que ninguém conseguiu

apresentar uma biografia do personagem Jesus, que continua sendo "o grande desconhecido".

Mas, embora seja impossível escrever uma autêntica biografia do profeta de Nazaré, não há dúvida de que no personagem descrito pelos evangelistas devem ter ficado vestígios, retalhos, fragmentos da verdadeira história de Jesus. Mas como descobri-los? Todos os autores, mesmo os que dispõem de boas ferramentas exegéticas, fracassaram nesse intento. Por isso podem existir mil retratos de Jesus, até os mais contraditórios, desde os que o apresentam como um revolucionário, quase um guerrilheiro que queria salvar Israel do jugo dos opressores romanos, até os que o mostram como um místico pacifista que se interessava só pelas coisas do céu e do espírito, alheio aos problemas e aflições de seus contemporâneos.

Hoje conhecemos melhor a sociedade em que Jesus viveu

Durante muito tempo, o estudo da figura de Jesus se fez sem o conhecimento da situação da sociedade em que ele viveu e morreu. Da situação social, mas também da religiosa e política. Tal conhecimento era imprescindível para nos aproximarmos da realidade histórica de Jesus. Hoje esse esforço já foi feito e sabemos, senão tudo, muito mais sobre a Palestina do tempo de Jesus. Ao mesmo tempo, conhecemos melhor os hábitos e rituais religiosos dos judeus

daquele tempo e das numerosas facções e seitas judaicas que existiam na época.

Tudo isso ajudou os especialistas a estudar com maior conhecimento de causa as possíveis implicações da pregação e dos milagres do profeta.

Mas, apesar de tudo, ainda é impossível saber ao certo o que Jesus representou para sua sociedade, como era visto pelos judeus de então, o que ele pensava das pessoas que o seguiam. Também é impossível saber o que Jesus pensava de si mesmo e se é mesmo verdade que se julgava o Messias anunciado pelos profetas. Não sabemos o que realmente pretendia com sua pregação nem como era o novo Reino que ele anunciava aos judeus. Nem sabemos com absoluta certeza por que o crucificaram tão jovem.

A Palestina daquele tempo, situada na periferia do Império Romano, fervilhava de correntes políticas e religiosas. Elas eram muito diferentes, por exemplo, na Judéia, na Galiléia e em Samaria. Sabemos que Jesus, embora tenha nascido e vivido muitos anos na aldeia de Nazaré da Galiléia, que era o berço de todos os movimentos nacionalistas, guerrilheiros e revolucionários, também atuou na Judéia e até em Samaria.

Por que Jesus não desapareceu da história como os outros profetas de seu tempo?

Sabemos que naquele tempo havia muitos profetas que, como Jesus, podiam se apresentar como messias e que, como o profeta de Nazaré, faziam milagres, esconjuravam demônios e anunciavam a chegada de tempos melhores para Israel, sempre dominada por potências estrangeiras. Jesus era mais um deles ou era diferente? E diferente em quê? Foi compreendido por seus apóstolos? E se eles não o compreenderam em vida, como aparece em várias passagens do evangelho em que o Mestre lhes recrimina a cegueira, o que nos garante hoje que a imagem e a personalidade de Jesus que eles transmitiram às primeiras comunidades cristãs, depois de sua morte, eram as verdadeiras e não as míticas por eles criadas?

Por isso, quando se fala do Jesus da fé, que seria aquele interiorizado pelas primeiras comunidades cristãs guiadas pelos apóstolos, ninguém duvida de que se trata de um Jesus interessante. Era aquele que proclamavam os primeiros cristãos, a princípio quase todos judeus, que tanta fé tinham no Messias Jesus que estavam dispostos a dar a vida por ele. Uma fé tão interessante que permaneceu viva por 2.000 anos, apesar de tantas vicissitudes, contradições e até traições à seu espírito primitivo.

Mas, por mais interessante que seja o Cristo da fé dos cristãos, a pergunta continua de pé: era esse o verdadeiro Jesus histórico condenado a morrer na cruz? Por que os apóstolos que o conheceram de perto se negaram a transmitir sua vida real? Por que nos ocultaram toda sua

infância e juventude? Por que estranharam tanto o fato de o crucificarem? Por acaso não ouviam as coisas que ele ia dizendo aqui e ali, suas provocações tanto ao Templo como a César? O que realmente esperavam dele?

É uma curiosidade que dificilmente os cristãos poderão saciar, a não ser que um dia surjam documentos inéditos mais próximos do tempo em que os evangelhos foram escritos, de testemunhas oculares e com maiores garantias históricas. Esse sempre foi o sonho dos historiadores e biblicistas, enquanto a Igreja repete que para ela basta o Jesus da fé. Basta que ele tenha de fato existido e que não seja um mito criado por alguém.

Por ora temos de nos conformar com os documentos transmitidos pelos evangelistas anônimos, que não conheceram Jesus pessoalmente, escritos entre quarenta e noventa anos depois de sua morte.

Algumas perguntas imprescindíveis sobre Jesus

Mas, ainda que seja impossível descobrir como realmente era o personagem Jesus, podemos, sim, fazer algumas considerações e perguntas. Em primeiro lugar, é indiscutível — coisa que muitos cristãos tendem a esquecer — que Jesus era judeu, com muito orgulho. Viveu em uma aldeia judia, bebeu da cultura judaica e praticou todos os seus ritos. E, durante toda sua

pregação, dirigiu-se, com raras exceções, ao judeus contemporâneos a ele.

Parece que foi, isso sim, um judeu inconformista e crítico, um mago que curava todos os doentes, mais por compaixão que por gosto de realizar prodígios, e que tinha força para tirar os demônios dos possessos. Há quem tenha negado a possibilidade de Jesus fazer milagres, mas seria de estranhar que as pessoas o seguissem apenas por causa de suas pregações, que muitas eram-lhes incompreensíveis, e não pelas curas que realizava. Sem dúvida, foi um taumaturgo e um exorcista.

Tudo leva a crer que, embora anunciasse a chegada de um novo Reino, isto é, de uma situação política, social e religiosa que transformaria muitas coisas em Israel, principalmente para os mais desafortunados, na realidade, ele não era o clássico líder revolucionário nacionalista, com a única missão de levantar o povo contra a dominação romana. E muito menos o líder de um movimento guerrilheiro violento.

Por isso, hoje muitos pensam que, apesar de ele ter sido condenado à morte por crucificação, pena que os romanos reservavam aos sediciosos, na verdade tratou-se de um grande erro judicial. Porque Jesus nunca tentou levantar a massa contra os romanos. É famosa sua frase "dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Jesus não pregou a chegada de um Reino meramente temporal. Ele queria uma revolução mais profunda, que não excluísse o espírito. Era

uma imagem diferente de Deus a que ele, em vão, tentou inculcar. Um Deus mais próximo dos humilhados e dos pobres.

Claro que o Reino que ele pregava não era puramente religioso e espiritual. De fato, os apóstolos tiveram muitas discussões, entre si e com o Mestre, para determinar quem ficaria com os cargos mais importantes do novo Reino. Sinal de que eles entenderam que também se tratava de uma nova ordem política e social. Mas também é verdade que, sempre que surgiam essas disputas, Jesus os recriminava por se preocuparem demais com as coisas terrenas, e costumava dizer-lhes que, em seu Reino, os primeiros seriam os últimos e os últimos, os primeiros.

Por isso mesmo, é bem possível que Jesus tenha sido o mais surpreendido quando foram prendê-lo para torturá-lo e pregá-lo na cruz como subversivo político e social. Pois, como já dissemos, se ele tivesse sido condenado por motivos religiosos, como blasfêmia ou afronta contra o Templo, a pena aplicada teria sido o apedrejamento, que era a prevista para esses casos pela jurisdição judaica.

Surpreso Jesus e surpresos os apóstolos, que acreditavam que Jesus seria um ganhador e não um perdedor, o filho dileto de Deus, e não o que morre queixando-se que Deus o abandonara. Eles acreditavam que o Mestre seria o novo Rei dos judeus, um rei vitorioso que esmagaria todos os seus inimigos e os invasores romanos. Por isso, ao vê-lo fracassar e ser crucificado, eles

fugiram aterrorizados e foram se esconder nas casas de amigos e parentes, temendo sofrer o mesmo destino.

Outra das perguntas sem resposta já foi feita aqui: como se explica que os discípulos, depois de tudo isso, por acreditar que Jesus ressuscitara dentre os mortos, tenham mudado tão radicalmente sua atitude, sentindo-se cheios de coragem e até de talento, chegando a entender línguas que nunca haviam estudado.

Um Jesus multifacetado e contraditório

Outra questão em que deveríamos pensar é como, de um personagem histórico como Jesus, de quem sabemos tão pouco, puderam nascer tantos outros Cristos idealizados ao longo dos séculos, inspirando bilhões de fiéis. O fato é que nenhum outro personagem, nem mesmo mítico, teve uma imagem tão multifacetada, tão contraditória, tão diferente através dos séculos. Nenhum personagem foi, ao mesmo tempo, tão amado e tão odiado. Por isso existem tantas imagens de Jesus quanto pessoas que o aceitaram ou rejeitaram. Porque também quem nunca acreditou em Jesus Cristo tem uma imagem bem concreta dele.

Bem diferente, por exemplo, do que aconteceu com Buda, que viveu alguns séculos antes de Jesus e é outro dos personagens históricos a influenciar meio planeta. Acerca de Buda não há tanta discussão e controvérsia como sobre a figura de Jesus. Sua figura é mais linear, mais

homogênea, e pode provocar indiferença, mas nunca repulsa. Também muita simpatia e afeto, e um grande respeito por sua doutrina sobre a iluminação interior como caminho para a completa serenidade da alma.

Por que o profeta Jesus, que em seu tempo não passou de mais um dos profetas que pululavam na Palestina, tanto que foi praticamente ignorado pelas crônicas da época, causou tamanha revolução na história, ao passo que os outros não deixaram nenhum rastro? Sendo que eles também tiveram seus seguidores e discípulos, suas doutrinas próprias e até operavam milagres como Jesus.

Um dia, uma judia me sugeriu uma explicação. Justamente, disse ela, por se tratar de um personagem do qual não se sabe quase nada, tanto de sua vida como de sua pessoa física, foi-se concentrando nele a grande utopia da história, a que se aninha no fundo de cada ser humano, tenha ele a crença que tiver. Essa utopia que é tecida com as mais nobres aspirações, como a da paz e do amor universais, a da libertação de todos os oprimidos da terra, com os anseios de justiça para todos os humilhados, com o sonho do respeito à liberdade de consciência e aos direitos fundamentais do homem, a utopia da solidariedade universal e da luta contra a solidão que oprime e mata, a da busca da diversidade como riqueza para todos e não como confrontação racista.

Pode ser, de fato, que em Jesus de Nazaré, apesar de todas as traições perpetradas em seu

nome por uma parte da Igreja que nasceu sob sua fé, cada ser humano continue a ver um ideal pessoal, espiritual, social e até político. Como se nele se projetassem os melhores sonhos de um mundo mais humano e aberto ao mistério, a esse mistério da vida e da morte que ninguém ainda soube decifrar satisfatoriamente, cujo sentido a humanidade continua a buscar, como o do mais complexo e difícil dos hieróglifos.

E isso apesar de todos saberem muito bem que o nome de Jesus serviu, ao longo da história, de coringa para justificar tantas ambições mesquinhas e tantas traições declaradas ou ocultas. Mas, por fim, a utopia que ele representa acaba derrubando todas as contra-figuras que sobre ele se constroem.

Capítulo 6

JESUS PERTENCEU À SEITA DOS FARISEUS OU À DOS ESSÊNIOS DE QUMRAN?

Jesus não veio de outro planeta. Foi filho de seu tempo, um judeu piedoso que acreditava na Lei de Moisés e amava seu povo. Ao se apresentar publicamente como alguém que tentava interferir no destino religioso e social de seu país, seria natural que, pelo menos antes de consolidar-se como um profeta com doutrina própria e com um grupo de discípulos que seguiam seus ensinamentos e sua aventura,

pertencesse a um dos muitos grupos e seitas que pululavam naquele tempo na Palestina ocupada pelos romanos.

Na época em que Jesus viveu, havia três seitas a que ele poderia ter aderido: a dos zelotes ou nacionalistas, a dos fariseus e a dos essênios. Os zelotes opunham-se, se necessário pela força, à dominação romana de Israel e vinham da Galiléia, a mesma região de Jesus. Eram uma espécie de grupo guerrilheiro, e parece que um dos que integrariam o grupo de 12 apóstolos de Jesus militara entre os zelotes.

Não poucos analistas acreditaram durante muito tempo que Jesus foi um zelote empenhado na liberação de seu povo do jugo dos romanos. Ou que, pelo menos, fora um simpatizante desse grupo revolucionário. Essa tese foi sustentada, sobretudo, pelos movimentos revolucionários que viam o profeta de Nazaré menos como um líder religioso que como o líder político de um movimento de libertação da Palestina.

A idéia de um Jesus revolucionário e zelote foi perdendo força, e hoje é raro encontrar alguém que a defenda. O que não exclui que Jesus, como bom judeu, abrigasse sentimentos nacionalistas e até demonstrasse certa simpatia pelos zelotes. Acontece que Jesus acreditava mais na força e na ação de Deus sobre seu povo que nos métodos violentos que sempre censurou em seus discípulos mais belicosos, que queriam usar a espada e que às vezes se deixavam levar por impulsos de luta violenta. Jesus lembrava-lhes que ele viera trazer a paz e não a guerra.

Os manuscritos de Qumran causaram pânico entre os cristãos

A partir de 1947, quando foram descobertos os famosos documentos dos Essênios de Qumran, uma localidade situada na Palestina, perto do mar Morto, pensou-se que Jesus poderia ter sido um dos líderes dessa comunidade religiosa que punha em questão alguns elementos da religião judaica. Pensou-se que a doutrina de Jesus transmitida pelos evangelhos poderia ter sido a doutrina dos essênios e que, portanto, o próprio cristianismo primitivo teria nascido em Qumran.

A descoberta daquelas centenas de pergaminhos que foram conservados sem manipulação por mais de 2.000 anos aconteceu por acaso quando um pastor, à procura de uma cabra perdida, encontrou uma gruta onde achou algumas ânforas com manuscritos em hebraico, aramaico e até em grego. O achado agitou a comunidade científica internacional. As escavações estenderam-se por vários anos, durante os quais foram aparecendo mais grutas com mais documentos.

Os veículos de informação do mundo inteiro se apossaram da notícia, e todos só esperavam que os especialistas conseguissem decifrar aqueles papiros, muitos deles deteriorados. Sobre eles, mesmo antes de conhecer seu conteúdo, houve muitíssimas especulações. O Vaticano mesmo entrou em pânico, pois comentava-se que Jesus poderia ter sido o famoso Mestre de Justiça

mencionado naqueles manuscritos dos monges essênios de Qumran. Tratava-se de uma facção radical da conhecida seita dos essênios, nascida vários séculos antes do nascimento de Cristo e que durou até o ano 68 d.C., quando foi destruída pelas tropas de Tito e Vespasiano, depois da segunda destruição do Templo de Jerusalém.

Temia-se que os documentos de Qumran pudessem abalar toda a originalidade do cristianismo se o revelassem uma simples continuação histórica daquela comunidade crítica em relação ao judaísmo tradicional. Os ânimos só serenaram quando se conheceu seu conteúdo, depois de traduzido para as línguas mais importantes. Na verdade, eram apenas cópias de alguns livros da Bíblia, das Regras da comunidade de Qumran e das discussões teológicas sobre os textos sagrados das Escrituras.

Essas descobertas revelaram que a vida e a doutrina daqueles essênios radicais, alguns dos quais eram sacerdotes celibatários que viviam numa espécie de mosteiro, em volta do qual, em prédios separados, moravam os casados, pouco tinha a ver com a vida e a doutrina que Jesus proporcionava a seus discípulos. E descartou-se, assim, a idéia de que Jesus pudesse ter pertencido à seita dos essênios - que, segundo os historiadores, chegou a reunir 4.000 membros - ou que pudesse ser um dos líderes da facção de Qumran.

Mas os manuscritos de Qumran tiveram, por sua vez, uma importância capital para o conhecimento da intensa vida religiosa do tempo de Jesus, da interpretação que então se fazia de certas passagens da Bíblia e da tensão que naquele momento dominava a discussão teológica sobre o judaísmo tradicional de saduceus e fariseus.

Os essênios de Qumran eram um grupo radical que questionava a eficácia dos sacrifícios de animais que se realizavam no Templo, a própria pureza do Templo e a legitimidade da casta sacerdotal judaica tradicional. Eram monges elitistas que se consideravam filhos da luz, contrapondo-se aos outros, que seriam filhos das trevas. Mas eram todos judeus e circuncidados.

De modo geral, os essênios acreditavam na iminência do fim do mundo, e para eles o inimigo não era, como para os zelotes, o invasor romano, mas o mal, o pecado e Satanás. Por outro lado, acreditavam que o Deus de Israel acabaria vencendo a morte.

Na realidade, entre a doutrina dos essênios e a de Jesus existem diferenças suficientes para descartar a hipótese de que o cristianismo tenha se originado desse grupo. Mas também existem coincidências suficientes para provar que há certa influência essênica na pregação de Jesus, ou pelo menos na interpretação que as primeiras comunidades cristãs fizeram dela.

As diferenças entre os monges de Qumran e Jesus

Entre as diferenças mais notáveis, há que se destacar que Jesus nunca foi um monge e que nunca viveu com seus discípulos em qualquer mosteiro. Eles eram pregadores itinerantes e em constante contato com as pessoas, especialmente as mais humildes. Por outro lado, uma das doutrinas dos essênios era a total rejeição dos pagãos e dos gentios, isto é, de todos aqueles que não pertencessem à fé judaica. Jesus, ao contrário, e mais tarde o cristianismo, apresentaram-se de saída como uma religião universal que não fechava as portas a ninguém, pois anunciava um Deus pai de toda humanidade.

Os essênios obedeciam a regras internas muito rígidas, enquanto Jesus jamais impôs regra alguma a seus discípulos, não permitindo nem sequer que fizessem jejum ou qualquer outro sacrifício. E, enquanto os eleitos na comunidade essênica eram todos celibatários, os apóstolos de Jesus, exceto um, eram todos casados. E o próprio Jesus, embora não fosse casado — do que também não se tem absoluta certeza —, nunca exigiu o celibato dos seus, e ele mesmo foi muito livre em sua relação com as mulheres, inclusive com as prostitutas, numa época fundamentalmente machista, em que a mulher era a grande excluída da sociedade, só contando como mãe de seus filhos.

Outra diferença é que entre os essênios vigorava a regra de excluir da comunidade todos aqueles que tivessem algum defeito físico. Um de seus textos diz o seguinte: "Todo idiota ou louco, todo bobo e gago, aqueles cujos olhos não vêem, o coxo ou claudicante, o surdo, o menor de idade, nenhum deles entrará na comunidade." Com Jesus era o contrário: tinham preferência todos os aleijados, os doentes, os leprosos, os possessos, os cegos e toda a miséria que a sociedade costumava marginalizar.

Embora devamos aqui reconhecer que a Igreja Católica, ao regulamentar, no Direito Canônico, a admissão de candidatos para a comunidade de sacerdotes consagrados, estabeleceria toda uma série de normas parecidas, impedindo os portadores de algum defeito físico, como, por exemplo, a falta de testículos, de receberem a ordenação sacerdotal. A propósito, conta-se um caso engraçado de um arcebispo de uma diocese de Andaluzia que tinha muito senso de humor. Em seu seminário havia um seminarista que não tinha um testículo, mas que era o melhor aluno e queria ordenar-se padre. Os professores levaram o caso para o arcebispo, que respondeu: "Bom, eu acho que deveríamos deixar o rapaz ser ordenado. Afinal, o que é que ele vai poder fazer com esse testículo?" E o rapaz foi ordenado. Hoje a Igreja veda a entrada na vida sacerdotal ou religiosa aos portadores do vírus da Aids, um gesto considerado discriminatório por muitos bispos e teólogos.

Entre os essênios e Jesus havia, no entanto, algumas notáveis coincidências. Primeiro, certas semelhanças entre ele e o chamado Mestre de Justiça da seita, ambos chamados a ser "enviado especial de Deus", ambos críticos do judaísmo oficial e contrários ao sacerdócio do Templo de Jerusalém, como assinalou o teólogo Tamayo.

Mas não é só isso. Ambos os movimentos tinham um caráter apocalíptico, acreditavam em um iminente fim do mundo e na chegada de um Messias salvador, que livraria Israel de todos os seus males. E, por último, poderia ter origem essênica o hábito de Jesus e seus discípulos de terem seus bens em comum. Sabe-se que eles mantinham recursos comunitários, guardados em uma sacola, para as despesas da comunidade apostólica e para dar esmolas aos pobres. As primeiras comunidades cristãs herdaram esse costume de Jesus e seus apóstolos, tendo seus bens em propriedade coletiva. Mas a prática não durou muito, por causa das brigas e da desconfiança que suscitava, e acabou caindo em desuso.

Jesus era um simpatizante da seita dos fariseus

Mas, descartada a hipótese de que Jesus e os seus fizessem parte da comunidade dos essênios de Qumran, por mais que algumas de suas doutrinas possam ter influenciado o cristianismo primitivo, o que parece mais provável é que eles integravam o grupo dos fariseus, cuja doutrina

era mais próxima àquela que Jesus pregava. Não podemos esquecer que foi um famoso fariseu de seu tempo, José de Arimatéia, quem cedeu seu túmulo para que Jesus fosse enterrado depois da crucificação. E foram alguns grupos de fariseus que foram avisar Jesus, para que ele fugisse, ao saberem que Herodes estava à sua procura para matá-lo.

Pois bem, uma pergunta se impõe de imediato: como é possível que Jesus fosse um fariseu se os quatro evangelhos apresentam os seguidores dessa seita como seus grandes inimigos e perseguidores? A explicação que hoje se dá a essa pergunta é muito simples. Parece que, quando os evangelhos foram escritos — o que coincide com o momento em que as primeiras comunidades cristãs começam a se afastar de suas raízes judaicas para entrar em contato com os pagãos e gentios, entre eles os romanos —, os fariseus eram o grupo dominante do judaísmo, não vendo com bons olhos a abertura do judeu-cristianismo para uma religião universalista, perseguiram duramente os judeus-cristãos, impedindo-os, por exemplo, de continuar entrando nas sinagogas, como haviam feito até então os judeus circuncisos convertidos a Jesus.

Nessas circunstâncias, os evangelistas atribuíram aos fariseus do tempo de Jesus — que eram muito diferentes —, coisas que correspondiam ao que eles estavam vivendo. Assim, todos os ataques sofridos por Jesus, partissem de quem quer que fosse, foram atribuídos aos fariseus. Todas as disputas e os insultos a Jesus foram

atribuídos a eles, quando o normal seria que os maiores adversários de Jesus dentro do judaísmo fossem, não os fariseus, que eram uma seita liberal — acreditando até na ressurreição dos corpos — mas os saduceus, que representavam a oficialidade do Templo.

Sem dúvida, Jesus deve ter tido seus conflitos com os fariseus, sobretudo com os mais legalistas, mais atentos à letra que ao espírito da Lei, mas não a ponto de eles serem os grandes inimigos do Mestre. Tanto assim que não se fala no envolvimento de nenhum fariseu durante o processo que levaria Jesus à condenação e à morte na cruz. Na verdade, muitos tinham sido tão amigos dele que até o convidavam para comer em suas casas.

A postura dos evangelistas contra os fariseus foi tão dura que "fariseu" virou sinônimo de "hipócrita", palavra que puseram na boca de Jesus contra os fariseus. Agora uma coisa parece certa: se Jesus não pertencesse de algum modo ao grupo dos fariseus, estes não teriam perdido tempo discutindo com ele; simplesmente o teriam desprezado ou ignorado, como mais um louco que se fazia passar pelo Messias.

Hoje a verdade é muito diferente. Poucos sabem, por exemplo, que boa parte das afirmações atribuídas exclusivamente a Jesus já pertenciam à doutrina liberal dos fariseus. Por exemplo, a famosa frase de Jesus, "o sábado foi criado para o homem e não o homem para o sábado", usada pelos fariseus para contrapor-se aos grupos mais tradicionais, que faziam da lei sabática algo

estritamente formal. Igualmente, a regra de ouro "Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam" vinha da doutrina farisaica, ao mesmo tempo em que os fariseus recusavam a prática do "olho por olho, dente por dente", também questionada por Jesus ao pregar, ao contrário, o perdão e o amor aos inimigos.

Acontece que os fariseus, além das normas escritas da Lei, defendiam uma tradição oral não-codificada, em que constava, por exemplo, que a circuncisão realizada no oitavo dia não violava o sábado. Mesmo as questões de maior controvérsia entre Jesus e os fariseus eram tópicos doutrinários já em discussão entre os vários grupos de fariseus, que tinham diferentes interpretações das leis e da tradição judaicas. Tais discussões de Jesus com os diferentes grupos de fariseus vêm provar que, mesmo que não pertencesse estritamente à seita, ele, no mínimo, a conhecia bem a fundo e adotara muitas de suas doutrinas.

A doutrina pregada por Jesus não era totalmente original

O fato é que quase nenhuma das afirmações feitas por Jesus é totalmente original. Nem sequer a do amor aos inimigos. Tudo isso já aparecia em algum dos textos da literatura rabínica que recolhem as discussões dos diferentes grupos religiosos judaicos sobre a interpretação da Lei.

Jesus sempre atacou a interpretação estreita e legalista de certos textos da Escritura e das Leis

feita pelo grupo conservador dos saduceus, algo semelhante ao que ocorre hoje na Igreja Católica entre conservadores e progressistas face à interpretação do Concílio Vaticano II.

O que deve ser verdade, sim, é que Jesus defendeu com mais força e mais amplamente uma doutrina farisaica livre de suas interpretações mais legalistas. Jesus fugia de tudo que fosse submissão à letra da Lei, valorizando seu espírito.

Um exemplo típico é a lei sabática. Jesus nunca foi contra o preceito do descanso sabático, e sim contra sua degeneração que criava caricaturas, algumas das quais ainda vigoram entre os judeus ortodoxos mais tradicionais, que, por exemplo, não podem acender a luz elétrica ou dar corda ao relógio, no sábado, porque o consideram um trabalho.

Mas o espírito da lei sabática era muito positivo. Tratava-se de proibir qualquer atividade que impedisse dedicar o dia do Senhor à oração e à meditação. Não era permitido nem mesmo cozinhar para não roubar tempo às atividades do espírito. Por isso, cozinhou-se no dia anterior. Algo parecido com o que, na verdade, deveria ser o descanso dominical para os cristãos, copiado, sem dúvida, dos costumes judeus, mas que acabou desvirtuado, chegando-se ao absurdo de às vezes se trabalhar mais no domingo, ou de se fazer de tudo menos dedicar-se ao espírito. Hoje, Jesus sem dúvida atacaria o domingo, como fez em sua época com o sábado judeu.

No tempo de Jesus, também os saduceus levaram o descanso sabático a tais extremos de rigidez que, se um burro caísse num buraco, o camponês tinha que deixá-lo morrer, mesmo que ele fosse sua única riqueza, sendo-lhe proibido resgatá-lo, já que isso significaria trabalhar. Ou, se alguém tivesse fome no sábado, como aconteceu com Jesus e seus discípulos, não poderia colher espigas do campo para saciá-la. Por isso, já existiam na época cerca de quarenta exceções à regra, para evitar alguns dos absurdos defendidos pelos saduceus.

Jesus, portanto, não foi um judeu iconoclasta que atacou a religião de seus pais e de seu povo. Ele criticou, sim, os exageros dos puritanos daquele tempo, que punham — como fazem hoje não poucos cristãos — os preceitos jurídicos das leis acima do espírito que elas representavam, sujeitando a elas a consciência das pessoas.

Capítulo 7

ERA JESUS UM POETA?

Há uma faceta da personalidade de Jesus de Nazaré que os evangelhos nunca tocam abertamente, mas que é evidente em todas as suas páginas: sua veia poética. Há uma visão poética da vida e das coisas, e até dos sentimentos, que se reflete nas parábolas, alegorias, comparações e, em geral, em sua fala e em sua visão geral dos fatos.

Há nesse judeu da Galiléia muita ternura, a par de uma grande força de caráter. Se o poeta é quem sabe expressar com palavras o sentido oculto das coisas e os sentimentos mais íntimos do ser humano, Jesus foi um grande poeta. Eu diria até que foi mais poeta do que místico, embora também fosse um místico, no sentido de quem sabe ligar-se facilmente às fontes divinas, às experiências religiosas mais profundas.

A poesia está presente em toda a literatura judaica e rabínica. A Bíblia, em sua maior parte, é escrita em verso. Todos os grandes profetas do Antigo Testamento foram gigantes na arte da poesia. Uma poesia por vezes suave, como a do *Cântico dos cânticos*, ou profunda, de dilacerante denúncia, como nos profetas Isaías e Jeremias. Ou de nostalgia e esperança, como nos Salmos.

Toda a história de Israel, seus dramas, suas contradições, paixões, profecias e até suas perseguições são como um grande poema escrito nas pedras de suas lamentações. São as queixas desesperadas de um povo que suplica ajuda a um Deus em quem confia e por quem se vê abandonado. Há quem sustente que os lamentos profundos do mais puro flamenco são vestígios musicais da angústia dos judeus dispersos e humilhados.

Jesus era profundamente judeu. Tinha alma judia. Conhecia a dolorosa história de seu povo. Foi um poeta intuitivo que nem os discípulos mais próximos conseguiram entender a fundo. Fugia de seu alcance. Jesus, com o clássico humor judeu, divertia-se dizendo que lhes falava por

meio de parábolas "para que não o entendessem".

A sensibilidade do tato

Jesus, poeta, tinha uma visão multifacetada das coisas. Não tinha a inteligência do intelectual, mas a sabedoria do camponês. Nunca escreveu nada em sua vida. Ou pelo menos nada do que escreveu chegou a nós. Mas no que dele ficou nas entrelinhas dos evangelhos se deduz que poderia ter sido um grande poeta ou artista plástico. Porque suas falas e parábolas estão cheias de imagens e metáforas, dois elementos indispensáveis para todo bom poeta.

Tinha uma grande capacidade de criar imagens e uma sutil sensibilidade que lhe permitia distinguir, só pelo tato, os sentimentos dos que dele se aproximavam. A esse respeito, há um caso muito curioso, narrado pelo evangelista Lucas: "E aconteceu que tendo voltado Jesus, o receberam as gentes: pois todos o estavam esperando. E eis que veio um homem chamado Jairo, que era príncipe da sinagoga, e lançou-se aos pés de Jesus, pedindo-lhe que viesse a sua casa. Porque tinha uma filha única que teria 12 anos, e estava morrendo. E sucedeu que enquanto Jesus ia caminhando, molestavam-no os apertões do povo. E uma mulher que padecia fluxo de sangue havia 12 anos, e tinha dispendido com os médicos todo o seu cabedal, sem poder de nenhum deles ser curada: chegou por detrás, e tocou a orla do vestido de Jesus: e

no mesmo instante lhe parou o fluxo de sangue. Disse então Jesus: 'Quem é que me tocou?' E respondendo todos que nenhum fora, disse Pedro e os que com ele estavam: 'Mestre, as gentes te apertam e te oprimem, e ainda perguntas: Quem é que me tocou?' 'Replicou todavia Jesus: 'Alguém me tocou: porque eu conheci que de mim saía uma virtude.' Quando a mulher se viu assim descoberta, veio toda trêmula e se prostrou aos pés de Jesus."

Esse episódio parece remeter a uma antiga tradição, dado o espanto com que os próprios apóstolos devem tê-lo contado aos primeiros cristãos. Jesus, com sua sutil sensibilidade, percebeu que o toque da mulher que roçara seu manto não era mais um aperto das pessoas que se aproximavam com entusiasmo. Fora um contato especial, que sua sensibilidade logo captou. Aqui, o que menos importa é o milagre. Realmente sugestiva é a capacidade do profeta de perceber que alguém se aproximou dele com sentimentos diferentes dos demais.

Não foi o poeta da cruz, mas da vida

Conta-se que Jesus não suportava ver alguém sofrendo: doentes, cegos, paralíticos, leprosos, endemoninhados etc., e que por isso "curava a todos". Jesus não pertencia, portanto, à futura teologia da cruz que alguns de seus sucessores elaborariam, por mais que de seus ditos e feitos o tenham levado infalivelmente ao sacrifício. Não era dos que pensavam ser o sofrimento humano

uma coisa maravilhosa, que por si só salva e redime.

Ele era radical, severo, despojado, não tinha casa para dormir e pregava o desapego dos bens materiais em prol da liberdade de espírito. Mas não era um vitimista. Era, sim, um poeta da vida e das coisas. Acusavam-no de não impor jejum nem outros sacrifícios corporais a seus discípulos, como fazia João Batista. Ele gostava de aproveitar as coisas simples da vida, nunca buscando a dor. Por isso respondia que seus seguidores logo teriam tempo de sofrer, pois a vida não é nenhuma festa. Como quem diz que não é necessário procurar a dor, já que ela se encarrega de nos encontrar.

Por isso era tão pouco rígido com uma das mais sagradas preocupações dos judeus: o descanso sabático, o dia da semana em que o judeu não pode fazer nada que represente esforço, nem dar corda ao relógio. Um sábado em que os apóstolos estavam com fome, Jesus permitiu-lhes colher espigas no campo para com elas se alimentarem. Os judeus ortodoxos ficaram horrorizados. E a quem lhe lembrava que no sábado não se podia fazer nada, ele respondia que Deus criara o sábado para servir ao homem e não o homem para servir ao sábado.

Também não se preocupava em aparecer como asceta e homem de sacrifícios, tanto que chegaram a acusá-lo de beberrão e comilão porque não se recusava a compartilhar uma boa mesa com os amigos, alguns dos quais eram

fariseus ricos. Ele apreciava os prazeres simples da vida.

Todas as suas comparações referiam-se aos fenômenos da natureza, da qual, como bom poeta, era um grande observador e amante. Assim, aconselhava as pessoas que se preocupavam demais com o futuro, com ter o que comer ou o que vestir, a olhar os lírios do campo que não tecem e estão sempre vestidos de luz, e os pássaros do céu que não semeiam nem plantam, mas que sempre têm o que comer. E possível que o famoso milagre das Bodas de Caná, em que, segundo o evangelista João, Jesus transformou a água em vinho para evitar a vergonha aos noivos que tinham ficado sem bebida, não seja histórico e tenha sido contado para provar seus poderes messiânicos. Mas o simples fato de o episódio ter sido introduzido pelo evangelista indica que este sabia que não causaria estranhamento a nenhum dos primeiros cristãos. Eles já estariam acostumados à imagem, transmitida pelos apóstolos, de um Jesus que comparecia sem problemas ao casamento de seus parentes e amigos, o que, ainda hoje, é entre os judeus uma autêntica festa, uma explosão de felicidade em que todos devem estar felizes e em que não podem faltar o canto, a dança e a saudável alegria que o bom vinho produz.

Do mesmo modo, seja ou não histórica a famosa instituição da Eucaristia, atribuída por alguns a uma criação posterior do apóstolo Paulo, o certo é que não era nada estranho para os discípulos o

fato de o rito mais importante do cristianismo, celebrado faz 2.000 anos em memória do Mestre, ser uma refeição ritual em que os elementos principais que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo são o pão e o vinho, o que tem pouco de mítico e muito de poesia agrária.

Sua poesia era rural e não urbana

Acontece que a cultura de Jesus era rural, não urbana, por mais que ele tenha estado muitas vezes em Jerusalém. Como passou a infância e possivelmente a juventude em Nazaré, uma aldeia de camponeses da Galiléia, conhecia perfeitamente os ciclos naturais e suas estações. Vira de perto o nascimento dos animais e a colheita dos frutos da terra. Por isso, conhecia a diferença entre o joio e o trigo. Por isso, em suas parábolas, ele fala dos vinhadeiros, dos pastores e suas ovelhas e do bezerro assado para comemorar a volta do filho pródigo. E ele sabia muito bem que um pôr-do-sol avermelhado anunciava bom tempo para os lavradores.

Conhecia as tempestades sobre o lago de Tiberíades, os apetrechos da pesca e da lavoura. Entendia de sementes, como a da mostarda, que dizia ser das menores que existem. E entendia da levedura necessária para fazer crescer o pão, que vira mil vezes sua mãe amassar e que provavelmente ele mesmo sabia fazer.

Os gestos de ternura do profeta judeu para com os doentes, as prostitutas, as crianças, os mais marginalizados pela sociedade eram

inumeráveis. Sua facilidade para se aproximar de todas as categorias mais desprezadas pelas elites de seu tempo é como um grande poema que se lê facilmente em seus olhos. A parábola da dracma perdida, a da viúva pobre do Templo, sua defesa da prostituta que quebrou um rico frasco de essências para perfumar seus pés de profeta andarilho, bem como a ira com que expulsou os mercadores do Templo, que estavam transformando a casa de Deus num covil de ladrões, são como poemas escritos na pele de sua breve vida.

E as bem-aventuranças, esse desafio a todas as convenções da história em que se profetiza que serão felizes os que choram, assim como os que padecem fome e perseguição, os que amam mais a paz que a guerra, os humilhados e não os poderosos, porque no fim serão eles os consolados, os saciados e os exaltados, o que seriam senão poesia? E não seria essa poesia o oposto do grande poema de todos os tempos, que canta a inveja e a admiração pelos ricos, pelos que se fartam, pelos violentos, pelos fortes e pelos que riem e se apoderam do mundo à força? E o pai-nosso? Não é o grande poema que revoluciona a imagem tradicional do Deus vingador e juiz implacável, pondo em seu lugar um Deus pai que, a quem se ajoelha para pedir-lhe pão e perdão, não dá pedra nem escorpião, e sim compaixão e esperança? E também pão, pão de verdade, assado no forno, para que ninguém passe fome sobre a terra.

Jesus escreveu um poema para salvar a vida de uma mulher adúltera

Sempre se disse que Jesus nunca escreveu nada de próprio punho e letra. Mas isso não é verdade. Ele o fez em pelo menos uma ocasião.

Escreveu umas palavras misteriosas sobre o pó das pedras da entrada do Templo. A cena, narrada no evangelho de João e que um dia fascinou o cineasta e poeta italiano Pier Paolo Pasolini, ocorreu quando um grupo de doutores da Lei levaram a ele uma mulher flagrada em adultério. Era a hora do amanhecer. Para provocar o profeta, que tinha fama de ser demasiado compreensivo com os pecadores, sobretudo com as mulheres e prostitutas, de quem chegou a dizer que teriam melhor lugar no céu que os doutores da Lei, disseram-lhe: "Mestre, esta mulher foi agora mesmo apanhada em adultério. E Moisés na lei mandou-nos apedrejar a estas tais. Que dizes tu logo?" O evangelista comenta: "Diziam pois isto os judeus tentando-o, para o poderem acusar." Queriam preparar-lhe uma armadilha. Jesus leva um tempo para responder à provocação. Não permitiria que aquela mulher adúltera, atirada a seus pés como um saco de pecados, fosse condenada à horrível pena de morte por apedrejamento público. O que ele faz? Agacha-se e, com o indicador da mão direita, põe-se a rabiscar umas palavras na terra. Os homens, que estavam em pé e não podiam ver o que ele

estava escrevendo, impacientam-se e repetem sua pergunta. Então Jesus se levanta e, olhando-os nos olhos, diz: "O que de vós outros está sem pecado, seja o primeiro que apedreje." Ao escutar essas palavras, diz o evangelho, "foram saindo um a um, sendo os mais velhos os primeiros". Jesus então tornou a agachar-se e continuou escrevendo no chão. Depois tornou a se levantar e, embora o evangelho não o conte, pediu à mulher que também se levantasse. Ao ver que todos os acusadores haviam partido, perguntou-lhe: "Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?" E ela respondeu: "Ninguém, Senhor." Então Jesus lhe disse: "Nem eu tampouco te condenarei."

O que Jesus escreveu no chão do templo era dirigido aos acusadores da adúltera ou à mulher amedrontada jogada à seus pés? Ninguém o saberá. Ou melhor, saberá, sim. A única pessoa que pôde ler aquelas palavras logo apagadas pelos pés dos fiéis que começavam a chegar ao templo foi a mulher com o rosto junto ao chão. E aqueles versos, os únicos escritos pelo profeta de Nazaré, morreram para sempre docemente sepultados no coração da mulher. Não só o que Jesus escreveu na poeira do templo judeu, mas toda a cena da mulher adúltera é um poema de compaixão e condenação da hipocrisia.

Assim, a primeira vez que Jesus, o profeta maldito, escreveu algo na vida (seria um poema?) foi para salvar a vida de uma mulher flagrada em adultério, que sofreria a terrível morte por apedrejamento. E isso num contexto

histórico em que a mulher era a grande desprezada da sociedade, a quem nem sequer era permitido aprender as Escrituras.

O último e comovente verso dito na cruz

Jesus morreu dando um grande grito enquanto agonizava pregado em um lenho como um bandido qualquer, enfrentando a Deus, seu Pai, por tê-lo abandonado à sua sorte. Aquele grito de "Deus, por que me abandonaste?" parece ser uma das passagens mais verdadeiras da narração da paixão, pois devia ser inconcebível para os cristãos primitivos ver Jesus, que consideravam o Filho de Deus, desesperado e abandonado na hora suprema e dolorosa de sua morte.

E, no entanto, aquele grito foi o verso mais realista e dramático do poeta judeu que acabou atraindo para sua fé bilhões de homens e mulheres ao longo da história. Porque é o grito da humanidade aflita face ao desespero de não compreender o enigma da vida; o grito de todos os seus compatriotas, os judeus, nos infames campos de extermínio; o grito de todos que se sentem injustamente humilhados pelo poder ou pela avarizia dos dominadores. O grito de todos os torturados pelas ditaduras; o das mães que choram seus filhos inutilmente sacrificados nas guerras; o grito que sai de todos os manicômios do mundo face ao mistério desesperador da mente torturada; o grito de dor de todos que morrem sem saber por quê. O grito de medo de

cada recém-nascido diante do mistério da nova vida.

Aquele grito de terror do profeta judeu, abandonado por seu Deus, é o verso desesperado que o ser humano tem de pronunciar alguma vez ao longo de sua vida. Talvez aquele grito de Jesus tenha servido, se não para dar sentido, ao menos para aliviar todos os outros gritos de pavor da frágil humanidade que continua a se perguntar, sem obter resposta, de que serve tanta dor inútil espalhada pelo mundo. E por que os inocentes são sempre os mais perseguidos e sacrificados pelo poder.

Capítulo 8

QUEM MATOU JESUS?

OS JUDEUS OU OS ROMANOS?

Foram os judeus ou os romanos que mataram Jesus? Essa é uma pergunta que a Igreja Católica se faz com interesse e preocupação crescentes, ao descobrir, com a nova linha de diálogo ecumênico entre cristãos e judeus, que a resposta a essa pergunta resultou em séculos de desentendimento, rancor, ódio e perseguição entre Roma e Jerusalém.

É evidente que desde muito cedo, quase desde o século II d.C., tudo contribuiu para que se jogasse exclusivamente nas costas dos judeus do tempo de Jesus o peso do processo, da tortura e da condenação à morte na cruz do grande inocente da história. A Igreja necessitou de

muitos séculos — praticamente até a chegada de João XXIII ao trono de Pedro, em meados do século XX — para apagar de seus livros litúrgicos da Semana Santa a horrível frase que os cristãos rezavam toda Sexta-feira Santa: "pelos pérfidos judeus".

Como escreveu recentemente o escritor judeu Amos Oz, "a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de assassinos de Deus". O escritor conta que, sempre que perguntava à suas tias algo sobre Jesus, elas respondiam que era melhor "falar de coisas mais agradáveis" e que o assunto provocava as mesmas reações de nervosismo que as conversas sobre sexo. E conta também uma conversa que teve em um trem com umas freirinhas católicas que, quando souberem que o escritor era judeu, perguntaram: "Mas como vocês puderam fazer o que fizeram com Jesus, que era tão bom?" Subentendia-se que, se Jesus era bom, os judeus eram maus, por terem matado um homem bom como ele.

Seria injusto dizer que essa visão negativa dos judeus como assassinos de Jesus, que a Igreja disseminou ao longo dos séculos, foi o único motivo que levou à perseguição em massa dos hebreus, que terminou no inferno dos fornos crematórios e no novo gólgota dos campos de concentração. Mas, sem dúvida, teve algo a ver, pelos menos subliminarmente, com a passividade que uma parte da Igreja e dos cristãos demonstraram diante desse horror nazista. Porque o nazismo e a perseguição aos

judeus ocorreu na sociedade e na cultura fundamentalmente cristã, e não em outros lugares da Terra dominados por outras crenças e culturas religiosas.

Jesus foi condenado à morte pelos romanos

Hoje, no entanto, além de haver mais consciência de que os judeus de hoje não têm nada a ver com aquilo que os hebreus contemporâneos de Jesus eventualmente fizeram ou deixaram de fazer — assim como os portugueses e espanhóis atuais não têm culpa dos horrores cometidos pelos conquistadores da América contra os nativos daquele continente —, todos os estudos mais sérios estão chegando à conclusão de que Jesus foi condenado à morte e executado não pelos judeus, mas pelos romanos que naquele tempo ocupavam a Palestina.

A essa conclusão chegou Paul Winter, sem dúvida o maior especialista mundial na matéria, em sua obra magistral, *Sobre o processo de Jesus*, depois de ter analisado com extrema meticulosidade tudo o que se refere ao processo sofrido por Jesus, aos motivos pelos quais foi conduzido à cruz e aos autores da sentença de morte, distinguindo o que pode haver de literário e de histórico nos relatos evangélicos e sondando na história não-cristã do tempo de Jesus.

De fontes históricas não-júdas sabe-se, por exemplo, que a crucificação, a pena de morte a que Jesus foi condenado, não estava entre as várias formas que os judeus tinham de infligir a

pena capital. Os judeus matavam por apedrejamento, pelo fogo e por decapitação. Só mais tarde — de fato, isso não aparece na Bíblia — foi introduzida uma quarta forma de execução: o estrangulamento. Especulou-se muito sobre essa forma de execução tardia. Parece que foi introduzida quando alguns grupos judeus começaram a acreditar na doutrina da ressurreição dos mortos com os mesmos corpos que tiveram em vida. Para tanto, parecia-lhes que o executado por estrangulamento chegaria à ressurreição com o corpo menos mutilado do que, por exemplo, os mortos por apedrejamento, os queimados ou decapitados.

Portanto, se Jesus tivesse sido condenado à morte pelos judeus — afirma Winter e tantos outros especialistas —, não teria sido condenado à pena de crucificação, que era o suplício que os romanos daquele tempo reservavam aos rebeldes políticos, mas a um dos métodos de execução adotados pelas autoridades judaicas.

É verdade que, para evitar esse argumento, os que defendem que Jesus foi condenado à morte pelos judeus apelam para um texto do historiador Flávio Josefo, segundo o qual parece que, na época de Antíoco Epifanes os judeus eram condenados à crucificação por motivos religiosos. Mas, como bem analisou Winter, o que ocorria é que os judeus conheciam a prática da crucificação adotada pelos romanos às vezes em massa, mas que eles nunca a usaram como instrumento de condenação à morte.

Outros confundiram a crucificação com a prática judaica de pendurar o corpo do executado, já morto, em um poste ou uma árvore para o escarmento público, o que era uma coisa muito diferente. De fato, as fontes rabínicas fazem uma distinção entre a pena de crucificação (a suspensão de uma pessoa viva, de que fala Flávio Josefo) e a exposição do corpo dos executados por apedrejamento. Da primeira, as fontes rabínicas indicam que era o tipo de morte "em conformidade com a prática penal romana". Justamente o autor do comentário de Nahum, do tempo de Antíoco IV, menciona com repugnância a prática dos romanos de "suspender homens vivos", prática da qual diz que "nunca se fizera antes em Israel".

Por que os evangelhos não contam a verdade histórica sobre a Paixão?

E curioso que não se possa deduzir das narrações dos quatro evangelistas uma verdade clara e certa sobre quem matou Jesus e por que fez isso, já que, sem sombra de dúvida, o ponto mais crítico da vida de Cristo foi sua prisão, o processo a que foi submetido depois de sua captura, as torturas que sofreu, a condenação à morte na cruz e a execução da sentença.

Esses episódios são prolixamente expostos nos quatro evangelhos, ao passo que em alguns nada se diz, por exemplo, do nascimento nem da infância de Jesus. Há quem tenha visto na narração da paixão e morte de Jesus o

verdadeiro objetivo dos evangelistas, sendo tudo o mais uma espécie de simples introdução a esses episódios. Por isso eles não teriam se preocupado em narrar muitos outros acontecimentos de sua vida historicamente muito importantes, enquanto que, de sua morte, contam tudo nos mínimos detalhes.

Tanta informação sobre a paixão e a morte de Jesus não é de estranhar, pois é fácil compreender que, para seus primeiros seguidores, o desenlace inesperado e cruento da vida do profeta que lhes prometera implantar na terra um reino de prosperidade e de liberdade deve ter sido um drama enorme. De repente tudo desabava como um castelo de cartas, vendo seu Mestre morrer vilmente pregado numa cruz como um bandido sem que Deus movesse um dedo para impedi-lo. E tiveram medo. E fugiram para se esconder, temendo acabar sacrificados eles também.

Portanto, tudo levaria a crer que, pelo menos dos episódios da paixão e morte testemunhados pelos apóstolos, teria ficado uma memória histórica viva e que seus relatos nos teriam transmitido os fatos com absoluta objetividade.

Nada disso. Os quatro relatos sobre a prisão, o julgamento e a condenação de Jesus à morte tampouco são documentos históricos, de acordo com os cânones modernos da historicidade. Os quatro evangelistas que os narram estavam mais preocupados em fazer coincidir as antigas profecias da Bíblia com o que aconteceu na paixão de Jesus do que em contar como os fatos

realmente ocorreram. Assim como se preocuparam mais em filtrar os fatos para acomodá-los às necessidades das primeiras comunidades do que com sua veracidade histórica. E por que isso?

Quando os evangelhos foram escritos — quarenta anos após a morte de Jesus e alguns até sessenta ou setenta anos mais tarde — por autores que não tinham conhecido Jesus e, portanto, não foram testemunhas oculares dos fatos, já havia muita discussão entre as primeiras comunidades sobre os novos rumos do cristianismo primitivo, que já se abria aos gentios e era perseguido pelos romanos, ao mesmo tempo em que ia se afastando cada vez mais de suas raízes judaicas.

Tudo isso esteve muito presente na hora de escrever os evangelhos, e em particular os episódios da paixão e morte de Jesus. Os relatos deixam transparecer a discussão sobre quais foram os verdadeiros responsáveis por aquela morte, se os judeus — que tinham voltado a perseguir os cristãos primitivos que estavam levando os ensinamentos e a fé das primeiras comunidades, formadas exclusivamente por judeus, para outros povos fora de Israel — ou os romanos — que estavam perseguindo a nova seita de origem judaica, ao mesmo tempo em que começavam a se interessar por ela.

Só assim se explica que alguns episódios da paixão possam ter, nos evangelhos, até sete versões diferentes. Acontece que, como diz Winter, "os evangelistas escreveram suas

narrações com uma finalidade religiosa, não histórica. Não pretendiam deixar um documento de pesquisa histórica, e sim transmitir uma mensagem religiosa". Martin Dibelius é da mesma opinião, lembrando que não houve testemunhas oculares do interrogatório a que Jesus foi submetido durante o processo que o condenou à morte.

Nem sequer o evangelho de Marcos, considerado o mais antigo e que supostamente seria o mais fiel aos fatos, por estar menos contaminado pelas discussões entre judeus e novos cristãos, pode ser considerado um documento histórico. Segundo C. Kingsley, "a tradição que chega até o evangelista já era uma tradição interpretada" e, portanto, filtrada pela fé.

As autoridades judaicas podiam condenar à morte na época de Jesus ou essa era uma prerrogativa exclusiva dos romanos?

Mas seria impossível negar que, apesar das contradições e divergências evidentes que apresentam ao narrar um mesmo fato, os quatro evangelhos, observados em seu conjunto, contêm alguns episódios históricos sobre o julgamento e a condenação de Jesus à morte. O difícil, neste caso, como no resto dos evangelhos, é distinguir aquilo que pertence à história do que está escrito em função da interpretação religiosa dos fatos.

Como exemplo, basta lembrar que os três evangelistas sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) afirmam que o processo e a condenação de Jesus só se deram depois de um ano de pregação pública, durante o qual o profeta esteve em Jerusalém somente uma vez, enquanto o quarto evangelho, o de João, diz que Jesus pregou por três anos e que ia todos os anos a Jerusalém para as festividades da Páscoa. Quem diz a verdade?

Segundo alguns relatos evangélicos, entre a prisão de Jesus e sua crucificação passaram-se não mais que 24 horas, ao passo que, segundo a narração de outros, teriam transcorrido vários dias. Há inclusive quem afirme que todo o processo pode ter durado meses e até um ano inteiro, durante o qual Jesus teria sido interrogado várias vezes e por diversas autoridades, tanto judias como romanas.

O fato é que algumas das narrações dos evangelistas contradizem as leis e costumes judiciais daquele tempo. Mas, infelizmente, as fontes não-cristãs da época também não são muito claras quanto ao funcionamento da justiça no tempo de Jesus, quando a Palestina estava sob ocupação romana.

Uma questão fundamental, por exemplo, é saber se os tribunais judeus tinham então o poder de condenar à morte por delitos religiosos, como a blasfêmia. Hoje parece impossível responder com absoluta certeza a essa questão crucial para saber quem decidiu condenar Jesus à morte.

Pelo pouco que sabemos, parece que os tribunais judeus da época de Jesus tinham certa

autonomia em questões legais, com a exceção dos crimes políticos, reservados às autoridades romanas. Havia um compromisso por parte de Roma de não se imiscuir nem interferir nos assuntos religiosos dos judeus sob ocupação romana.

Segundo o evangelho de Marcos, Jesus foi condenado pelo Sinédrio, o superior tribunal judeu, pelo delito de blasfêmia. O Sinédrio teria decretado que Jesus deveria morrer. Pois bem, mesmo no caso, incerto, de que o Sinédrio tivesse então o poder de condenar à morte, é sabido que o delito de blasfêmia era castigado com a pena de apedrejamento e nunca de crucificação, reservada, como já foi dito, aos casos de rebeldia política e normalmente aplicada pelos romanos. Mas se o Sinédrio condenou Jesus por blasfêmia, considerando-o digno da pena de morte, e tinha poder para condená-lo, por que o enviou a Pilatos, a autoridade romana que não julgava os casos de rebeldia religiosa? Tampouco se entende porquê, então, Jesus foi condenado à morte por Pilatos, se já havia sido condenado pelo Sinédrio.

Sem dúvida, a narração de Marcos tem toda a aparência de não ser histórica. E a pergunta é: qual a intenção de Marcos ao criar essa história? O mais provável é que Marcos, que escreveu seu evangelho em Roma, onde os cristãos eram perseguidos, quisesse evitar jogar sobre as autoridades romanas o peso da condenação à morte de Jesus, resolvendo que o tribunal judeu já o havia condenado. Para tanto, Marcos inventa

uma noturna sessão de interrogatório na casa do sumo sacerdote, quando se sabe historicamente que o Sinédrio nunca se reunia na casa do sumo sacerdote. De fato, os evangelistas Lucas e João nunca falam de um julgamento de Jesus perante o Sinédrio, nem de sua condenação à morte por esse tribunal.

É verdade que Jesus foi cruelmente torturado antes de morrer?

É verdade que Jesus foi cruelmente torturado antes e depois da condenação à morte, como afirmam alguns evangelistas? Também sobre esse episódio existem sérias dúvidas. Sabe-se que não eram usuais essas torturas antes da condenação à morte. O que havia naquele tempo entre os soldados romanos era o costume, segundo rituais antigos, de se zombar do réu depois de condenado à morte, vestindo-o, por exemplo, de palhaço ou de rei. A narração sobre suas torturas poderia ser fruto, pelo menos em parte, como em outros episódios da paixão, do desejo de fazer coincidir as profecias bíblicas, que diziam que o futuro Messias seria escarnecido e torturado, com a história de Jesus. Mas também não temos certeza quanto a esse fato.

Tampouco existe unanimidade quanto a quem executou a detenção de Jesus no Horto das Oliveiras. Segundo os sinóticos, Jesus foi preso por uma multidão armada "por ordem dos príncipes dos sacerdotes, dos magistrados do

Templo, e dos anciãos". O evangelista João, ao contrário, escreve que Jesus foi preso por uma coorte de soldados romanos. Pois bem, parece estranho que o evangelista João, justo quem manifesta em sua narração sentimentos mais anti-judaicos e que escreveu já conhecendo os outros evangelhos, tenha inventado, corrigindo-os, que Jesus foi preso por soldados romanos.

O mais provável é que Jesus tenha sido preso por soldados romanos depois de uma denúncia dos guardas do Templo, que mandaram conduzido ao Sinédrio, já que a acusação que pesava sobre ele era a de ter atentado contra a sacralidade do Templo de Jerusalém, isto é, uma questão religiosa e não política. Por que então acabou sendo acusado de um delito político e não religioso?

Não sabemos por que foi crucificado

Ninguém sabe ao certo os motivos pelos quais Jesus foi crucificado. Partindo do fato de que os romanos reservavam a crucificação aos crimes políticos, tudo leva a crer que Jesus foi acusado de rebeldia, e por isso condenado. De fato, uma das coisas que parecem ser mais certas em todos os relatos da paixão é a inscrição que Pilatos mandou pôr na cruz, segundo o costume da época, para que todos soubessem por que o réu estava sendo crucificado.

Na cruz de Jesus escreveram "Rei dos judeus". Isto é, que fora condenado àquela morte tão cruel e humilhante por ter afirmado que queria

ser o Rei dos judeus, ameaçando assim o poder de Roma sobre a Judéia. Como afirmou Pinero, "a morte de Jesus nas mãos dos romanos é um fato histórico, testemunhado até pelo historiador romano Tácito. Mas é bem provável que os motivos de sua morte não fossem de caráter religioso, e sim político. Jesus morreu condenado pelos romanos como um perigoso revolucionário político".

Acontece que, como assinala o biblicista espanhol, para o governante de uma nação militarmente ocupada como a Palestina, era impensável não reprimir um movimento messiânico (basta lembrar a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, aclamado pela multidão) que poderia causar um levante contra Roma, como acontecera em outras ocasiões. A pregação de Jesus sobre um novo Reino para os judeus podia ser explosiva.

Vejo que se trata de uma das questões mais delicadas de toda a história de Jesus: saber quem mandou crucificá-lo, e por quê. Sem dúvida, jamais saberemos toda a verdade dos fatos. Pessoalmente, apesar de ter dito no início deste livro que minha intenção era mais fazer perguntas que dar respostas, penso o seguinte a esse respeito: Jesus era um profeta radical e inteligente que estava começando a fazer muito barulho. Mostrava conhecer muito bem as Escrituras e, por isso, podia discutir com os doutores da Lei, com os saduceus e com os fariseus. Não era, portanto, um profetinha como tantos outros que vez por outra surgiam e

desapareciam tão rapidamente como haviam chegado.

Jesus era diferente. Sem nunca renegar sua condição de judeu cioso da Lei, foi imensamente crítico em relação à religião fossilizada de seu tempo. Nunca se proclamou Messias nem Deus, mas os que o seguiam, diante dos prodígios que realizava, sentiam-no como tal ou desejavam que o fosse. E, por mais que ele às vezes protestasse, dizendo que não era ele, mas Deus quem operava os milagres, as pessoas e até os próprios apóstolos acreditaram literalmente que o novo Reino que ele anunciava era também um reino temporal e concreto que devolveria a Israel a liberdade perdida. E confiaram nele.

Jesus era um profeta mais religioso do que político. O que ele pregava era a purificação da religião judaica, na qual fora criado desde criança. Acreditava nas profecias bíblicas, que anunciavam uma nova etapa espiritual em que todos os homens seriam mais irmãos do que lobos, em que Deus seria mais pai do que juiz dos homens e em que cada ser humano se conscientizaria de sua própria dignidade como filho de Deus, fosse ele leproso, prostituta ou doutor da Lei.

Para isso, seus contemporâneos deviam se conscientizar da necessidade de acabar com a hipocrisia de uma religião que se degradara e que seus dirigentes usavam em benefício próprio. Daí sua condenação à rigidez da lei sabática e suas diatribes contra o comércio que a Igreja da época realizava no Templo, fazendo

dele um mercado mais do que uma casa de oração.

Pode ser que aqueles que se sentiram prejudicados em seus interesses com a condenação de Jesus aos negócios feitos no Templo - que Jesus chegou a tachar de "covil de ladrões" — tenham denunciado o profeta às autoridades religiosas. A estas, mais do que os ataques de Jesus aos abusos e excessos da religião legalista, devia preocupar o barulho que Jesus estava fazendo sem que se soubesse ao certo se sua pregação tinha um caráter estritamente religioso ou também político e social.

Não podemos esquecer que os hierarcas judeus eram então nomeados pelo poder romano. Portanto, não queriam problemas com o governador Pilatos, que não era, como alguns evangelistas o representam, um homem bom e fraco que fez todo o possível para salvar Jesus dos judeus que queriam sua morte, mas um homem duro e violento que amedrontava a todos.

Sendo assim, é possível que o próprio Pilatos tenha contatado as autoridades do Sinédrio para saber o que estava havendo com aquele profeta que o povo tanto seguia e de quem se dizia que queria proclamar-se rei. E também é possível que as autoridades judaicas, conhecendo o caráter de Pilatos, tenham se amedrontado.

Por isso, não é improvável que elas próprias tenham falado com Jesus, dentro ou fora de um processo legal, para saber de sua própria boca o

que estava acontecendo. Depois desses interrogatórios, devem ter chegado à conclusão de que dificilmente se poderia condenar Jesus por motivos religiosos — se é que o Sinédrio tinha mesmo poderes para condenar alguém —, já que Jesus em nenhum momento desprezou nem atacou a religião judaica de seus pais, pretendendo apenas aperfeiçoá-la e cumprir as profecias das Escrituras, que anunciavam dias melhores para essa religião que podia até abrir-se a outros povos.

É aí que o Sinédrio, temendo o governador, pode ter enviado o profeta a Pilatos para que ele se encarregasse de interrogá-lo e de verificar se era culpado de outro tipo de rebelião que não fosse a religiosa. E a partir daí foi o poder romano que resolveu se livrar do profeta incômodo, condenando-o por proclamar-se, segundo as acusações, Rei dos judeus. Por isso é possível afirmar, como fez Tamayo, que, no final das contas, o julgamento de Jesus e sua condenação à morte foram um grande erro judicial, já que ele foi executado como um rebelde político e revolucionário que pretendia levantar o povo contra o poder romano, quando, na verdade, ele nunca tentara tal coisa, nem pretendia auto-proclamar-se rei dos judeus, mas anunciar um reinado de paz e de respeito a todos, onde, por fim, os mais humilhados tivessem seus direitos reconhecidos e os poderosos se pusessem a serviço dos necessitados e esquecidos pela sociedade. Sua revolução podia ser, sim, religio-

sa e social, não política, mas foi por causa desta que o assassinaram.

Quando Jesus foi assassinado? Tampouco se sabe ao certo. Segundo o evangelista João, ele foi crucificado na quinta-feira, 14 de *nisan*, na véspera da Páscoa, o dia mais importante do calendário judeu. Mateus, Marcos e Lucas, ao contrário, sustentam que Jesus foi crucificado na sexta-feira, 15 de *nisan*, o dia da grande festa da Páscoa. Mas o mais provável é que esteja certo o evangelho de João, pois hoje parece impossível que as autoridades judaicas permitissem que um pleito levado ao governador romano, que poderia resultar numa condenação à morte, fosse resolvido no feriado mais importante para os judeus.

Apesar dos muitos cálculos que foram realizados, também não foi possível determinar o ano da crucificação de Jesus nem a idade que o profeta tinha na hora da morte, podendo variar entre os 25 e os 32 anos.

Capítulo 9

AS HIPÓTESES MAIS INVEROSSÍMEIS SOBRE JESUS

Sobre a vida de Jesus — justamente por se saber tão pouco dele — criaram-se mil histórias e hipóteses, até as mais inverossímeis, como a de que ele não morreu na cruz e foi viver na Índia, que foi um extraterrestre que deixou este mundo numa nave espacial e voltará em outra, ou de

que é apenas fruto do mito astral do Sol e da Lua. Nenhuma dessas hipóteses goza de credibilidade entre os especialistas, mas não se pode silenciar sobre essas histórias caso se queira refazer todo o percurso do que já foi dito e escrito sobre o famoso profeta judeu cujo nome deu vida à Igreja com o maior número de fiéis no mundo.

Antes de analisar a extravagante hipótese de que Jesus não teria morrido na cruz, acabando seus dias na Índia, há que se precisar um fato: poderia ser verdade que, durante os anos da chamada "vida oculta" do profeta, isto é, desde sua infância até o início da idade adulta, quando ele se apresenta publicamente para pregar um novo Reino e cria a comunidade de seus 12 apóstolos, Jesus não tivesse permanecido inativo em sua aldeia de Nazaré, e sim viajado fora da Palestina, chegando ao Egito e até mesmo à Índia.

Não existem provas que fundamentem essa tese, mas, para muitos especialistas, continua sendo no mínimo curioso o silêncio de Jesus acerca desses 18 ou 20 anos de sua primeira juventude, dos quais nada sabemos e nem uma palavra chegou a nós, seja por meio dos evangelhos, seja pelos documentos históricos não-cristãos. Muitos se perguntam se é possível que, durante tantos anos, Jesus tenha continuado a trabalhar como carpinteiro ou pedreiro ao lado de José, seu pai. E, nesse caso, como se explica que, ao aparecer em público, ele mostrasse tanta sabedoria, tantos conhecimentos, sabendo e praticando até

rituais de magia de cultos estranhos ao judaísmo?

Jesus, em muitas ocasiões, demonstra conhecer elementos de outras religiões e culturas, principalmente as orientais. Às vezes parece mais um seguidor das religiões egípcias ou hindus que do próprio judaísmo, apesar de conhecê-lo muito bem. Teria estado em contato com os gregos? Pensa-se, de fato, que ele falava bem o grego, além do aramaico e do hebraico. Onde o aprendeu? Por outro lado, não se pode esquecer que da minúscula Nazaré partiam outrora as grandes caravanas para o exterior, para Damasco, por exemplo.

Jesus se casou e morreu na Índia?

A possibilidade de que Jesus tenha viajado por outros países durante os vinte anos de sua juventude continua sendo uma hipótese sem provas históricas, mas nem por isso absurda. Daí nasceu a idéia de suas duas viagens à Índia, primeiro como jovem profeta e mais tarde para fugir, depois de ter se salvado da morte na cruz. Essa segunda hipótese, segundo a qual Jesus teria acabado sua vida em Caxemira, constituindo família e tendo filhos ali, ou a de que teria vindo de outro planeta ou seria apenas uma continuação do mito primitivo do Sol e da Lua, pertencem todas ao reino da fantasia. Mas como nasceram essas hipóteses tão descabidas?

A idéia de que Jesus pode ter vivido em Caxemira até a velhice pode ter sido criada por aqueles

que não acreditaram na ressurreição gloriosa de seu corpo. Sempre houve quem achasse que Jesus podia ter sido baixado da cruz por seus discípulos e pelas mulheres suas amigas ainda vivo, ludibriando os soldados na confusão da festa da Páscoa.

Quem defende essa tese se apóia nos textos evangélicos segundo os quais Pilatos não queria condenar Jesus, sobretudo depois de sua mulher lhe pedir que tentasse salvá-lo, pois havia sonhado com ele. Também contribuiu para criar essa lenda o rumor de que Jesus falecera em seguida, quando a agonia dos crucificados costumava se estender por dias a fio. Além disso, como o dia seguinte era o sábado de Páscoa, os cadáveres dos crucificados não poderiam permanecer na cruz, sendo necessário baixá-los.

Baixaram Jesus vivo, ainda a tempo de salvá-lo? Os que acreditam nisso imaginam que, para escapar de seus algozes, Jesus fugiu para a Índia. Quem defende essa idéia argumenta que só assim se cumpriria a profecia de que Jesus levaria a Boa Nova a todas as tribos de Israel. Pois bem, sabe-se que dez das 12 tribos de Israel terminaram na diáspora. Salvo as de Judá e Behamiã, que ocupavam o sul da Palestina, todas se dispersaram depois de absorvidas pelo império persa, que foi expandindo seus domínios pelas terras do atual Afeganistão, do Paquistão e da Caxemira.

O curioso é que, mesmo se tratando de uma hipótese tão extravagante, em Srinagar, capital da Caxemira, existe há quase 2.000 anos o

túmulo de Jesus, chamado "rosabal". No mínimo se trata de um personagem cuja vida e cujos ensinamentos coincidiam com os de Jesus de Nazaré. Existe até um homem chamado Basharat Saleem que garante ser o último descendente vivo de Jesus. O arqueólogo Hassnain, diretor dos Arquivos, Bibliotecas e Monumentos de Caxemira, estudou há anos a possibilidade de que Jesus tenha estado duas vezes na Índia. Os estudos desse arqueólogo foram analisados por Andreas Faber-Kaiser em sua obra *Jesus starb in Kaschmir (Jesus viveu e morreu em Caxemira)*.

Hassnain começou a se interessar pela hipótese de Jesus ter estado em Caxemira depois de saber da existência de certos documentos, citados nos diários dos missionários alemães Marx e Franke, em que se narra a vida de Jesus na Índia e nas regiões do Tibete e Ladakh durante os anos em que os evangelhos nada dizem dele: dos 12 aos 29 anos. Nicolai Notovitch, explorador do norte da Índia no final da década de oitenta do século XIX, já ouvira falar dos famosos documentos. Chegando ao mosteiro budista de Hemis, este contou ao lama chefe que ouvira falar de uns manuscritos importantes que narravam a história de Jesus na Índia, que, segundo lhe constava, estavam na biblioteca daquele mosteiro e que queria consultá-los.

O personagem de Jesus cuja história coincide exatamente com a narrada nos evangelhos chama-se, nesses documentos, Isa. Segundo esses escritos, Jesus viveu seis anos em várias cidades sagradas da Índia, como Rajagriha e

Benares. De início, fora muito amado, ensinando as Escrituras àquela gente. Mas começou a ser malvisto quando se pôs a pregar a igualdade de todos os homens, num país em que as castas estavam muito arraigadas. Por fim, tentaram matá-lo, mas ele conseguiu fugir e se refugiou em Gautamides, o país de Buda. Aos 29 anos, Jesus voltou a Israel, onde começou sua vida pública.

Sobre sua segunda viagem à Índia, depois de escapar da morte na cruz, em que teria sido acompanhado, entre outros, por Maria, sua mãe, e teria constituído família e tido filhos, existem ainda hoje muitas lendas naquele país, onde até se exhibe o túmulo da Virgem.

Jesus foi um extraterrestre que voltará numa nave espacial?

Há até quem acredite que Jesus não veio a este mundo em carne e osso, mas que foi uma espécie de extraterrestre que desceu à Terra numa nave espacial, como comandante intergaláctico. E que um dia voltará em outra nave. De fato, como afirma Josep Guijarro, muitos grupos de contato com óvnis espalhados pelo mundo transformaram Jesus e sua mensagem de redenção no eixo central de suas comunicações.

Jesus seria um extraterrestre que voltará ao mundo vitorioso. Já nas Sagradas Escrituras havia indícios dessa visão de Jesus fazendo parte de um plano cósmico, como, por exemplo, as

carruagens de fogo, as colunas de fumaça, as nuvens de fogo e os anjos. Para eles, o que a Bíblia chama anjos seriam extraterrestres. E a famosa estrela vista pelos reis magos no nascimento de Cristo não passaria de uma nave espacial que os guiava. Esse fenômeno se pareceria muito com aquilo que se relata nos atuais casos de aparecimento de óvnis. Do contrário, como se explicaria, dizem os defensores da teoria do Jesus extraterrestre, que uma estrela se movimentasse durante meses e depois ficasse estática sobre a gruta de Belém?

Também o episódio evangélico da transfiguração diante dos apóstolos Pedro, Santiago e João ("e transfigurou-se diante deles. E seu rosto ficou refulgente como o sol: e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve") é explicado como sendo mais um fenômeno do Jesus extraterrestre, pois coincidiria com algumas aparições atuais de ovniônautas.

A própria ressurreição é, para os defensores dessa teoria, uma prova contundente. Guijarro lembra que, na Academia Conciliar de Moscou, encontra-se um famoso ícone chamado "A ressurreição de Cristo", em que Jesus aparece num receptáculo que lembra uma espaçonave oval apoiada no chão. De seu exterior emana uma fumaça espessa que oculta os pés dos anjos.

O próprio pantocrator da fachada da igreja românica de Moarbes de Ojeda, em Palencia, Espanha, representa, para eles, Jesus Cristo dentro de uma cápsula espacial. Para os adeptos

dessas teorias, é fundamental a pergunta que Jesus faz a seus discípulos e que aparece no evangelho de Marcos: "E vós, quem credes que sou?" Como se Jesus, ocultando sua verdadeira identidade, quisesse saber se os discípulos tinham descoberto seu segredo.

Segundo os adeptos das teorias do Cristo extraterrestre, quando Jesus ressuscitou, ele subiu aos céus numa nave espacial, e em sua segunda vinda retornará a qualquer momento em outra nave espacial. Parece que essa mesma crença circula não só entre eles, mas também em certo tipo de espiritismo. Isso explicaria as muitas mensagens vindas de outras galáxias, que estariam anunciando essa segunda vinda de Jesus, o Messias judeu, que desta vez não virá com uma cruz, mas chegará glorioso entre nuvens.

Para os iniciados, o Jesus extraterrestre está intimamente ligado à luz do Sol. Por isso é tão importante para eles a afirmação de Jesus no evangelho de João, quando diz: "Eu sou a luz do mundo." Em *Cuadernos de ufologia*, Javier Sierra e Manuel Carballal explicam um fenômeno que ocorreu em 2 de fevereiro de 1988 nos céus espanhóis e que poderia estar relacionado com a teoria da iminente chegada de Jesus vindo dos astros. Sixto Paz afirma que recebeu o seguinte contato: "Nossa tarefa é preparar, junto com vocês, jovens da Terra, a volta e o retorno de Cristo."

É de acreditar que Jesus possa voltar ao mundo numa nave espacial? Para muitos antropólogos,

foi a psicose do medo do novo milênio que fez recrudescer todas as teorias mais estranhas sobre o fim do mundo e a segunda vinda de Jesus. Nesse sentido, chegou-se a pensar que a nova Jerusalém, de que fala o *Apocalipse*, não passaria de uma grande nave cósmica.

O sociólogo americano Andrew Greeley tem uma teoria acerca dessas fantasias. Diz ele que nossas Igrejas foram perdendo todo o caráter mágico e misterioso que um dia tiveram, que nelas não se acredita mais em milagres, e que esse ambiente mágico foi substituído pelos óvnis e todas as teorias ligadas aos extraterrestres.

O que dizer de todas essas teorias? No mínimo, provam que a figura de Jesus ficou tão gravada no subconsciente religioso e mítico das pessoas, mesmo as mais distantes da Igreja oficial, que veio inspirar os fenômenos mais distantes da racionalidade e da ciência experimental. Jesus, com seu caráter mítico e utópico, é como um material maleável que sempre serviu para impregnar até as idéias mais fantásticas.

Sem querer, foram os próprios evangelhos, com seu silêncio sobre a verdadeira personalidade de Jesus e com a escassez de dados históricos sobre sua vida, que acabaram alimentando as hipóteses mais inacreditáveis sobre aquele inquietante e, ao mesmo tempo, doce profeta de Galiléia.

Jesus foi um produto criado com elementos das antigas divindades mitológicas?

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus — que não teria existido realmente — elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele. Para esses autores, há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: "Precisamos de mais coincidências?".

Os adversários da historicidade do cristianismo e defensores do Jesus mítico acreditam que muito do que aparece nos evangelhos não passa de tradução judaica de mitos egípcios. Assim, por

exemplo, na ressurreição de Lázaro (um dos episódios dos evangelhos a que se atribui menos credibilidade histórica) tratou-se de aplicar a Jesus a história da múmia de Al-Azarus, do mito egípcio de Hórus, que ocorreu mil anos antes do nascimento de Jesus.

Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Satã, deduz-se que daí teria vindo a teoria de satanás e dos demônios contida nos evangelhos. Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão.

O fato é que certas coisas que os evangelhos contam acerca de Jesus — justamente as que têm menos credibilidade histórica — se prestam para alimentar a teoria de que Jesus é apenas fruto de uma continuação de deuses míticos da antigüidade.

Jesus e as mitologias do Sol e da Lua

Uma das visões míticas atribuídas a Jesus é a da leitura lunar e solar aplicada às principais deidades antigas. Segundo essas teorias, o Sol gera religiões, ao passo que a Lua cria a magia. Assim, alguns povos se guiaram religiosamente pela Lua e outros pelo Sol. Nos mitos antigos, o Sol-Homem é gerado pela Mãe-Noite, representada pela Lua ou pela estrela-d'alva, representada por uma figura de mulher. Maria também foi chamada Lua, um dos nomes mais

antigos do Mundo, como Mãe do Espírito. Daí Mara ou Maya, e depois Miriam, de onde vem o vocábulo latino Maria.

Isso explica porquê, desde a mais remota antigüidade, a noite entre 24 e 25 de dezembro se reveste de uma sacralidade especial: por ser a data de nascimento do Sol. Por isso os deuses da mitologia antiga nasciam em 25 de dezembro. Era o que acontecia com o deus Marduk, deus babilônico de origem suméria, cujo nome significa "bezerro do Sol". O mesmo ocorria com a divindade Mitra, a divindade tauriforme parida por uma pedra, sobre cujo templo se ergueu o Vaticano. Exatamente como os cristãos fizeram com o nascimento de Jesus, cuja data na realidade não se conhece e há séculos é celebrado em 25 de dezembro.

Os defensores do mito de Jesus como prolongamento do mito do Sol, que nas mitologias se confunde com a pedra, afirmam que Jesus, como Filho do Sol, nasceu de um útero pétreo, a gruta de Belém (também um dos episódios evangélicos historicamente menos prováveis). E que, por ser Filho do Sol-Pedra, acabaria dando a seu apóstolo mais importante o nome de Pedra (Pedro), já que os egípcios sustentavam que pedra era igual a luz e que o Sol se encerra na pedra. Vem daí o nome das pirâmides, cujo equivalente em hebreu é *urrim-midim*, que significa "fragmentos de luz", e se aplicando a cada bloco de pedra usado na construção das pirâmides e, ao mesmo tempo, à soma de todos os seus blocos.

A mitologia da gruta-pedra associada ao Sol aparece no nascimento de Zeus, parido à noite entre as paredes pétreas de uma gruta, vindo seu nome da raiz indo-européia *div*, que significa "sentir luz". Também Manco Capac, o "inca rei dos reis", nasceu numa gruta e seu pai era o Sol, como escreve o asteca Armando Carranza. Milhares de mitos de divindades antigas repetem o modelo de um deus filho do Sol e da Lua enviado à terra sob forma humana.

Se na mitologia antiga Jesus era o Sol, Maria, sua mãe, seria a Lua. Daí a importância que a Igreja daria à figura de Nossa Senhora, cujo culto permitiu, ainda que sem transformá-la em deusa. Daí também a dificuldade da Igreja em admitir as mulheres ao sacerdócio. É que, como nos mitos clássicos, ela deve desempenhar apenas o papel da escuridão da noite e da gruta, de onde nasce a vida. Somente ao Sol, à divindade masculina, é que pertence a luz e, decididamente, o poder.

Jesus existiu, mas seus discípulos o mitificaram para não se sentirem fracassados

Mas há outro modo de entender a afirmação de que Jesus, mais que uma realidade histórica, foi um mito. Para alguns, não é que Jesus não tenha existido, o que acontece é que o Jesus que nos foi transmitido pelos evangelistas não é o real, e sim fruto de uma mitificação do personagem. Um dos mais radicais defensores dessa hipótese é o racionalista ilustrado H. S. Raimarus, que viveu

entre os séculos XVII e XVIII. Em sua obra *Da pretensão de Jesus e seus discípulos*, publicada anonimamente em 1778, dez anos depois da morte do autor, Raimarus sustenta que Jesus foi um messias político que acabou fracassando e morrendo na cruz. Seus discípulos, que acreditaram em sua messianidade, roubaram seu cadáver e criaram o mito da ressurreição anunciando que ele voltaria. Para eles, Jesus era o redentor que viria salvar a humanidade. E a partir daí se desenvolve o mito.

Em outra linha se situa a famosa obra *Vida de Jesus*, de D. F. Strauss, publicada em 1835. Esse livro significou uma revolução. Para Strauss, os apóstolos não tinham necessidade de criar o mito de Jesus para evitar a sensação de fracasso. Ele aceita que agiram de boa-fé e que acreditaram em sua ressurreição e nas aparições posteriores. E explica o mito de Jesus como tendo sido criado pela devoção popular. Uma criação lenta que foi transformando o Jesus real e histórico em um personagem completamente diferente, modelado pela fé das diversas comunidades cristãs até transformá-lo na figura atual venerada pela Igreja Católica. Para Strauss, que foi professor em Tübingen, o Jesus atual é um personagem idealizado, mitificado pela fé, que provavelmente nada tem a ver com o que representou em vida. Na visão hoje predominante entre os maiores especialistas em questões de religião e de Bíblia, os evangelhos são, na realidade, uma mescla de elementos históricos e teológicos; as narrações dos evangelistas misturam traços do Jesus

histórico e do Jesus da fé, sendo que os aspectos históricos foram perdendo importância para dar lugar ao Jesus interiorizado pelos cristãos, às vezes com intenções puramente de fé e religião, às vezes para adaptá-lo às exigências de uma religião que por fim foi adotada e usada pelo poder. Por isso, os próprios evangelhos apresentam retratos do Jesus histórico muito diferentes, sendo impossível saber qual é o verdadeiramente original.

Capítulo 10

JESUS, SUA FAMÍLIA E SUA RELAÇÃO COM O SEXO

Um dos mais impenetráveis aspectos da vida e da personalidade de Jesus é sua relação com a família e com o sexo. Sempre foram temas tabu dos quais, ou não se quis falar, ou foram tratados de forma apologética e pouco séria. Mas também nesse aspecto ainda existem muitas perguntas sem resposta.

Por exemplo, é verdade que Jesus teve uma relação difícil com a mãe, Maria, com o pai, José, e com os irmãos? E verdade que foi um filho um tanto rebelde e pouco apegado à família? E crível que, dentro da cultura judaica de seu tempo, ele não tenha constituído sua própria família? E, nesse caso, como Jesus teria vivido sua sexualidade? É desrespeitoso pensar, como fazem alguns, que ele poderia ter sentido mais inclinação pelos homens que pelas mulheres?

Trata-se de um tema difícil, pois, pelo pouco que consta nos evangelhos, Jesus parecia mais inclinado a ter muitas amizades femininas, inclusive com famosas prostitutas daquela época, o que era malvisto para um profeta e pregador como ele.

Acredito sinceramente que a hipótese das possíveis tendências homossexuais de Jesus carece de fundamento. Aqueles que a sustentaram se apóiam numa famosa frase do evangelista João em que afirma ser ele o discípulo amado de Jesus. Por coincidência, o apóstolo João era o único dos 12 que não era casado. Mas é um argumento muito fraco, principalmente porque não há provas de que o evangelista João e o apóstolo solteiro fossem a mesma pessoa.

Também carece de credibilidade a suposta existência de um evangelho erótico de Marcos de que algumas seitas teriam feito uma leitura homossexual, e que por isso teria sido censurado pela Igreja. O próprio Crossan, que parece crer na existência desse evangelho de Marcos anterior ao canônico, tende a pensar que não havia razão para que se fizesse dele uma leitura homossexual, interpretando-o mais como descrição de um ritual de batismo que os homens recebiam nus.

Se Jesus não se casou, por que não o fez?

O que parece mais estranho é o fato de Jesus nunca ter se casado, pois é evidente o amor e a

simpatia que ele sempre demonstrou pelas mulheres, numa sociedade em que esta era pouco mais que um objeto. Como prova de que ele não se casou basta a alegação que a Igreja sempre fez de que o profeta preferiu ser livre, sem vínculos matrimoniais, para poder dedicar-se melhor e com maior liberdade ao anúncio da Boa Nova.

O curioso é que, nos últimos séculos, esse argumento tem sido usado pela Igreja Católica para defender sua tese do celibato obrigatório para os sacerdotes. Um argumento que é refutado pelos numerosos casos de pastores protestantes ou sacerdotes ortodoxos que realizam um grande trabalho de evangelização, principalmente nas missões, sem que para isso tenham que renunciar a ter uma mulher a seu lado. Ao contrário, em muitos casos elas são suas melhores colaboradoras. De fato, o grupo de Jesus e seus 12 apóstolos sempre foi acompanhado por um outro, formado de mulheres — algumas delas provavelmente suas esposas — que os ajudavam em sua missão.

Tratava-se de um hábito que foi mantido nas primeiras comunidades, como escreve o apóstolo Paulo. Em alguns casos parece que, para não escandalizar os fiéis, as mulheres que acompanhavam o missionário se faziam passar por sua esposa.

Nos primeiros anos do cristianismo, o celibato sacerdotal não tinha nenhum valor especial. O que se pedia aos bispos era que fossem "maridos de uma só mulher", para dar o exemplo àqueles

que mantinham relações com várias mulheres. Mas nunca se exigiu deles o celibato, do qual não há nem sinal nos evangelhos. Apenas na comunidade dissidente dos essênios, a dos monges de Qumran, existia naquele tempo o celibato. Só muito mais tarde, quando surge no cristianismo o estado monacal, é que a virgindade começa a ter um valor espiritual e de entrega total à comunidade.

O fato de que o tema do sexo e do celibato fosse tão marginal para as primeiras comunidades cristãs, só tocado quando se tratava de condenar suas aberrações, demonstra a pouca importância que lhe davam Jesus e seus discípulos. Só umas poucas vezes se diz nos evangelhos que os discípulos ficavam perplexos frente a certas atitudes públicas de Jesus em relação a algumas mulheres, como na conversa com a mulher samaritana — ainda por cima, uma pagã —, no poço de Jacó, quando se sabe que não era permitido aos homens falar com as mulheres na rua, nem sequer os maridos com suas esposas.

É sem dúvida difícil entender por que Jesus não se casou nem constituiu família, considerando seu amor pelas crianças, que ele eleva a símbolo e metáfora do melhor de sua pregação, chegando a dizer que mais vale suicidar-se que magoar uma criança. Nunca saberemos o verdadeiro motivo pelo qual ele renunciou a um amor pessoal e a ter filhos. Porque a hipótese erotizada de alguns analistas, segundo a qual Jesus se casou em segredo com a prostituta de Magdala, não merece a menor consideração.

Numa cultura em que o casamento não só não era proibido a ninguém, mas que constituía, junto com a família, um dos pilares da sociedade patriarcal palestina, imaginar a união secreta de Jesus com quem quer que seja está além da mais fantasiosa imaginação.

Por que Jesus se relacionou mal com seus pais e irmãos?

Em outro capítulo analisaremos a relação de Jesus com o mundo feminino. Aqui, só queremos examinar sua relação com a própria família, ou seja, como ele era como filho e irmão. Devemos confessar que chegam a ser chocantes os textos legados pelos evangelistas, que, nesse aspecto, são tão unânimes e livres de contradições que parecem ser mesmo históricos. Porque são textos duros. Tudo indica que as relações de Jesus com seus familiares não foram nada idílicas. Ao contrário, a impressão que se tem é que Jesus não estava nem um pouco preocupado em parecer bom filho nem bom irmão.

Em primeiro lugar, Jesus era malvisto em sua aldeia de Nazaré. O evangelista Mateus conta que, quando Jesus começou a ensinar na sinagoga de seu povoado, as pessoas, assustadas, diziam: "Porventura não é este o filho do carpinteiro? Não se chamava sua mãe Maria, e seus irmãos Santiago, e José, e Simão, e Judas: e suas irmãs não vivem elas todas entre nós? Donde vem logo a este todas estas coisas? E dele tomavam ocasião para se

escandalizarem." Mas Jesus lhes disse: "Não há profeta sem honra senão em sua pátria, e na sua casa. E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade de seus naturais." No evangelho de Marcos, considerado o mais antigo, Jesus também diz que o profeta é desprezado "entre os seus parentes".

Supondo-se que as palavras de Mateus não tenham um segundo sentido, elas indicam, sem dúvida, que seus conterrâneos tinham bem pouca consideração pela família de Jesus. Assim, vendo Jesus transformado num profeta que pretendia ensinar as pessoas, perguntavam-se como isso era possível, vindo ele de uma família com tão pouca importância e estudo. Mas não ficou nisso: Lucas conta que, um dia em que Jesus estava pregando, seus conterrâneos de Nazaré "se encheram de ira. E levantaram-se, e o lançaram fora da cidade: e o conduziram até o cume do monte, sobre o qual sua cidade estava fundada, para o precipitarem. Mas ele, passando no meio deles, se retirou".

Dizem os evangelhos que, em outras ocasiões, os irmãos e irmãs de Jesus consideravam-no "louco". Ou seja, segundo esses textos, a opinião que a família tinha dele não era das melhores. E é ele mesmo quem diz que sua família não o aceitava. Seria por essa razão que Jesus também não tinha muito amor nem simpatia por seus parentes? O que é mais grave se levarmos em conta a importância que a família tem para os judeus e a união que costuma haver entre os membros de uma mesma família.

O que de fato consta nos evangelhos é que, sempre que alguém dizia a Jesus que seus irmãos ou seus próprios pais o esperavam, costumava responder que, para ele, mais importante que sua família carnal eram aqueles que seguiam sua palavra. Uma atitude que ele manifestou desde bem pequeno, como indica o enigmático episódio em que Jesus se perde no Templo de Jerusalém e seus pais têm de repreendê-lo. O evangelho de Lucas conta-o da seguinte forma: "E seus pais iam todos os anos a Jerusalém no dia solene da Páscoa. E quando fez 12 anos, subindo eles a Jerusalém, segundo o costume do dia de festa, e acabados os dias que ela durava, quando voltaram para casa, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o advertissem. E crendo que ele viria com os da comitiva, andaram caminho de um dia, e o buscavam entre os parentes e conhecidos. E como o não achassem, voltaram a Jerusalém em busca dele. E aconteceu que três dias depois o acharam no Templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e fazendo-lhes perguntas. E todos que o ouviam estavam pasmados de sua inteligência e das suas respostas. E quando o viram se admiraram. E sua mãe lhe disse: 'Filho, por que usaste assim conosco? Sabe que teu pai e eu te andávamos buscando cheios de aflição.' E ele lhes respondeu: 'Para que me buscáveis? Não sabéis que importa ocupar-me nas coisas que são do serviço do meu Pai?' Mas eles não entenderam a palavra que lhes disse."

Supondo-se que o texto de Lucas seja historicamente verídico, certas coisas nele são surpreendentes. Primeiro, salta aos olhos que Jesus, aos seus 12 anos, devia ser muito independente e nas viagens não gostava de ficar ao lado dos pais, mas com os amigos ou outros parentes. De outro modo não se explicaria o fato de seus pais só perceberem que ele não ia na caravana depois de um dia de viagem. Por outro lado, o menino não só não pede desculpas aos pais, que lhe dizem que sofreram muito com seu comportamento, como os repreende por terem procurado por ele. Iriam deixá-lo sozinho em Jerusalém com 12 anos? De fato, como afirma o relato, seus pais não entenderam em nada a conduta do filho. E Jesus não tem nenhum gesto de consolo para com eles.

Alguma verdade deve haver nessa história, pois não existiria razão para que fosse inventada, já que a atitude do jovem Jesus não parece lá muito exemplar. Parece antes um ato de desobediência aos pais e de certa arrogância. Tanto assim que o evangelista — e isto tem, sim, toda a aparência de ter sido adulterado para que Jesus não pareça demasiado rebelde aos pais — acrescenta o seguinte: "E Jesus desceu com eles, e veio a Nazaré e obedecia-lhes." Havia alguma necessidade de frisá-lo? O que poderia fazer um menino de 12 anos, na fechada cultura de uma aldeia palestina, senão obedecer aos pais?

Jesus nunca exalta a família

Não há no evangelho uma exaltação de Jesus à família. E mais: dá a entender que sua pregação se destina fatalmente a separar as famílias a partir de dentro. Lucas diz isso claramente quando recolhe as categóricas palavras do profeta de Nazaré: "Vós cuidais que eu vim trazer paz à terra? Não, vos digo eu, mas separação: porque de hoje em diante haverá numa mesma casa cinco pessoas divididas, três contra duas, e duas contra três. Estarão divididas: o pai contra o filho, e o filho contra o seu pai, a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe, a sogra contra a nora, e a nora contra a sua sogra."

A Igreja passou séculos quebrando a cabeça em busca de uma explicação para essa atitude de evidente rejeição da família por parte de Jesus. Tentou sublimar essas passagens difíceis e comprometidas dos evangelhos que, curiosamente, os evangelistas não tentaram ocultar. Por quê? Difícil saber. Em geral, os exegetas dizem que as passagens de difícil compreensão ou que não poupam a imagem de Jesus nem dos apóstolos costumam ser as mais antigas e menos manipuladas. Devem ter chocado tanto os primeiríssimos cristãos que foi difícil ocultá-las. Por exemplo, aquela em que se conta que, na noite da Paixão, Pedro negou Cristo por três vezes, por medo de ser identificado como um dos apóstolos que seguiam Jesus. O fato deve ter causado tanto escândalo desde o início que foi difícil ocultá-lo.

Uma das explicações que a Igreja sempre deu a essas passagens em que Jesus parece viver em

conflito com a família, e vice-versa, é que ele estava tão compenetrado em sua missão de profeta universal que dava pouco valor a tudo que fosse terreno. Alegam que Jesus se preocupava acima de tudo com sua mensagem. Mas sabemos que sua mensagem era de amor universal. Não deveria incluir o amor aos seus? Porque o fato é que Jesus foi extremamente carinhoso e afetuoso com seus amigos mais íntimos, com as mulheres que o acompanhavam e até com os publicanos e com as prostitutas. Por que só com a mãe, o pai e os irmãos ele haveria de ser tão rude?

Não seria tudo isso uma invenção dos evangelistas para favorecer a liderança de Pedro contra a de Santiago, o irmão de Jesus?

Alguns analistas modernos sugeriram uma curiosa explicação de cunho histórico. Do mesmo modo, dizem eles, que toda a animosidade dos fariseus contra Jesus que aparece nos evangelhos teria sido inventada por motivos políticos do tempo em que foram escritos, quando era grande o conflito entre fariseus e cristãos, também toda essa animosidade de Jesus contra sua família poderia ter sido inventada ou, pelo menos, exagerada por motivos históricos e disputas entre as primeiras comunidades.

Nas primeiras comunidades judaico-cristãs, os ânimos, de fato, estavam muito divididos entre

dois personagens: o apóstolo Pedro, que, enquanto Jesus estava vivo, era considerado o chefe dos outros apóstolos e a quem o Mestre incumbira de fortalecer sua fé nos momentos de dificuldade e de perseguição, e um dos irmãos de Jesus, Santiago, que foi um personagem de primeira importância na fundação do cristianismo primitivo. Santiago, que também acabou como mártir, era muito bem-visto depois da crucificação de Jesus, mesmo entre as elites de Jerusalém. Isso, de início, contribuiu para gerar respeito pelas primeiras comunidades de seguidores de Jesus, provindos todos do judaísmo.

Esse irmão de Jesus teve também um papel fundamental no primeiro Concílio de Jerusalém, depois da dura polêmica entre Paulo e Pedro sobre se os judeus convertidos ao cristianismo deveriam ou não ser circuncidados. Santiago serviu de árbitro e conseguiu que se chegasse a um acordo diplomático: os convertidos não deveriam ser circuncidados, mas deveriam manter alguns ritos judaicos ligados à higiene e aos casamentos mistos.

Segundo esses analistas, o que pode ter acontecido é que os partidários de Pedro — dentre os quais estavam os evangelistas que depois escreveriam suas narrativas — não viam com bons olhos a influência que Santiago, o irmão de Jesus, alcançara entre os primeiros cristãos. E muitos preferiam Santiago a Pedro justamente por ser ele irmão de Jesus. Que fizeram então? Desprestigiaram a família de

Jesus e deram a entender que ele não dava a menor importância a seus laços de sangue, pois desde o princípio era Pedro seu apóstolo e em quem o Mestre mais confiava.

Tudo isso teria a ver com a luta pelo poder entre as primeiras comunidades cristãs, que depois desembocaria nos conflitos entre os diversos patriarcados e entre estes e o papa de Roma. Se a teoria do desprestígio da família de Jesus para desautorizar Santiago, seu irmão, em favor de Pedro fosse verdadeira, seria preciso rever todas as passagens em que se fala da animosidade do profeta contra seus parentes. O que é difícil, pois nunca disporemos de documentos confiáveis que possam comprovar uma ou outra hipótese.

Sem dúvida, Jesus foi um radical em tudo, inclusive com a família

Por outro lado, pelo pouco que se conhece do temperamento de Jesus, não resta dúvida de que ele deve ter sido uma pessoa muito radical, que pregava utopias extremas. E é possível que alguns de seus familiares, em algum momento, principalmente quando ele começou a fazer milagres, a ser seguido por multidões e a perfilar-se como o Messias que vinha preparar um novo Reino de prosperidade para Israel, tenham tentado tirar proveito de seus feitos, o que deve ter incomodado Jesus, sobretudo se for verdade que, quando começou sua missão, riam dele, achavam que estava louco e nem ligavam para o que dizia.

Do mesmo modo, é bem provável que nem seus pais nem seus irmãos tivessem informações suficientes ou a formação necessária para entender o caminho perigoso que Jesus tinha empreendido, arriscando a própria vida. José, seu pai, não passava de um obscuro operário, provavelmente da construção, e sua mãe era uma simples jovem da aldeia que, como todas as mães, devia adorar o filho, mas não podia entender nem gostar que ele seguisse aquela tortuosa trilha, que sua intuição de mãe, e de mãe judia, dizia-lhe que não levaria a nada de bom.

Nesse sentido é sintomático que, dos quatro evangelistas que narram os fatos da paixão, só João diga que Maria, a mãe de Jesus, estava ao lado do filho no momento da crucificação. Os outros três não falam dela, ao passo que relatam a presença de outras mulheres, amigas de Jesus. E no dia seguinte, quando essas mulheres, entre elas Maria Madalena, foram até o sepulcro e o encontraram vazio, nem mesmo João diz se entre elas estava a mãe de Jesus.

Também esse ponto sempre angustiou a Igreja, que muitas vezes se perguntou como era possível que as mulheres amigas de Jesus, mas não sua própria mãe, tivessem se preocupado em recolher seu corpo. E também esse fato insólito deu lugar a mil explicações pouco convincentes. O mais provável é que Maria, a mãe de Jesus, estivesse não apenas arrasada, mas surpresa de que seu filho, tão seguido e amado pelo povo, que passara a vida "fazendo o bem",

como se diz num dos evangelhos, tivesse acabado morto daquela forma tão humilhante. Um desconcerto ainda maior por ver o filho condenado ao suplício que os romanos reservavam aos piores malfeitores e aos rebeldes políticos.

Alguns teólogos e exegetas especularam que Jesus certamente apareceu à mãe em sua casa antes que às outras mulheres e aos apóstolos, e que por isso ela, que já sabia que ele ressuscitara, não se preocupou em ir naquela manhã ao lugar do suplício para procurar o corpo do filho. Mas aí entramos no terreno do mistério, no qual nem os evangelistas ousaram penetrar.

Capítulo 11

JESUS QUIS FUNDAR UMA IGREJA?

Uma das perguntas mais delicadas, comprometedoras e complexas sobre Jesus de Nazaré é se ele quis fundar uma nova Igreja e uma nova religião. Uma pergunta difícil, já que a Igreja Católica e, em geral, as igrejas cristãs jamais admitirão que não foram fundadas por Jesus por meio de seus apóstolos. E estão convencidas de que o cristianismo é uma nova religião, como o islamismo, o judaísmo e o hinduísmo.

Contudo, não poucos especialistas se fizeram seriamente essa pergunta. E muitos deles, a começar pelos modernistas, foram condenados e perseguidos por terem questionado a vontade de

Jesus de fundar uma Igreja. Roma, ao contrário, jamais teve dúvidas quanto ao fato de Jesus ter fundado sua Igreja sobre Pedro, a quem deu o poder de governá-la e o dom da infalibilidade para não errar em sua tarefa.

Para começar, vale deixar bem claro que, mesmo na hipótese não provada de que não seja Jesus o fundador da Igreja Católica ou que essa não seja a Igreja concebida por ele, isso não diminui em nada a importância que essa instituição religiosa e o cristianismo em geral tiveram e têm na história. Tampouco diminui sua importância o fato de que essa Igreja possa ter nascido da fé dos primeiros cristãos e da concepção religiosa de Paulo de Tarso, considerado por alguns autores o verdadeiro fundador do cristianismo, ao fazer com que o cristianismo primitivo se afastasse de suas originais raízes judaicas.

O problema aqui é outro: saber se Jesus teve em algum momento a idéia de fundar uma religião nova, diferente da que ele praticara e vivera em sua família, e se queria fundar uma Igreja organizada da forma como é hoje a Igreja Católica.

É uma questão de conteúdo, não apenas de forma. Sem dúvida, mesmo supondo que Jesus quisesse fundar uma nova Igreja, ele dificilmente abençoaria muitas coisas da Igreja atual, sobretudo no que se refere ao modo como foi organizado o governo central da Igreja no Vaticano, o estilo do papado, copiado basicamente dos imperadores romanos, e à própria estrutura da Igreja como monarquia

absoluta. Já muitos santos antigos, como Santa Rita de Cássia, sem falar nos atuais bispos e expoentes da Teologia da Libertação, criticaram duramente os excessos de uma Igreja mais preocupada com os ricos e poderosos do que com os desvalidos; muitas vezes contaminada pelos poderes mundanos e políticos. Uma Igreja rica, cheia de privilégios concedidos pelos poderosos; muitas vezes intransigente e inquisitorial. Tudo isso é público e notório, e são os próprios cristãos mais engajados os que se encarregam de criticá-lo.

Talvez se trate de uma tradição antiga, quase das origens do cristianismo, quando este, de início uma seita perseguida pelos imperadores romanos, passou a ser a religião oficial do Império, que a cobriu de privilégios e prebendas. Como diz Crossan: "Custa muito manter a serenidade quando se lê o relato do banquete imperial celebrado no encerramento do Concílio de Nicéia." O relato diz o seguinte:

"Alguns destacamentos da guarda e do exército rodearam a entrada do palácio com as espadas desembainhadas e, passando por entre eles sem temor, os homens de Deus adentraram nos aposentos privados do imperador, onde alguns companheiros deste se encontravam à mesa, enquanto outros jaziam reclinados em camas situadas nos extremos do cômodo. A cena parecia um quadro do Reino de Cristo, um sonho transformado em realidade."

O texto foi escrito por Eusébio, e Crossan o comenta nos seguintes termos em seu livro *O*

Jesus histórico. "Novamente aparecem juntos o banquete e o Reino, mas agora os convidados são bispos, todos do sexo masculino, que comem reclinados em camas na companhia do próprio imperador, esperando que outros os sirvam." E acrescenta: "Talvez o cristianismo seja uma traição inevitável e absolutamente necessária à figura de Jesus, pois, de outro modo, todos os seus seguidores teriam morrido nas colinas da Baixa Galiléia. Mas era preciso que essa traição se desse em tão pouco tempo?"

Jesus pregou uma religião do coração, sem templos nem catedrais

A pergunta é a seguinte: qual era a intenção de Jesus quando, rodeado por um pequeno grupo de homens e mulheres, de gente simples, pôs-se a criticar alguns aspectos da religião judaica de seu tempo (como os teólogos progressistas fazem hoje com o catolicismo) e a anunciar a chegada de um "Reino" novo? O anúncio desse Reino significava a fundação de uma nova religião e de uma nova Igreja ou era simplesmente o anúncio de uma superação da velha religião de seus pais, fazendo-a mais universal e proclamando a centralidade da dignidade humana como o próprio coração da religião. Propunha ele uma religião diferente ou um reino puramente temporal, para expulsar os romanos da terra de seus pais?

Nesse sentido, seria importante saber qual era a idéia de Deus pregada por Jesus e se era uma

idéia de Deus "inventada" por ele ou extraída das raízes das Escrituras antigas. Porque se diz que uma das características da nova religião pregada pelo profeta de Nazaré era a idéia de um Deus "pai", em contraposição ao Deus "juiz" do Antigo Testamento; o Deus da compaixão e não o Deus da vingança; o Deus, não do "olho por olho, dente por dente", e sim do pai que recebe o filho pródigo, que deixara a casa e dilapidara sua herança, com tanta festa e alegria que provoca inveja no filho fiel que ficou em casa.

Mas acontece que essa imagem também está no Antigo Testamento, mais exatamente no profeta Isaías, quando, falando de Deus, ele diz que este é mais compreensivo que uma mãe, pois enquanto uma mãe pode chegar a abandonar um filho, Deus jamais faria isso.

Há um texto significativo no evangelho de João que também é revelador da idéia que Jesus tinha da religião, do modo de adorar a Deus e de toda a exterioridade da Igreja, principalmente os templos. É a passagem em que Jesus fala com a mulher samaritana junto ao poço. Havia uma grande inimizade entre judeus e samaritanos. Estes eram considerados pagãos por não reconhecerem a religião de Israel. A samaritana provoca Jesus dizendo que seus antepassados adoraram a Deus no monte em que estavam, enquanto os judeus diziam que ele deve ser adorado no templo de Jerusalém.

Duas igrejas disputando um lugar de culto. Jesus a interrompe categórico: "Mulher, crê-me, que é chegada a hora em que vós não adorareis o Pai,

nem neste monte, nem em Jerusalém (...). Mas a hora vem, e agora é, quando os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade."[Jo 4, 21.23]

Se essas palavras de Jesus são históricas — e a Igreja as reconhece como tais —, teríamos que nos fazer muitas perguntas. Primeiro, é evidente que, se Jesus pensava num novo tipo de religião, nela os lugares físicos de culto não teriam a menor importância, já que, como ele diz, os seguidores dessa nova religião teriam de render culto a Deus não em igrejas, templos ou catedrais faraônicas, mas dentro de si mesmos. Seria o coração, o espírito do homem, o grande templo interior onde melhor poderiam se encontrar com Deus.

Sobre essa passagem gastaram-se rios de tinta. Mas poucos se aprofundaram nela para observar que se trata de uma dura crítica a todo o fausto das igrejas erguidas por católicos e protestantes. A mulher samaritana Jesus diz de forma muito clara que no futuro, ou melhor, já a partir daquele momento, pouco importará o Templo de Jerusalém — ou as catedrais que um dia seriam erguidas em seu nome — já que nada disso é importante para render culto ao Deus que habita o coração de todas as pessoas e não a escuridão e magnificência dos templos.

Poderia um profeta que tinha essa idéia do culto pensar em fundar uma igreja que depois tiraria o ouro dos pobres para enriquecer seus templos, uma igreja cujos seguidores se pegariam em disputas para determinar, por exemplo, se a

Basílica de São Pedro é mais importante que as outras catedrais do mundo, proibindo-se que a superem em superfície construída? Sem dúvida que não. Se é que Jesus pensou em uma Igreja, jamais seria uma como a atual, rica e luxuosa. Mas, e quanto à doutrina?

Bonhoeffer, o teólogo protestante que morreu num campo de concentração nazista, escreveu que "Jesus não chamou para uma nova religião, e sim para a vida". Ou seja, para ele a verdadeira religião era a vida, o modo de se comportar com os outros e com Deus. E tudo o mais foi uma construção posterior.

Segundo alguns teólogos modernos como Juan José Tamayo, Jesus foi um fiel judeu sincero, radical, que freqüentava as sinagogas, onde orava e pregava; que participava das festas religiosas de seu tempo e que não fez nada além de introduzir correções de fundo na legislação e nas instituições religiosas, propondo "uma concepção alternativa da vida religiosa voltada para a libertação integral do ser humano".

Jesus quis libertar os homens do peso das religiões

Por isso, há quem chegue a dizer que a missão de Jesus era a de libertar o homem do peso das religiões antigas, a começar pelo judaísmo, que impunham às pessoas "pesos insuportáveis", sendo que aqueles que os impunham eram os primeiros a esquivar-se deles. E que, justamente por isso, dificilmente ele pensaria em fundar

outra religião, com novas estruturas que acabariam sufocando a consciência dos fiéis.

Seria, então, uma heresia dizer que o que Jesus pretendeu foi fazer com que as pessoas se conscientizassem de que a própria religião, principalmente em seus aspectos legislativos, culturais e rituais acaba sendo uma escravidão, enquanto a verdadeira fé, a verdadeira espiritualidade teria que ser a grande libertação de tudo aquilo que oprime as consciências? Por isso Jesus era contra o comércio do sacrifício de animais no Templo para conquistar a benevolência de Deus, que acabava arruinando tantas famílias pobres. Ele queria outro tipo de relação pessoal do homem com Deus, baseada não no derramamento de sangue nem no simples sacrifício pelo sacrifício (não jejuava nem deixava seus discípulos jejuarem), como se fosse um Deus sedento de dor, mas no amor e no respeito a tudo e a todos, não só aos privilegiados e poderosos.

E bem possível que Jesus só pedisse a seus discípulos que, depois de sua morte, eles se dedicassem a anunciar, dentro e fora de Israel, aquelas idéias simples e libertadoras das amarras das religiões, ensinando as pessoas a adorarem a Deus "em espírito e em verdade", e anunciando aos mais marginalizados daquela sociedade pobre e agitada — onde os pobres e aleijados eram párias — que eles teriam um lugar privilegiado no coração do Deus que não faz diferença entre as pessoas e que, se a faz, é

para aproximar-se dos desprezados e humilhados pelo poder e não dos poderosos. Mas, então, o que aconteceu depois de sua morte para que aquele punhado de idéias revolucionárias — e ao mesmo tempo simples e sem a menor pretensão de fundarem uma nova religião — acabassem se transformando numa nova Igreja institucionalizada à maneira da Sinagoga judia? Responder a essa pergunta tem sido um difícil desafio para não poucos historiadores e teólogos. Entre eles se destaca César Vidal, com seus estudos sobre o judaico-cristianismo dos primeiros dias da Igreja, em sua obra *El judeo-cristianismo palestino en El siglo I*.

Os esforços realizados por esse autor para sondar aquele mar complexo das primeiras comunidades cristãs vindas do judaísmo e com ele e por ele contaminadas demonstram a complexidade do problema e como podem existir leituras muito díspares dos mesmos fatos históricos.

A conclusão a que chega esse historiador, de que a primeira igreja judaico-cristã não teve pretensões de ordem política e quase nem sociais, e sim espirituais e místicas, e que seus membros não pertenciam às classes mais pobres da sociedade, mas, pelo menos em parte, às classes médias, contradiz, por exemplo, muitos autores que viram em Jesus um revolucionário político-social. Um revolucionário simpatizante do movimento dos zelotes, os guerrilheiros de seu tempo, que acreditava que Deus libertaria Israel do jugo dos romanos e cujo interesse primordial

eram os párias da sociedade judaica e não os ricos nem as classes médias, embora tivesse contato com elas.

Foi a filosofia gnóstica a porta da nova teologia cristã?

O que a cada dia parece mais evidente a partir das pesquisas já realizadas é que o judaísmo do tempo de Jesus não era monolítico. Tinha mil vertentes e mil contaminações com os povos de fora da Judéia, principalmente com o mundo helênico e, em geral, com toda a bacia do Mediterrâneo. Tratava-se de uma sociedade camponesa atravessada por muitas inquietações em que pululavam movimentos messiânicos e políticos de todo tipo.

Por isso, não era estranho que também as idéias de Jesus, o profeta que causou tanta inquietação que acabaram crucificando-o por ser perigoso, estivessem misturadas e entrelaçadas com esses movimentos, que iam dos mais radicais e políticos, como o dos zelotes, até os mais espiritualistas, como o dos essênios de Qumran. E o que se percebe na própria composição do grupo de 12 apóstolos, muito diferentes entre si, e que por isso davam interpretações às vezes opostas às palavras do Mestre.

Do mesmo modo, tudo leva a crer que aquelas diferentes visões da doutrina de Jesus logo repercutiram na forma como as primeiras comunidades cristãs interpretaram e viveram a doutrina do profeta crucificado. E verdade que

todos os apóstolos acabaram dando a vida na defesa da fé no Jesus Ressuscitado. O próprio Judas Iscariotes, considerado o traidor, acabou sacrificando a vida com seu suicídio. Mas a fé em Jesus não era idêntica para todos eles, nem para todos os primeiros cristãos, apresentando diversos e importantes matizes, a começar pela controvérsia entre os próprios apóstolos sobre se os judeus convertidos a Jesus, que o consideravam o verdadeiro Messias anunciado a Israel, deviam ou não ser circuncidados, seguir os rituais judaicos e freqüentar a sinagoga.

A prova de que a doutrina do profeta Jesus foi interpretada de muitas formas está no fato de que logo surgiria aquilo que as primeiras comunidades consideraram heresias ou desvios da verdadeira doutrina, pregada, sobretudo, por Pedro e Paulo. Apenas como exemplo, poderíamos recordar a heresia dos grupos gnósticos, que teve uma enorme importância no cristianismo primitivo ao longo do primeiro século desta era e que, depois da perseguição sofrida por seus seguidores, ficaria relegada ao esquecimento se, no final dos anos 40, não tivesse sido descoberta a famosa biblioteca gnóstica de Nag Hammadi, no Egito, onde foram encontrados os famosos cinco evangelhos gnósticos (o de Tomás, o dos egípcios, o da Verdade, o de Maria e o de Felipe).

O gnosticismo era um misto de filosofia e religião que tentou introduzir-se e conciliar sua doutrina com a do nascente cristianismo, criando uma doutrina eclética baseada, sobretudo, no

pensamento, que alguns estudiosos das religiões, como Adolf Harnak, chegaram a considerar a primeira elaboração teológica do cristianismo.

Mas alguns estudiosos que se aprofundaram no tema da gnose, como, por exemplo, César Vidal, estão convencidos de que essa filosofia é anterior ao cristianismo e de que sua importância reside no fato de ter tentado introduzir-se na nova religião, nascida das raízes do judaísmo, dando lugar a um tipo de religião eclética que se teria apropriado da figura e da doutrina de Jesus de Nazaré para interpretá-la à luz de suas idéias, ao mesmo tempo em que teria influenciado a vertente esotérica do judaísmo. Logo se viu que seria um duelo entre os dois pensamentos e que só um deles poderia sobreviver. Como de fato aconteceu.

Os gnósticos eram um tanto esotéricos. Seus adeptos viam Jesus mais como uma emanção da Ausência, do Pneuma ou do Espírito do Pai, chamando-o Ophis, isto é, o símbolo da Sabedoria divina manifesta na matéria. Muitos dos escritos oficiais da Igreja, como o evangelho de João, os Atos dos Apóstolos ou as Epístolas de Paulo, estão cheios de termos emprestados dos gnósticos, como *Pleroma* (plenitude), *Aeon* (emanção), *Archonte* (coroa ou dignidade), *Adonai* (império), que é o décimo *Sephirot* da Cabala, ou fogo consumidor, etc.

Os gnósticos aparecem também em muitos dos evangelhos apócrifos, como no *Livro da ascensão*, de Elias, ou no *Evangelho*, de Nicodemo. Os gnósticos tiveram figuras

importantes durante os primeiros anos do cristianismo, como Valentim, que viveu em Roma de 136 a 165. Existe até um evangelho atribuído a ele. Foi um dos primeiros doutores da Igreja e quase foi eleito papa. E bem possível que, se Valentim, que era egípcio, tivesse chegado ao trono de São Pedro, os evangelhos considerados inspirados fossem outros e não os atuais da Igreja.

O cristianismo acabou definitivamente com a gnose quando, durante o reinado do imperador Teodósio (379-383 d.C.), a Igreja Católica, que já desde Constantino começara a ser vista com bons olhos e deixara de ser perseguida, transformou-se oficialmente na religião do império. A partir desse momento, junto com os privilégios concedidos à nova religião do Estado, ordenou-se a perseguição de todo tipo de heresia. Então se inicia o calvário dos gnósticos, ao mesmo tempo em que os bispos ordenam aos monges queimar todas as obras que contenham heresias contrárias ao catolicismo oficial. Só que os monges, que já criticavam algumas atitudes da cúpula eclesiástica, em vez de queimar os manuscritos gnósticos, trataram de enterrá-los. Isso permitiu que chegassem até nossos dias e não desaparecessem para sempre.

Uma das coisas importantes dos evangelhos gnósticos é que poderiam conter elementos da doutrina original de Jesus que não passaram aos evangelhos canônicos. Trata-se de um estudo ainda por aprofundar. Sem dúvida, a doutrina gnóstica foi apresentada em contraposição à

teologia católica e cristã. Mas não podemos esquecer que a interpretação que se fez dessa doutrina teve a ver com o fato de ter sido considerada completamente herética e contrária ao cristianismo oficial, desde o conceito que eles tinham da criação até ao da redenção.

Os gnósticos não acreditavam na ressurreição nem nos sacramentos e eram místicos

É conhecido o embate frontal de Paulo com os gnósticos que haviam influenciado os cristãos de Corinto, que ele considera seguidores de um Jesus diferente do que ele pregava. De fato, os cristãos de Corinto não viam em Jesus um personagem terreno, mas principalmente espiritual, davam pouco valor à sua morte na cruz e negavam sua ressurreição, ao mesmo tempo em que não davam importância aos sacramentos e sim às experiências místicas. Ou seja, um Jesus quase oposto ao pregado por Paulo, que baseou sua teologia no Jesus crucificado e em sua ressurreição com o mesmo corpo que tivera em vida.

Tratava-se, portanto, do confronto entre duas teologias, entre duas visões de Jesus e de sua doutrina, das quais apenas uma, a de Paulo, acabou triunfando, enquanto a outra, a gnóstica, a perdedora, foi condenada e proscrita. Por isso tem sido difícil, até agora, saber se nessa teologia condenada à fogueira havia ou não elementos sobre Jesus mais primitivos e

históricos que no cristianismo de Paulo, que se impôs como religião oficial.

Tudo isso é importante para a questão em pauta - se Jesus quis fundar uma Igreja ou se ela foi sendo fundada por uns e outros, com a disputa entre diferentes pensamentos filosóficos e teológicos que foram se misturando, que lutaram entre si pela própria hegemonia e que acabaram configurando o catolicismo atual.

De fato, vendo como a nova Igreja foi se organizando, suas lutas internas e as diferentes concepções de Jesus e de seus ensinamentos existentes já nos primórdios da Igreja, é difícil aceitar que ele tenha transmitido a seus apóstolos bases claras e concretas da Igreja que ele queria fundar. Mas isso não é tudo: a primeiríssima comunidade cristã, formada ainda pelos apóstolos que conviveram com o Mestre e pelos primeiros convertidos à fé em Jesus reconhecido como Messias e vencedor da morte, tem muito pouco a ver com uma religião totalmente nova, ou com uma Igreja fundada *ex novo* seguindo os ensinamentos de Jesus.

Hoje, graças aos estudos do chamado "judaico-cristianismo palestino" dos anos imediatamente posteriores à morte de Jesus na cruz, sabemos muito bem que o núcleo inicial era composto de judeus que continuavam observando fielmente todas as leis de sua religião original, todos os seus rituais de culto e de higiene e todas as prescrições, até as menores. Eram todos circuncidados e freqüentavam regularmente os cultos da Sinagoga. Daí as discussões sobre se os

novos cristãos (que então não se chamavam assim, já que o termo cristão surgiu muito depois e com uma conotação antes de insulto e desprezo por parte dos romanos) poderiam começar a prescindir do cumprimento de algumas leis judaicas como, por exemplo, o rito da circuncisão e os rituais higiênicos, ou se deveriam continuar a cumpri-los fielmente.

Na verdade, mais que de seguidores de uma nova religião, tratava-se de seguidores do judeu Jesus de Nazaré, que dissera em alto e bom som que sua missão não era "abolir" a lei judaica de Moisés, mas "aperfeiçoá-la". A diferença de fundo não estava na pregação de uma religião nova, mas em aceitar que Jesus não fora um profeta a mais, e sim o Messias anunciado nas velhas Escrituras. Daí se deriva talvez a originalidade e a divergência entre os judeus-cristãos e os cristãos posteriores, os de origem helênica, que já não eram judeus, mas que Pedro curiosamente queria submeter à circuncisão antes de entrarem no novo cristianismo. Um sinal evidente de que para os apóstolos, o cristianismo não era muito mais que um judaísmo aberto aos gentios e que aceitava em seu seio outros povos estrangeiros à Palestina, mas que tinham de aceitar, ao mesmo tempo, que Jesus fora um judeu praticante, apesar de crítico.

A verdadeira ruptura ocorre com a chegada do judeu fariseu Paulo, que de perseguidor dos cristãos transformou-se em mais um apóstolo, provocando uma reviravolta no judaico-cristianismo, que acabaria por se afastar de suas

originais raízes judaicas. Por isso há historiadores que afirmam que a Igreja Católica atual, com sua teologia, foi mais obra de Paulo que de Pedro, isto é, mais grega e aristotélica que judaica e, portanto, já muito diferente do pensamento primitivo de Jesus. Mas o certo é que a Igreja nunca chegou a se libertar por completo de suas raízes judaicas, que ficaram, para o bem e para o mal, presas nos meandros de sua doutrina e até de seus rituais.

Foi o cristianismo primitivo algo radicalmente diferente do judaísmo?

Hoje, quase todos os teólogos católicos concordam em que o cristianismo primitivo, formado apenas por judeus que dirigiam sua pregação exclusivamente a outros judeus, não era algo completamente diferente da religião judaica. "O judaico-cristianismo palestino não era uma nova religião", afirma César Vidal, "embora, por convenção, todo mundo estivesse disposto a entendê-lo dessa forma. Era uma ramificação da religião judaica do Segundo Templo, tão legítima quanto, por exemplo, a dos fariseus, a dos saduceus ou a dos sectários de Qumran (...). Por isso sua apologética se baseava fundamentalmente no Antigo Testamento, não tanto interpretado à luz de Jesus, mas de certas passagens consideradas identificadas com ele". A própria abertura aos gentios, isto é, aos não-judeus, não era uma idéia original dos seguidores de Jesus, pois havia precedentes no judaísmo do

Segundo Templo. Tanto que uma das lutas de alguns grupos judeus contra os judeus-cristãos se centrava na cooptação desses gentios para a própria seita.

Segundo César Vidal, se houve alguma originalidade no cristianismo posterior foi permitir aos gentios obter a salvação sem precisarem antes se converter ao judaísmo. Quanto à possível originalidade do movimento em seu estágio carismático, concentrado nas manifestações do Espírito Santo após a Ressurreição, quando os primeiros apóstolos e cristãos aparecem como que possuídos pelo Espírito, isso também não pode ser considerado uma novidade do movimento. Porque todos esses dons do Espírito já existiam nos antigos profetas do judaísmo. Sua única novidade poderia estar no fato de os primeiros cristãos garantirem que o Espírito descera sobre eles, enviado por Jesus ressuscitado dentre os mortos. Nessas primeiras comunidades não há indícios de que os apóstolos, seguindo diretrizes de Jesus antes de morrer, estivessem fundando uma nova Igreja hierarquizada. Nem sequer existia um mecanismo para a sucessão dos 12 apóstolos. A verdadeira hierarquia era a dos diferentes dons da profecia. Tinha maior autoridade na comunidade quem demonstrasse que recebera mais dons do Espírito e parecesse ter mais carisma e ser mais santo.

Só mais tarde, já no século II, as coisas começaram a mudar. Então se esboça uma Igreja hierarquizada em que a posição de poder tem

mais força que a da profecia e do carisma. O poder começa a se concentrar nos bispos, que se erigem nos sucessores dos apóstolos. É um poder preponderantemente masculino, do qual são excluídas as mulheres que tanta importância tiveram no período do carisma e da profecia. Começa a ser criada a hierarquia com poderes jurisdicionais, copiados em parte do poder temporal dos imperadores, e até se começa a ver com maus olhos os dons do Espírito, que estavam na origem do primeiríssimo cristianismo, ainda quando os apóstolos viviam. Daí resultou a luta sobre a maior ou menor importância dos sucessores dos vários apóstolos, com a criação, primeiro, dos patriarcados orientais — que a princípio tinham idênticos poderes —, até chegar à primazia da sucessão do apóstolo Pedro, na sede episcopal de Roma, e o subsequente surgimento do papado, calcado, em muitas de suas estruturas, no poder imperial. Isso originou as lutas dos patriarcas entre si e os cismas provocados pela doutrina que concedia ao patriarca de Roma (futuro papa) a infalibilidade pontifícia e, portanto, um poder real e concreto sobre todos os outros patriarcados. A pergunta que nunca terá resposta é se essa religião e essa Igreja, assim concebidas e organizadas, foram pensadas e sonhadas por Jesus ou foram apenas a criação paulatina e teológica de algo concebido só pelos seus seguidores, estruturado e moldado por meio de toda uma série de interpretações de um núcleo doutrinário original de um profeta judeu. Daquele

profeta, nascido na aldeia de Nazaré, que intuía que a verdadeira religião do mundo deveria ir além do judaísmo de seus pais para abrir-se a todas as pessoas, libertando-as do jugo das antigas religiões.

A outra pergunta sem resposta é se Jesus, voltando à terra, reconheceria a atual Igreja católico-cristã como sua ou inspirada naquilo que ele pregou e pelo qual foi conduzido à horrenda morte na cruz, baseando-se essa Igreja, hoje, mais sobre o Jesus da fé do que no verdadeiro Jesus histórico de quem tão pouco sabemos. Essa Igreja, que se diz fundada por Jesus, não será antes a herdeira de uma fé que foi sendo construída ao longo dos séculos sobre os frágeis pilares de sua verdade histórica, sobre seu mito e sobre os dogmas por ela criados?

Capítulo 12

O JESUS DOS EVANGELHOS APÓCRIFOS

Há muita ignorância, inclusive entre os cristãos, sobre os chamados evangelhos "apócrifos", que para muitos continuam sendo sinônimo de falsos ou proscritos, quando na verdade a Igreja Católica nunca os condenou. Durante muito tempo alguns dos apócrifos — alguns dos quais se referem ao Novo Testamento, outros ao Velho — formaram parte da Bíblia e eram citados e admitidos como oficiais. Sua paulatina exclusão começaria muito depois, quando a Igreja os considerou pouco fidedignos.

Antigamente, chamavam-se "apócrifos" os textos de certas seitas secretas ou clandestinas. Hoje, dentro do cristianismo, consideram-se apócrifos os textos que não foram definitivamente incluídos entre os chamados "canônicos" ou "oficiais" que, no Novo Testamento, são só os quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Os escritos apócrifos são mais numerosos do que se imagina. Beiram uma centena, embora muitos deles tenham desaparecido completamente e de outros só se conservem fragmentos. Uma das melhores seleções de textos apócrifos foi publicada, em três volumes, pela editora brasileira Mercury, dirigida por Maria Helena de Oliveria Triecca. Eles foram excluídos do cânone porque pareciam "fantasiosos" demais. E verdade que, de modo geral, eles estão escritos num estilo mais empolado e menos sóbrio que o dos quatro canônicos. Mas nem sempre é assim. Há passagens dos evangelhos apócrifos que poderiam muito bem constar, tal e qual, nos oficiais, principalmente aquelas que tratam dos "ditos" de Jesus.

Muitos desses evangelhos devem misturar elementos reais, talvez transmitidos oralmente pelas primeiras comunidades cristãs, com fantasias e textos apologéticos. Mas o mesmo não acontece com os textos canônicos? E curioso que, enquanto já nos acostumamos a certas passagens dos quatro evangelhos considerados "inspirados", sem que, ao lê-las, nos pareçam fábulas infantis, nos apócrifos tudo nos parece

exagerado. Quando se trata, por exemplo, de certos milagres, costuma-se dizer que os relatados nos apócrifos são inverossímeis porque têm demasiada imaginação e são espetaculares demais, esquecendo-nos das dificuldades que, pelo mesmo motivo, tiveram não poucos exegetas para aceitar alguns milagres dos evangelhos oficiais.

Por exemplo, o milagre de Jesus caminhando sobre as águas, o de sua transfiguração em um ser luminoso no monte Tabor ou quando curava cegos cuspiendo na terra e fazendo um barro que lhes aplicava nos olhos, ou o da multiplicação dos pães e dos peixes, ou o da transformação da água em vinho nas bodas de Caná. Se esses milagres, em vez de constarem dos evangelhos canônicos, aparecessem nos apócrifos, diríamos que pertencem ao reino da fantasia. Mas nos acostumamos a eles.

Diz-se também que o Jesus menino que aparece nos apócrifos era travesso ou mágico demais, pois fazia prodígios a torto e a direito. E até que era um Jesus de gênio ruim e pouco amigo da família. Mas, e as dores de cabeça que sempre deram à Igreja alguns textos dos evangelhos canônicos que ela não pode expurgar? Por exemplo, quando Jesus faz pouco-caso da mãe e dos irmãos, dando a entender que os laços de família têm pouca importância no Reino de Deus. Ou quando ele afirma que veio separar o filho do pai e os irmãos entre si, ou quando insulta chamando alguns de víboras, ladrões e hipócritas.

As diferenças entre os canônicos e os apócrifos podem ser eventualmente notadas numa certa ênfase dos segundos no terreno apologético. Devem ter sido escritos por cristãos que precisavam defender-se de certas acusações dos pagãos e se excediam na exaltação da figura de Jesus, não só como homem perfeito, mas também como Deus, tentando, ao mesmo tempo, preencher certas lacunas deixadas pelos quatro evangelistas oficiais sobre certos períodos da vida de Jesus, sobretudo de sua infância e juventude. Por isso é difícil determinar se são episódios históricos que os quatro evangelistas deixaram de narrar por não considerá-los importantes para seus objetivos, ou se, na verdade, foram inventados como um romance. Talvez nunca o saibamos.

Muitas obras de arte e até festas religiosas se inspiraram nos apócrifos

É curioso, no entanto, que muito do que hoje os cristãos aceitam em suas crenças e que inspirou boa parte da pintura não se refere aos evangelhos oficiais, mas aos apócrifos; e que não poucas passagens dos evangelhos que mais tarde seriam considerados apócrifos são citadas e comentadas nos escritos dos primeiros Padres da Igreja.

Na piedade cristã há passagens que muitos fiéis acreditam pertencer aos evangelhos canônicos e, no entanto, são dos apócrifos. Por exemplo, o nascimento de Jesus em uma gruta ou caverna.

Isso só se encontra nos apócrifos. No evangelho de Mateus, diz-se que Maria estava com o filho numa casa quando chegaram os três reis magos do Oriente. No de Lucas, diz-se que ele nasceu em um estábulo. E nos de Marcos e de João, não se menciona o nascimento.

O mesmo acontece quando se diz que os magos eram três "reis". Isso só aparece nos apócrifos. Nos canônicos fala-se apenas em "magos". Os nomes de Melquior, Gaspar e Baltasar também só aparecem nos apócrifos. Ou o episódio de Verônica, a mulher que, no caminho do calvário, enxuga com um lenço branco o rosto ensangüentado de Jesus. Também essa cena só aparece nos apócrifos. E, no entanto, existe até uma relíquia do lenço de Verônica em que, segundo a tradição, ficou impresso o rosto doloroso de Jesus. Parece que esse episódio, que fazia parte de uma das estações do exercício piedoso da via-crúcis, desapareceu nos últimos tempos justamente por ser mencionado apenas nos evangelhos apócrifos. O mesmo pode ser dito sobre os nomes dos dois ladrões que foram crucificados com Jesus, um a sua direita, Dimas, o bom, e outro a sua esquerda, Gestas, o mau. Ou o do soldado romano, Longino, que fincou uma lança no flanco de Jesus. Todos esses nomes só aparecem nos apócrifos, bem como as festas de São Joaquim e Santa Ana, os pais da Virgem Maria, celebradas conjuntamente no dia 26 de julho, ou a festa da Apresentação da Virgem no Templo, em 21 de novembro.

A maioria dos apócrifos foram conservados em traduções e não em sua língua original e foram escritos entre os séculos II e IV d.C., quase todos depois dos evangelhos canônicos. Acredita-se que alguns podem ser do século I. E há apócrifos para todos os gostos: de Natal, de São José, da Infância de Jesus, da Virgem Maria, de São Pedro e até de Pilatos. São evangelhos que nos transmitem a idéia que as comunidades cristãs daquele tempo tinham de Jesus. Foram mais difundidos no Oriente que no Ocidente. No mundo da arte e da literatura, os apócrifos inspiraram centenas de pintores e literatos, de Dante, na *Divina comédia*, a Milton, no *Paraíso perdido*. Até Calderón de la Barca, nos *Autos sacramentais*, faz uso dos apócrifos. Também nos afrescos da famosa basílica romana de Santa Maria Maior há cenas extraídas dos evangelhos apócrifos.

A mão da parteira que tentou examinar Maria para saber se continuava sendo virgem depois do parto ressecou

E graças a esses apócrifos, mais exatamente ao proto-evangelho de Santiago, ou o da Natividade de Maria, que sabemos muitas coisas da infância da Virgem, da qual os evangelhos canônicos nada contam. Diz-se que os pais de Maria, Joaquim e Ana, tinham boa posição social, mas eram velhos e estéreis e envergonhavam-se disso, num contexto cultural em que a fecundidade era um bem precioso. Por isso, Joaquim, entristecido, deixou a mulher e foi para o deserto com seus rebanhos, onde fez a seguinte

oração: "Não sairei daqui, nem comerei nem beberei enquanto o Senhor não me visitar; que minhas orações me sirvam de comida e de bebida."

Ao mesmo tempo, sua esposa Ana gemia de dor, dizendo: "Chorarei minha viuvez e minha esterilidade." Até que apareceu um anjo para anunciar-lhe que ela teria uma filha e que o mundo inteiro falaria de sua prole. Chegaram então dois mensageiros para dizer-lhe que seu marido Joaquim estava voltando do deserto com seus rebanhos, pois um anjo anunciara a boa nova também para ele. Joaquim, ao saber da notícia, sacrificou a Deus dez ovelhas sem mácula, entregou 12 bezerros de leite para os sacerdotes do templo e matou cem cabritos para dar de comer a todo o povoado.

Ana esperou o esposo na porta de casa e, quando ele chegou, atirou-se a seus braços, dizendo: "Agora vejo que Deus me abençoou grandemente, pois sendo eu viúva deixei de sê-lo e sendo estéril vou conceber em meu ventre. E naquela noite dormiram juntos." Depois de nove meses, Ana deu à luz uma menina a quem deu o nome de Maria e que amamentou em seus seios. Conta esse evangelho apócrifo que Maria crescia cheia de piedade religiosa e que uma série de donzelas judias dedicava-se a entretê-la. E que, quando ela completou 12 anos, os sacerdotes se reuniram para decidir como escolher seu marido. E mais uma vez é um anjo que vem resolver o problema. Diz-lhes que reúnam todos os viúvos da região, que cada um se apresente com um

cajado, e que aquele em que Deus fizer um sinal será o esposo de Maria. Chegando ao templo, o sumo sacerdote Zacarias recolheu todos os cajados. Depois da oração, pôs-se a devolver um por um. José era o último. Enquanto os outros não receberam nenhum sinal, quando José apanhou seu cajado uma pomba começou a voar ao redor de sua cabeça. Então Zacarias disse: "Coube a ti a sorte de receber sob tua guarda a Virgem do Senhor."

Em outros apócrifos, o milagre foi o cajado de José florescer, o que aparece em várias pinturas antigas. O evangelho apócrifo continua contando que José se assustou diante do milagre e disse: "Acontece que já sou um velho e Maria é uma menina. Não gostaria de ser motivo de zombaria." Zacarias lembrou-lhe que Deus castiga duramente quem se opõe a seus desígnios, e José aceitou cuidar de Maria. O que se segue é muito semelhante ao que se lê no Evangelho de Lucas.

Mas há também um episódio provando a virgindade de Maria que não aparece nos evangelhos oficiais. Os apócrifos insistem na tripla virgindade: Maria não conheceu homem, sendo, portanto, virgem antes do parto; e continuou sendo virgem durante o parto e depois dele. Para provar essa tripla virgindade, os apócrifos falam do teste da água que se fazia com as mulheres sobre cuja fidelidade havia dúvidas. O marido levava a mulher diante do sacerdote, que, enquanto recitava algumas maldições, misturava água benta à poeira da rua

e fazia a mulher suspeita beber. Se a mulher não era culpada, não acontecia nada; mas se era, ficava estéril. No caso de Maria, beberam a água tanto ela como seu esposo José.

O outro teste, a prova de sua virgindade apesar do parto, foi feito por duas parteiras. Não há acordo entre dois apócrifos quanto a seus nomes. Uma delas crê na virgindade de Maria; a outra, não, e pede para examiná-la enfiando os dedos "em sua natureza". A parteira examinou Maria e, ao constatar que ela era virgem, deu um grito, pois se deu conta de que a mão com que examinara as partes íntimas da Virgem "caíra carbonizada". Desesperada, a mulher se ajoelha e pede a Deus que se compadeça dela. E um anjo a tranqüiliza. Pede-lhe que aproxime a mão carbonizada do menino recém-nascido. Ela assim fez, e foi curada imediatamente. Assim, Jesus recém-nascido fez seu primeiro milagre.

Justamente para provar que Maria foi virgem depois do parto e que não teve relações com o esposo, apesar de os evangelhos falarem de vários irmãos e irmãs de Jesus, os apóstolos tentam explicar o fato contando que José era viúvo quando se casou com Maria quase menina e que em seu casamento anterior tivera quatro filhos e duas filhas. Seus nomes eram: Judas, Josetos, Santiago, Simão, Lísia e Lídia. Contam que José morreu com 111 anos, que tinha 93 quando se casou com Maria e que conservou a lucidez até a hora da morte.

Jesus era um menino travesso que fazia prodígios para vingar-se de seus inimigos

No evangelho árabe da infância, narra-se a história da circuncisão de Jesus, realizada aos oito dias de seu nascimento, conforme as prescrições judaicas. Conta o evangelho que Jesus foi circuncidado na mesma gruta em que nascera e que uma mulher velha recolheu seu prepúcio e o colocou num vaso de alabastro cheio de óleo de nardo envelhecido. Como a velha tinha um filho que era comerciante de perfumes, Maria lhe disse: "Presta atenção para não vender esse frasco, nem que te ofereçam trezentos dinares." Mas foi esse o vaso que um dia a prostituta Maria Madalena compraria, lavando com seu perfume os pés e a cabeça de Jesus. Do prepúcio de Jesus conservam-se ainda hoje algumas relíquias em várias igrejas católicas.

No evangelho apócrifo *A infância de Jesus*, atribuído a Tomé, "filósofo de Israel" (que não deve ser confundido com o texto gnóstico do *Evangelho segundo Tomé ou Dídimos*) narra-se a infância de Jesus entre os cinco e os 12 anos. É um dos mais antigos, provavelmente do século I d.C. Aliás, parece que todos os apócrifos que tratam da infância de Jesus, cujos originais foram traduzidos para o grego, o sírio, o latim e o eslavo, baseiam-se num texto que não foi conservado e que deveria ser muito antigo.

Uma das finalidades dos evangelhos apócrifos foi, justamente, saciar certa curiosidade dos primeiros cristãos em conhecer a primeira infância de Jesus, da qual nada contam os

evangelhos canônicos, salvo de seu nascimento e do episódio do atrito com os pais quando ele se perde no Templo.

A imagem que aparece do Jesus-menino nesses evangelhos é curiosa. São tantos os prodígios feitos pelo garoto que os apócrifos foram considerados mais fruto da fantasia de seus autores que de uma realidade histórica. Mas vale lembrar que, da vida adulta narrada pelos evangelistas oficiais, restaria bem pouco se fossem excluídos os milagres do profeta de Nazaré. Por isso, embora os milagres de Jesus sempre tenham sido o maior motivo de censura e polêmica com os críticos do cristianismo, ao mesmo tempo sempre foram uma parte essencial e inevitável da vida de Jesus, que seria inconcebível sem seu poder de fazer prodígios, curar doentes e libertar os endemoninhados.

O que dificultou a aceitação da veracidade dos apócrifos no que diz respeito à infância de Jesus foi o fato de a maioria dos milagres serem, de certo modo, gratuitos, oferecendo uma imagem, nem sempre exemplar, do menino Jesus, pois ele surge como um garoto às vezes irascível, às vezes briguento ou vingativo. E às vezes genioso ou birrento.

Mas a verdade é que também não é lá muito exemplar a única cena do Jesus adolescente apresentada nos evangelhos canônicos, aquela passagem de Lucas de que falamos acima, onde se conta o episódio em que o menino ficou no Templo de Jerusalém discutindo com os doutores da Lei sem avisar os pais, que o procuram

desesperados temendo que tivesse acontecido alguma desgraça. E nos apócrifos? Neles, em suas várias versões, Jesus já desde muito cedo aparece fazendo prodígios espetaculares, desde dar voz a uma muda até a encantar serpentes. Chega até a devolver a figura humana a um homem a quem algumas mulheres tinham transformado em mulo com seus sortilégios.

Num momento, leões e dragões vêm deitar-se a seus pés sem lhe fazer mal. Em outro, ele cura seu irmão Santiago de uma picada de cobra e devolve a vida ao menino Zenão, que morrera ao cair num poço, tendo sido Jesus acusado de empurrá-lo. Mais adiante, contrariando o descanso sabático que proíbe aos judeus realizar qualquer tipo de trabalho manual, Jesus modelou, num sábado, 12 passarinhos de barro, soprou sobre eles e os fez voar. Brincando com outras crianças, todos modelavam figuras de animais em barro. Jesus alardeou seus poderes e mandou que os seus comesçassem a caminhar. E assim foi. Ao passar um dia pelos 365 ídolos que havia no Egito no chamado Capitólio, todos se quebraram em pedaços.

Em alguns casos, seus milagres encerravam certa crueldade. Uma vez alguém se atreveu a destruir umas poças que o menino Jesus fizera. Indignado, ele disse: "Malvado, ímpio e insensato, por acaso essa água te incomodava? Pois então, secarás como uma árvore, sem que possas dar folhas, nem raízes, nem frutos." E conta o evangelho apócrifo que o menino ressecou. Os pais do menino foram chorando até

José, pai de Jesus, amaldiçoando-o por ter um filho que fazia semelhantes coisas.

Outra vez um menino vinha correndo e tropeçou nele. Jesus, irritado, lhe disse: "Não seguirás em teu caminho", e na mesma hora, o outro caiu morto. Quem via essas coisas perguntava-se de onde saíra aquele menino que transformava em realidade tudo o que dizia. José, dada a insistência das pessoas, chamou Jesus à parte e o repreendeu dizendo: "Por que fazes essas coisas? Não vês que as pessoas nos odeiam e nos perseguem?" Às vezes, José perdia a paciência e sacudia o filho pela orelha. Mas às vezes Jesus, depois de matar alguma criança que o contrariara, apiedava-se dela e a ressuscitava.

Outros milagres eram mais inocentes. Quando tinha seis anos, sua mãe o mandou com um cântaro de barro buscar água no poço. Ao voltar, ele quebrou o cântaro. Então tirou a roupa que o cobria e com ela recolheu a água, levando-a assim à mãe, que ficou maravilhada com o prodígio. Em outra ocasião, Jesus foi até a praça de sua aldeia, onde um grupo de crianças estava brincando. Vendo Jesus, todas foram se esconder, amedrontadas. Jesus transformou-os em carneiros de três anos e chamou-os dizendo-lhes que se reunissem com ele, que era seu pastor. Os meninos saíram, todos transformados em carneiros. E, diante das mães das crianças amedrontadas, Jesus disse: "Venham, crianças, vamos brincar." E imediatamente os carneiros tornaram a transformar-se em pessoas.

No evangelho armênio da infância, narra-se uma conversa do Jesus-menino com dois soldados que podia muito bem estar nos evangelhos oficiais: "Jesus, desejoso de mostrar-se ao mundo, encontra dois soldados rindo. Um deles, vendo o menino sentado ao lado de um poço, pergunta-lhe: 'Menino, de onde és? Aonde vais? Como te chamas?' Jesus respondeu: 'Se eu o dissesse, não entenderias.' O soldado tornou a perguntar: 'Teus pais ainda vivem?' Jesus respondeu: 'Sim, meu Pai vive e é Imortal.' O soldado respondeu: 'Como assim, imortal?' E Jesus insistiu: 'Isso mesmo, Imortal desde o princípio, e a morte não tem poder sobre Ele.' O soldado voltou a insistir: 'Que é isso de que ele viverá sempre e tem a imortalidade garantida?' Jesus lhe disse: 'Não serias capaz de conhecê-lo nem de ter uma idéia aproximada d'Ele.' O soldado tornou a perguntar-lhe: 'Quem, então, pode vê-lo?' E Jesus: 'Ninguém.' O soldado voltou à carga: 'Mas onde está teu pai?' E Jesus: 'No céu acima da terra.' E o soldado: 'Então como podes ir aonde ele está?' Jesus respondeu: 'Já estive lá e agora mesmo estou em sua companhia.' O soldado: 'De verdade, não consigo entender o que dizes.' E Jesus: 'Por isso é indizível e inexplicável.' E o soldado: 'Então, quem pode entendê-lo?' Jesus lhe responde: 'Se me perguntares, eu te explicarei.' E o soldado: 'Sim, por favor, explica-me.'" E o evangelho acrescenta que Jesus explica-lhes sua origem divina e temporal e que os soldados aceitam sua explicação e se despedem dele.

Trata-se, sem dúvida, de um texto apologético parecido com outros dos evangelhos canônicos criados pelos evangelistas para defender a origem divina de Jesus antes de encarnar na terra.

Os apócrifos atribuem exclusivamente aos judeus a morte de Jesus

Os evangelhos apócrifos também falam dos episódios da morte e da paixão de Cristo. Ou melhor, falavam, porque muitos dos que tratavam desse assunto desapareceram e só se conhecem por meio da citação de outros autores, como, por exemplo, alguns dos Padres da Igreja. Mas todos eles têm uma característica em comum, que é tentarem isentar os romanos da culpa pela morte de Jesus, atribuindo-a abertamente aos judeus. Vê-se que foram escritos já quando os primeiros cristãos, ou tinham medo dos romanos, que começavam a persegui-los, ou queriam ganhar sua simpatia. Vê-se também que, quando esses evangelhos foram escritos, desconheciam-se alguns hábitos dos judeus do tempo de Jesus, como sublinhou Jesus Palacios. Por exemplo, diz-se que, no momento da morte de Jesus, em vez de rasgar-se ao meio "o véu do Templo" de Jerusalém, como contam os evangelhos canônicos, ruiu "o dintel do portão do Templo". Talvez, por ser difícil naquele momento explicar aos cristãos o que era o véu do Templo, preferiram dizer que o portão ruíra, sem saber que o Templo judeu não tinha apenas uma porta

de entrada, como as igrejas católicas, mas muitas.

No evangelho apócrifo atribuído ao apóstolo Pedro, o bom ladrão Dimas encrespa a multidão judia dizendo: "Que mal ele vos fez?" E Jesus, ao expirar, exclama: "Força minha, Força minha, tu me abandonaste!" em vez do "Deus meu, Deus meu!" dos evangelhos canônicos, e relata que depois de morrer tiraram os cravos de suas mãos.

No mesmo evangelho afirma-se que "os judeus, os anciãos e os sacerdotes se deram conta do mal que haviam feito a si mesmos (ao matar Jesus) e começaram a golpear o peito dizendo: 'Malditas nossas iniquidades! Eis que se abate sobre nós o juízo e o fim de Jerusalém.'"

No evangelho dos nazarenos, que também se perdeu, dizia-se que, aos pés da cruz de Jesus, "milhares de judeus acreditaram nele", sendo, logicamente, impossível que aos pés de sua cruz se reunisse tanta gente.

É claro que também nos evangelhos apócrifos, tal como ocorre nos canônicos, e talvez até mais do que nestes, misturaram-se elementos seguramente históricos com explicações e acréscimos de caráter apologético, conforme as necessidades e as polêmicas do tempo em que foram escritos. Por isso, embora durante muito tempo tenham sido considerados tão verossímeis quanto os canônicos, deles tampouco se pode tirar uma idéia aproximada do que Jesus fez e disse durante sua vida mortal. Os evangelhos são também a narração literária daquilo que algumas

comunidades cristãs — no caso dos apócrifos, principalmente do Oriente — pensavam e acreditavam sobre o profeta de Nazaré.

Capítulo 13

JESUS E SUA RELAÇÃO COM AS MULHERES

O aspecto mais revolucionário do profeta de Nazaré foi, sem dúvida, a relação aberta que ele manteve com as mulheres, numa época e no seio de uma religião, como a judaica, em que a mulher era vista como um ser inferior e à inteira disposição do homem, a ponto de ser considerada seu "colchão".

Jesus rompe, em relação às mulheres, com todos os tabus vigentes numa época em que elas não podiam ser colocadas no mesmo plano que os homens, pois o marido era considerado o Sol e a mulher a Lua, ou seja, um ser sem nenhuma luz própria, refletindo apenas a que recebesse do marido. Jesus não acata a situação de inferioridade das mulheres de seu tempo e as trata de igual para igual, esquecendo todas as proibições de que eram alvo e associando-as a sua vida pública com absoluta normalidade.

Por mais que, como já dissemos, seja difícil conhecer historicamente os aspectos concretos da vida de Jesus, não há dúvida de que em relação à mulher existe uma grande coincidência entre os textos evangélicos, tanto canônicos como apócrifos. Todos eles apresentam o profeta

judeu ignorando olímpicamente o *status* de inferioridade da mulher. E mais: para ele a mulher é como o símbolo de tudo aquilo que deve ser resgatado à sua liberdade original, o símbolo do novo modo de vida que ele pregava, no qual não deveria haver discriminação entre homens e mulheres, revolucionando assim o velho conceito de poder centrado essencialmente no mundo masculino.

Daniel Boyarin, em sua obra *Israel carnal*, desenvolve um trabalho muito nobre no intento de resgatar parte da imagem negativa da mulher na cultura talmúdica, explicando a vontade que havia, ao menos em certas correntes mais abertas do judaísmo, para não excluir a mulher do âmbito dos prazeres do sexo e para que o marido levasse em conta a fragilidade da mulher e apreciasse suas qualidades.

Boyarin tenta ao mesmo tempo justificar por que se mantinha a mulher tão excluída do estudo da Torá, que era a prática mais prestigiosa dentro da cultura judaica, frisando que essa prática era mais própria do judaísmo babilônico que do palestino, no qual se aceitavam algumas exceções a tal proibição.

"Obrigado, Senhor, por não me fazerdes mulher"

A obra de Boyarin é sincera, mas, apesar de seu esforço por resgatar alguns aspectos favoráveis à mulher judia, nela fica claríssimo que, assim como nas culturas antigas, também no judaísmo a mulher era tida como um ser inferior ao homem. Tão inferior que, em sua oração matinal,

todo judeu devia dar graças a Deus "por não me criardes mulher". Ao que a mulher respondia em voz baixa: "Bendito seja o Senhor, que me criou segundo sua vontade."

Existiram e existem ainda hoje diversas interpretações dessa oração para demonstrar que não se tratava de desprezo pela mulher, mas de um reconhecimento do papel sacrificado que lhe cabia na sociedade e na família.

Segundo essas interpretações benevolentes, o homem judeu daria graças a Deus porque a mulher, em seu papel essencial de garantir a identidade judaica e de transmissora e perpetuadora de suas tradições e da educação dos filhos, não podia dar-se ao luxo de estudar as Escrituras, o que a mantinha à margem da cultura de seu tempo. Por isso o homem dava graças a Deus a cada despertar, por tê-lo livrado de semelhante responsabilidade, permitindo-lhe assim dedicar-se ao estudo.

Mas basta uma olhada no que realmente representava a mulher na sociedade do tempo de Jesus para perceber que os homens tinham mais de uma *razão* para agradecer ao Altíssimo. A mulher, de fato, era tão desprezada que o historiador judeu Flávio Josefo chegou a escrever que ela "é inferior ao homem em todos os sentidos".

As mulheres judias viviam tão relegadas ao mundo doméstico e era tão importante para elas a fidelidade ao marido que, na rua, não podiam parar para conversar com um homem, mesmo que fosse o próprio marido, para não levantar

suspeitas quanto a sua conduta. Em casa, tinham de viver totalmente reclusas e andar com a cabeça coberta. No Templo, podiam chegar só até o átrio; na sinagoga, nunca podiam participar do culto nem fazer uso da palavra. Era proibido ensinar-lhes as Escrituras, e elas tampouco podiam estudá-las. Durante a menstruação, eram consideradas impuras e corruptoras de tudo o que tocassem. E enquanto aos homens era permitido divorciar-se, elas não podiam fazê-lo por nenhum motivo. Parece que a única exceção era reservada à mulher casada com o curtidor de peles, a quem o rabino podia conceder o divórcio se ela provasse que não podia suportar o mau cheiro do corpo do marido. Mas a decisão dependia do arbítrio do rabino.

A mulher flagrada em adultério era condenada à morte por apedrejamento público. A palavra da mulher tinha tão pouco valor que ela não podia testemunhar junto aos tribunais. Tampouco podia receber herança e sua autonomia era tão limitada que, quando o marido morria, ela passava à tutela do cunhado e, se este fosse solteiro, devia casar-se com ele. Em algumas passagens da Bíblia, a mulher é classificada como um bem patrimonial do qual o homem, pai ou marido, pode dispor à vontade.

Segundo o *Eclesiástico*-. "É preferível a malícia de um homem ao bem realizado por uma mulher." E o *Livro dos provérbios* qualifica a mulher de "néscia", "turbulenta" e "lunática". Mas Boayrin tem razão ao dizer que, no tempo de Jesus, a situação da mulher era ainda pior fora

do âmbito do judaísmo, pois neste pelo menos se cultivava um grande apreço pelo corpo e por suas funções reprodutoras e nunca se privou a mulher, por exemplo, de desfrutar dos prazeres do sexo.

Nas regiões vizinhas da Palestina, a mulher era considerada pouco mais que um animal. No culto de Mitra, que então era florescente e que, até o século IV, competiria com o cristianismo primitivo, a mulher era excluída de todo tipo de religião, só podendo abraçar a prostituição sagrada.

Para os pagãos, a mulher era "o pior dos males"

O mesmo ocorria entre os filósofos pagãos. Platão, por exemplo, afirmava que não existia lugar para a mulher e que até sexualmente os rapazes eram preferíveis às mulheres. Sócrates ignorava a mulher por completo, como se ela não existisse. Para Eurípedes, a mulher era "o pior dos males". Para Aristóteles, que foi o inspirador de Santo Tomás e que influenciaria toda a filosofia e a teologia ocidental, a mulher "tem uma natureza defeituosa e incompleta". Por isso, na *Suma teológica* de Tomás de Aquino, chega-se a pôr em dúvida a existência da alma da mulher. E até Cícero escreveu que "se não existissem as mulheres, os homens seriam capazes de falar com Deus".

Para entender quão revolucionário foi Jesus em relação às mulheres, convém não esquecer que, não só em sua época, mas até nos tempos

modernos, entre os leigos ilustrados, a mulher continuou ocupando um lugar inferior ao homem. Giordano Bruno, por exemplo, afirma que a mulher "é vazia de todo mérito" e que nela "não há mais que soberba, arrogância, orgulho, ira, falsidade e luxúria". O próprio Nietzsche, em seu livro *Assim falava Zaratustra*, escreve: "Vais com as mulheres? Não esqueças o chicote." E o grande Dostoiévski escreveu: "Só o diabo sabe o que é a mulher, eu não entendo nada dela."

No século XVIII, em pleno desenvolvimento da ciência, sustentava-se que a mulher era inferior ao homem porque seu cérebro pesa só 1.200 gramas, enquanto o do homem 1.320. Ainda hoje não existe uma única loja maçônica em que as mulheres sejam admitidas, nem existem mulheres rabinas, nem mulheres sacerdotisas católicas. Mesmo nas democracias modernas, continuou a se negar à mulher o direito ao voto até há bem pouco tempo.

O profeta de Nazaré, para quem a mulher nunca teve menos dignidade que o homem e que a defendeu com unhas e dentes contra os que o provocavam para que aceitasse sua inferioridade, logo foi revisado por seus seguidores na Igreja que leva seu nome. A começar por Paulo de Tarso, que omite a presença das mulheres na morte e na ressurreição de Cristo e que cunhou a frase, abençoada até hoje pela Igreja, de que a mulher deve viver "submissa ao marido". Também o grande Santo Agostinho, que, depois de muito ter desfrutado do mundo feminino em sua vida

libertina anterior à conversão, o melhor que consegue dizer da mulher é que "é um animal que se compraz só em olhar-se no espelho". E hoje todas as Igrejas continuam sendo profundamente masculinas em suas estruturas oficiais.

Jesus rompe com todos os tabus contra a mulher

Rompendo com todas as tradições culturais de seu tempo, Jesus tratou as mulheres de igual para igual. Falava-lhes em público, e elas o acompanhavam em suas perambulações apostólicas ao lado dos outros discípulos; ele ensinava-lhes sua doutrina, transgredindo as normas de sua religião judaica. Ele as tocava e se deixava tocar e acariciar por elas, até no caso da hemorroísa, que, além de ser pagã e, portanto, pestilenta para os judeus, era impura por sofrer de um fluxo de sangue.

Quando entra na casa de seu amigo Lázaro, Jesus exalta a atitude de sua irmã Maria, que, ao contrário de Marta, sua outra irmã, que se empenhava nas tarefas domésticas e no preparo da comida, senta-se a seus pés para escutar suas palavras. E claro que o profeta não quis recriminar a solicitude de Marta, preocupada em tornar sua visita agradável, mas sim sublinhar que a atitude de Maria era digna de elogio, pois, contrariando a cultura de sua sociedade, que vedava o estudo da Bíblia à mulher, preocupa-se em conhecer os mistérios do novo Reino proclamado por Jesus.

Ele defende uma prostituta que, entrando na casa de um fariseu que o convidara para comer, quebra um frasco de raras essências e banha com elas os pés do missionário andarilho. Diante do fariseu que se escandaliza e que comenta: "Se este homem fora um profeta, bem saberia quem, e qual é a mulher que o toca, pois é pecadora", Jesus toma a defesa dela, dizendo que essa mulher — que para ele era apenas uma mulher, pois não julgava sua vida — se comportara com mais delicadeza e diligência que ele.

Outra vez, quando outra mulher repetiu o mesmo gesto unguindo com essências preciosas os pés e o cabelo de Jesus, os apóstolos ali presentes irritam-se dizendo que teria sido melhor gastar o dinheiro daquele bálsamo com os pobres. O Mestre então os repreende dizendo que aquela mulher intuía melhor do que seus próprios discípulos o que ele representava, e que ela sabia que logo seu corpo seria sacrificado na cruz. Jesus não deixava passar nenhuma oportunidade, não apenas para repetir com palavras e gestos que a mulher não era inferior ao homem, mas também para exaltar suas qualidades, sobretudo sua sensibilidade, como superiores às do homem.

A cena de Jesus salvando da morte por apedrejamento a mulher que alguns velhos flagraram em adultério é tão forte que só depois do Concílio de Trento passou a fazer parte dos evangelhos canônicos. Até então, essa página fora sempre censurada. Foi ignorada pelos

autores gregos até o século XI e só chegou ao conhecimento dos latinos no século IV, graças a São Panciano de Barcelona e a Santo Ambrósio. Decerto essa página não era aceita como autêntica por causa da rígida disciplina contra o pecado de adultério vigente nas primeiras comunidades cristãs, que, em vez de cultivar a atitude de Jesus de defesa da mulher pecadora, preferiram eliminar essa página do evangelho.

Mas essa é uma passagem fundamental para entender as relações de Jesus com a mulher. Conta o evangelho que levaram aquela mulher adúltera a seus pés para provocá-lo e pô-lo à prova. Isso mostra que o profeta tinha fama de sempre defender a mulher, e que aos sacerdotes incomodava o fato de ele chegar a colocá-las como exemplo para os homens. Por isso os sacerdotes querem saber se, em face do grande pecado do adultério, ele também se atreveria a defender aquela mulher. Não esperavam que ele não apenas a defendesse, mas também os expusesse ao ridículo dizendo que, se eles estavam tão limpos de pecado, isto é, se eles nunca tinham praticado o adultério, que a apedrejassem. E conta o evangelista que todos foram saindo, "sendo os mais velhos os primeiros". Curiosamente, o único homem que poderia ter atirado a primeira pedra era ele. Mas não o faz, salvando a mulher da morte. Não lhe impõe penitências. Despede-se dela com um carinhoso: "Vai, e não peques mais."

Alguém escreveu que nesse dia Jesus restabeleceu em sua sociedade a igualdade

entre o homem e a mulher, pois se o homem não era condenado à morte por adultério, a mulher adúltera tampouco devia ser condenada. E há algumas teólogas que afirmam que Jesus foi além: que nesse dia, enquanto os homens se afastavam com o coração endurecido, sem purificar-se de sua arrogância nem de seu orgulho, a mulher adúltera voltou para casa reconciliada, com a alma leve e em paz, nova, ressuscitada, levando no coração, para nelas pensar por toda a vida, as únicas palavras que Jesus escreveu com o dedo na poeira do chão do Templo.

Além disso, nessa cena Jesus aparece como contrário à pena de morte. E ele, que jamais defendeu a transgressão à Lei de Moisés, que era a de seus pais, deixou claro, no entanto, que era uma hipocrisia os homens poderem pecar impunemente ao passo que, pela mesma falta, a mulher era condenada à morte. Jesus poderia ter deixado que a Lei fosse cumprida à risca, que apedrejassem a mulher, limitando-se a abençoá-la e a perdoá-la na hora da morte, como fazem hoje os capelães católicos com os condenados à cadeira elétrica ou como fizeram em todas as guerras diante dos fuzilados ou à porta dos fornos crematórios.

Mas não: Jesus começou por salvar a vida física da mulher, que é o primeiro bem do ser humano e que ninguém, nem o Estado, tem o direito de sacrificar. E só depois de salvar sua vida é que ele tranqüilizou sua consciência, animando-a a ser fiel daí em diante. Tão diferente dessa

atitude do profeta contra a pena de morte — à qual ele seria injustamente condenado — é a que a Igreja continua a manter em seu catecismo universal, onde defende sua legitimidade em determinadas circunstâncias. O próprio Vaticano, como Estado independente, manteve a pena de morte dentro de seus muros, para seus cidadãos, até Paulo VI, que a aboliu depois do Concílio Vaticano II.

Jesus nunca negou nada a uma mulher

Enquanto os outros profetas de Israel curavam só os homens doentes, Jesus não fazia distinções e curava também as mulheres e tirava delas os demônios. O próprio evangelista Lucas diz que, junto com seus discípulos, seguiam Jesus "também algumas mulheres, que ele tinha livrado de espíritos malignos", entre elas a prostituta Maria Madalena, "da qual Jesus havia expelido sete demônios".

Uma das mulheres curadas por Jesus foi a sogra de Pedro. Conta o evangelho que o profeta entrou em sua casa, pegou em sua mão e, depois de curá-la, sentou-se à sua mesa, onde ela serviu comida a ele e a seus discípulos. São três gestos bem significativos e revolucionários. Primeiro, um profeta ou rabino que se aproxima de uma mulher, algo proibido; segundo, pega em sua mão, mais proibido ainda; e, terceiro, deixa que ela o sirva, apesar de impura por estar doente.

Não há uma única ocasião nos evangelhos em que Jesus negue algum pedido feito por uma mulher. Mesmo no episódio da cananéia que lhe implora a cura de sua filha atormentada por um demônio, apesar de certa relutância inicial — porque era uma mulher pagã e os profetas judeus não deviam relacionar-se com os pagãos, e muito menos lhes fazer favores —, Jesus acaba curando-a e elogiando a fé da mãe. Menos brandos eram os discípulos, que, diante da insistência da mulher que os seguia pedindo-lhe o milagre para a filha, dizem a Jesus: "despede-a: porque vem gritando atrás de nós".

Em geral os apóstolos estranhavam, quando não os escandalizava, a atitude liberal de Jesus para com as mulheres, uma categoria que também da parte deles merecia pouca consideração. No episódio da samaritana, os discípulos chegam a se retirar porque não podiam acreditar no que seus olhos viam: uma espécie de flerte entre Jesus e uma mulher samaritana, ou seja, uma inimiga da religião judaica. Uma mulher que, como Jesus revelou, tivera cinco maridos, e o que tinha não era dela. Isto é, uma super pecadora, já que as mulheres não podiam ter nenhum homem além do marido.

Jesus esquece o que essa mulher era e entabula com ela um interessante diálogo sobre a água material e a água espiritual. E acaba cometendo a maior das heresias: incumbi-la, apesar de mulher e pecadora, de anunciá-lo em seu povoado para que pudessem recebê-lo como profeta judeu. Por isso aquela mulher pagã foi

considerada a primeira missionária do cristianismo, numa época em que as mulheres só podiam viver fechadas em casa servindo ao marido e cuidando dos filhos.

Jesus chegou a comparar a mulher com o novo Reino que ele pregava. Um reino de liberdade, de igualdade e de compaixão de Deus pela fragilidade humana. Jesus defendeu, com gestos concretos, a igualdade da mulher com o homem: não evitava seu trato, costumava fazê-la protagonista de seus milagres e objeto de suas parábolas e muitas vezes a tomava como exemplo para os homens.

Jesus era contra o divórcio porque só o homem podia se separar

A Igreja tem insistido há séculos que Jesus foi um grande opositor do divórcio. Não é verdade. É verdade que ele discutiu o assunto repetidas vezes com os discípulos e com os fariseus que o provocavam. O que Jesus contesta não é o divórcio em si, mas o fato de que, no seu tempo, o divórcio só fosse permitido aos homens e não às mulheres. Por isso ele defende a mulher flagrada em adultério. O que Jesus diz aos homens, numa sociedade em que eles podiam impunemente repudiar a mulher e expulsá-la de casa, é que não devem fazê-lo, uma vez que esse direito não era concedido à mulher.

Por isso as palavras de Jesus não podem ser interpretadas no contexto atual, em que a dissolução do casamento é permitida a ambas as

partes. Naquela época, a vítima, a parte discriminada e que sempre saía perdendo era a mulher, não o homem. Assim, o que Jesus fazia ao se opor ao divórcio — como apontaram não poucas mulheres teólogas da libertação —, era defender a mulher, que vivia à mercê da decisão do homem de se desfazer ou não dela. Ainda mais porque não era permitido à mulher refazer sua vida, tendo de ficar sob a tutela da família.

Diferentemente da legislação grega, romana ou egípcia do tempo de Jesus, a lei judaica não permitia à mulher pedir o divórcio. O adultério era uma desonra apenas para o homem, nunca para a mulher traída. Comentando esse fato e as palavras de Jesus — "Todo o que repudiar a sua mulher (...) a faz ser adúltera: e o que tomar a repudiada, comete adultério", John Kloppenborg assim escreve: "Ao afirmar que o homem que repudia a mulher e torna a se casar comete adultério contra ela (...), Jesus dá como certo que a honra não é (apenas?) androcêntrica, mas também ou igualmente ginocêntrica. A honra continua a ser considerada um pseudo-bem, mas agora pertence também à mulher. Por isso, ao se divorciar da mulher e casar de novo, o marido estaria "roubando" a honra dela. Na Palestina da época de Jesus, onde não era permitido às mulheres pedir o divórcio, não era fácil à mulher manter a dignidade. Esse é o motivo pelo qual Jesus utiliza de forma tão surpreendente um termo tão dramático como o do adultério. E assim ressalta e põe em primeiro plano a honra

da esposa, que deve ser protegida e respeitada tanto quanto a do marido.

E como sublinha Crossan: "Não é que Jesus se opusesse ao divórcio. Para condenar o divórcio, bastaria dizer que o divórcio nunca é legal. Aqui o ataque, na verdade, se dirige contra a 'honra androcêntrica' cujos efeitos debilitadores transcendiam, em boa medida, o fato circunstancial do divórcio. Era também a base da desumanização da mulher, das crianças e dos homens não-dominantes".

De certo modo, aquela discriminação do tempo de Jesus, que defendia só os direitos e a honra dos homens, é o que a Igreja de Roma continua a perpetrar hoje quando a Sagrada Rota permite a anulação do casamento canônico. Em geral, são os homens que pedem à Igreja a anulação, e o conseguem e nem sempre por meios honestos. O pior é que, quando a Igreja declara nulo um casamento, o homem não tem mais nenhuma obrigação para com sua ex-mulher.

No divórcio civil, hoje a mulher conta pelo menos com a proteção da lei. A postura da Sagrada Rota se assemelha em muito ao que se praticava no judaísmo do tempo de Jesus, quando o homem, ao apresentar o libelo de repúdio, deixava a mulher completamente desprotegida. E por isso que Jesus, que sempre defendeu a mulher e a colocou no mesmo nível que o homem, se opunha a um divórcio unilateral, em prejuízo exclusivo da mulher.

Alguns se perguntam o que Jesus diria sobre o divórcio nos dias de hoje. É algo que jamais

saberemos. Talvez ele defendesse, como os teólogos mais progressistas, que a fidelidade é sempre um bem a perseguir, mas nunca imporiam cargas insuportáveis nem permitiria que se perpetuassem situações dramáticas apenas por fidelidade a uma lei, levando em conta sua famosa sentença de que "o sábado" — leia-se a lei — "foi feito para o homem e não o homem para o sábado". Ou seja, para ele a lei era só um instrumento para libertar as pessoas, não para escravizá-las.

Há quem estranhe o fato de o profeta de Nazaré abordar tão pouco a questão do sexo. É verdade que se trata de um tema quase marginal nos evangelhos. Ali não se fala do aborto, nem das relações sexuais, nem da vida íntima dos casais. Foi a Igreja que, depois, fez do sexo um tabu e um dos pilares da repressão da consciência.

Duas maneiras diferentes de entender o corpo e o sexo

Para entender por que Jesus falou tão pouco do assunto e, ao mesmo tempo, por que era tão livre em seu trato com as mulheres e até sentia certa predileção pelas prostitutas, de quem chegou a dizer que, no reino de Deus, estariam à frente dos próprios sacerdotes, deve-se lembrar a diferença fundamental entre a concepção do corpo e do sexo do judaísmo e do cristianismo posterior, contaminado pelo helenismo e pelo platonismo. O judaísmo rabínico atribuía ao corpo

a mesma importância que mais tarde o cristianismo atribuiria à alma.

Se é verdade que o cristianismo conservou muitas raízes judaicas, a começar pelo sentimento de culpa e pelo sentido trágico da vida, em matéria de sexo, porém, a mudança foi radical. Enquanto para o judaísmo a alma é algo que vive dentro do corpo, sendo este, sua carne, a verdadeira realidade do homem, para o cristianismo, ao contrário, o que define o indivíduo é a alma, sendo o corpo apenas um instrumento passivo dela. Por isso o sexo era para os judeus uma coisa positiva e digna de ser vivida com felicidade, enquanto para os cristãos, por ser um elemento fundamental do corpo e da carne, convinha reprimi-lo para deixar a alma, o elemento essencial da pessoa, livre.

E aí se abriu um abismo que ainda continua intransponível. São duas formas diferentes e até opostas de conceber a realidade humana. São diferenças não apenas teológicas, mas também sociais e culturais. Enquanto para o cristianismo, e em parte para toda a cultura ocidental, a virgindade, por exemplo, adquire um valor em si, para o judaísmo rabínico o importante é a procriação, que garante a continuidade da espécie e mantém viva a história humana. Essa é a razão de a sexualidade ter um valor marcadamente religioso, assim como a comida, estreitamente associada ao sexo no que ela tem de prazer e de criadora de vida, ao passo que no cristianismo a sexualidade foi estreitamente associada ao mundo do pecado e do demônio e a

comida passou a integrar, ao lado da luxúria, os pecados capitais.

Assim se explica o fato de que Jesus nunca obrigasse seus discípulos a jejuar, que aceitasse com prazer os convites dos amigos, inclusive de gente rica, para seus banquetes, a ponto de ser tachado de bebedor e comilão. Assim também se explica que seu primeiro milagre tenha sido transformar água em vinho para que a festa de casamento de uns amigos pudesse continuar. Não é estranho, portanto, que todos os apóstolos de Jesus, exceto um, fossem casados, só se exigindo deles que tivessem uma única mulher, e ao mesmo tempo fossem os primeiros bispos da Igreja. Só mais tarde, a partir de um sínodo celebrado em Granada, a Igreja, mais por razões de poder e para não dividir suas propriedades do que por motivos pios, começou a impor o celibato obrigatório a sacerdotes e religiosos.

Tendo presentes essas diferenças, tampouco choca o fato de Jesus nunca ter entrado nos detalhes de como os casais deviam viver e exercer sua sexualidade. Na cultura judaica de seu tempo, apesar de a mulher — como em todas as culturas de então — ser vista praticamente como um objeto à disposição do homem, existia uma grande liberdade no exercício da sexualidade entre marido e mulher, permitindo-se tudo, incluído sexo oral e anal, desde que a mulher concordasse.

Por isso era difícil imaginar um judeu conservando o celibato ou a virgindade por motivos religiosos. Se alguns o faziam, como, por

exemplo, alguns profetas que se dedicaram exclusivamente à pregação, era apenas para poder dedicar todo seu tempo à sua missão sem ter de se ocupar com a família. Esse pode ter sido o caso de Jesus, embora sempre fique a pergunta de por que ele não se casou, sendo a procriação e os filhos o bem maior para um judeu. O exercício da sexualidade era sempre um bem e nunca um pecado.

Sem dúvida, os judeus entenderam muito bem — e mais tarde foi o judeu Freud quem melhor aprofundou a questão — que a sexualidade traz nas entranhas um lado destrutivo que é inevitável. Mas aceitavam que igualmente inevitável era o desejo de exercê-la e que, em sua essência, ela era uma força positiva que garantia a existência e a felicidade corporal.

Uma concepção quase oposta é a defendida pelo cristianismo, construída com clichês, primeiro do helenismo, depois da concepção ocidental do corpo. Tanto é que só no Concílio Vaticano II, e com mil matizes e hesitações, veio a se aprovar um texto em que se começa a vislumbrar o exercício da sexualidade como algo além de mal menor para garantir a procriação e a perpetuação da espécie, algo que pode ser também um "instrumento humano de diálogo".

Mas daquilo ficou muito pouco, e a Igreja continua com uma visão negativa do sexo, condenando seus excessos e desvios como um pecado até maior que os pecados contra o espírito e a liberdade, permitindo-se legislar — sem nenhuma tradição nas Escrituras — até

sobre o comportamento dos casais na intimidade de seu quarto.

A Igreja está muito distante daquela liberdade de espírito de Jesus em suas relações com as mulheres e da forma como ele as associou à sua missão evangélica, sem distinção de sexo, ao lado dos homens, seus discípulos. A Igreja Católica é hoje a única instituição do mundo democrático que ainda continua a discriminar a mulher, impedindo-a de subir até o último degrau do sacerdócio, contrariando abertamente a atitude do profeta de Nazaré que, segundo os Evangelhos por ela aprovados, na manhã da ressurreição, apareceu antes às mulheres que aos apóstolos que, mortos de medo, esconderam-se.

E coube a elas confirmar aos frouxos discípulos que Jesus não morrera para sempre, que nada morre definitivamente e que tudo pode começar de novo. O que, por outro lado, toda mulher, sobretudo se foi mãe, pode entender melhor que os homens, pois é em suas entranhas e com seu sangue que a vida refloresce a cada dia. Não seria isso o que Jesus intuiu quando apresentou a mulher como o rosto de Deus e as crianças, o fruto da mulher, como os únicos capazes de entender os mistérios da sabedoria?

Os homens das Igrejas, os filósofos e escritores de todos os tempos disseram coisas terríveis da mulher, mas também disseram coisas sublimes como que é "a poesia de Deus" ou que "se elas tivessem mais poder, haveria menos órfãos no

mundo". Sem dúvida, haveria menos guerras e violência.

O mundo, muito provavelmente, seria hoje muito diferente se a história tivesse sido escrita também pelas mulheres e não apenas pelos homens e se Deus, além de ser homem e masculino, também refletisse o rosto e a alma da feminilidade. O profeta maldito de Nazaré intuiu que a mulher, mais do que o homem, é o símbolo mais visível do rosto compassivo e não vingativo de Deus. E, por isso mesmo, temível e perigosa para o poder. Jesus a defendeu contra todos os poderes. E elas, as mulheres, amaram-no mais que a ninguém, fiéis a ele até aos pés da cruz.

Capítulo 14

ERA JESUS UM MAGO, UM PROFETA OU UM EXORCISTA?

Os milagres de Jesus, principalmente os que não estão ligados a alguma cura, isto é, os de caráter mais mágico, como os de andar sobre as águas, multiplicar pães e peixes e, sobretudo, ressuscitar mortos, foram sempre um dos maiores motivos de contestação fora da Igreja. Chegou-se a pensar que todos os milagres dos evangelhos eram pura ficção, inventados no primeiro século do cristianismo para demonstrar aos pagãos os poderes de Jesus.

A crítica moderna, na época do racionalismo ilustrado, negou veementemente a existência dos milagres narrados nos evangelhos, afir-

mando que tinham sido inventados com finalidades apologéticas. Os defensores da idéia de que o cristianismo foi uma religião inventada afirmam, por sua vez, que toda religião precisa de milagres para se afirmar e que os primeiros cristãos também tiveram de atribuir a Jesus uma boa porção de milagres para provar que se tratava de uma nova religião. O que se pretendia com os milagres atribuídos a Jesus era demonstrar que ele era superior a outros magos e curadores de seu tempo e, portanto, que tinha poderes divinos.

R. Bultman chama a atenção para o fato de que é o evangelista Marcos quem narra mais milagres de Jesus e de que Marcos, como helenizado que era, teria seguido os cânones da mitologia ao escrever o evangelho. Segundo Bultman, também é curioso que a famosa Fonte Q, considerada muito antiga, praticamente ignore os milagres de Jesus, ou seja, que enquanto existe um evangelho dos "ditos de Jesus", nunca existiu um evangelho dos "milagres".

Outros autores, como Morton Smith, estão convencidos de que Jesus era um mago e um verdadeiro exorcista que os rabinos judeus consideravam possuído pelo demônio, em nome do qual fazia seus prodígios, e que somente mais tarde, quando os evangelhos foram escritos, Jesus teria sido apresentado como um personagem divino que operava todo tipo de milagres. Quem tem razão?

É claro que pode haver nos evangelhos alguns episódios inventados ou retocados com fins apologéticos, mas a característica mais evidente do profeta de Nazaré é que ele fazia milagres, entendendo-se essa palavra como atos ou prodígios que os outros mortais não eram capazes de realizar, como curar um leproso, libertar um endemoninhado de seus fantasmas, ressuscitar um morto ou fazer um parálítico andar.

E mais: se o povo seguia Jesus — e o seguiam, sobretudo, os mais pobres e marginalizados, os párias, os esquecidos —, era, mais do que por suas palavras, por causa dos prodígios que realizava. Um evangelista diz que Jesus "curava a todos". Por isso até os exegetas mais críticos têm pouquíssimas dúvidas de que um dos aspectos mais autênticos apresentados nos evangelhos é a atividade milagrosa de Jesus. São mais de duzentos os episódios em que Jesus, em sua breve vida pública, aparece realizando algo prodigioso.

Jesus e seus milagres

Se excluíssemos da história de Jesus os seus milagres, pouco nos restaria de sua vida, porque conhecemos apenas sua vida pública e esta se baseia fundamentalmente em sua atividade como curador e exorcista. E foi por meio de seus milagres que sua missão de profeta e de anunciador de um novo Reino foi se manifestando. Os milagres eram como o carimbo

que provava a autenticidade de suas palavras. Se ele podia dizer a um parálítico que se levantasse, com mais razão tinha autoridade para dizer que seus pecados haviam sido perdoados.

Porque seus milagres não se destinavam apenas a mostrar que ele era um mago maravilhoso, isto é, não eram feitos para impressionar as pessoas, por pura vaidade ou em busca de lucro. O que Jesus pretendia com seus milagres — além de aliviar a dor das pessoas, já que ele não pertencia à teologia do sofrimento — era, segundo não poucos teólogos modernos, tornar crível sua doutrina nova, que revolucionava os velhos esquemas de poder e anunciava novos tempos em que o lobo pastaria pacificamente ao lado da ovelha e as espadas seriam transformadas em arados.

Não havendo, portanto, dúvidas, segundo os historiadores e biblicistas, quanto à atividade milagrosa de Jesus, o que cabe perguntar-se é se, na realidade, era um mago como tantos outros de seu tempo ou se era um homem com poderes terapêuticos especiais ou, ainda, um homem tão poderosamente religioso que era capaz de curar as pessoas e expulsar os demônios.

Sobre a possibilidade de que Jesus conhecesse as artes mágicas de seu tempo e que pudesse ter sido iniciado nelas, sobretudo na magia egípcia, escreveram-se volumes inteiros. Morton Smith, em seu livro *Jesus the magician: Charlatan or son of God*,¹ não tem dúvidas de que, em Jesus, as

atividades mágicas predominaram sobre os ensinamentos religiosos e que todos os componentes milagrosos do cristianismo estavam prefigurados na magia daquela época. Contudo, muitas das obras que podiam lançar alguma luz sobre a atividade mágica de Jesus foram logo destruídas, desde os tempos de Constantino, quando a Igreja começou a ser cortejada pelo poder e os bispos receberam a ordem de queimar todos os escritos chamados "heréticos", que eram apenas os escritos que contradiziam as fontes oficiais. Assim desapareceram para sempre centenas de escritos sobre Jesus e suas atividades que hoje seriam valiosos para conhecer a verdadeira natureza de seus milagres e a influência que a cultura de seu tempo pode ter exercido em suas artes mágicas.

Mas, segundo o pouco que restou, não há dúvida de que a fama de Jesus se deveu principalmente às curas que ele realizou. Há quem sustente que foi por causa destas que ele morreu na cruz, porque a multidão de pobres o seguia convencida de que era o novo Messias devido aos prodígios que realizava. E que isso atemorizou as autoridades romanas num momento em que a Palestina pululava de revoltas nacionalistas contra a ocupação romana. Aqueles que não aceitam a existência de milagres interpretam as curas prodigiosas de Jesus como obra de um grande terapeuta. Desde que se soube que certas doenças, como a cegueira, a surdez, a mudez, a paralisia etc.,

podiam ser causadas pela histeria e que sua cura repentina é possível com o desaparecimento dessa histeria, os milagres de Jesus são interpretados como curas naturais resultantes da fé que ele infundia nos doentes, já que naquele tempo, quando não se conhecia o fenômeno da histeria, as pessoas atribuíam as curas a verdadeiros milagres.

Segundo alguns analistas, isso explicaria a passagem do evangelho de Marcos em que se conta que Jesus não conseguia fazer milagres em seu povoado de Nazaré, onde não acreditavam nele e o consideravam um louco e lunático. Justamente por não acreditarem em Jesus, ele não conseguia curá-los, pois, segundo a teoria da histeria, para conseguir a cura de um doente psíquico, este precisa acreditar no terapeuta.

É assim que, hoje, muitos interpretam não poucos milagres ocorridos na gruta das Aparições de Lourdes e no Santuário da Virgem de Fátima. É a força da fé que faz andar os parálíticos ou devolve a visão aos cegos.

Os milagres de Jesus suscitavam nas pessoas primeiro surpresa, depois admiração e até medo. Era considerado um grande mago, e isso talvez explique porquê, quando ele foi detido, torturado e crucificado, as pessoas, decepcionadas, abandonaram-no, pensando que se ele, que tinha ressuscitado os mortos, não era capaz de se defender da morte, era porque havia perdido seus poderes.

Para entender o que as pessoas daquela época podiam pensar ao ver Jesus fazer prodígios é

preciso lembrar que elas já estavam habituadas a outros profetas milagrosos da história de Israel e que os magos eram famosos na Samaria, onde não se professava a religião judaica. Acontece que Jesus não pertencia nem à classe sacerdotal, nem à linhagem dos profetas e suas origens eram muito humildes. Por isso sua família e seus conterrâneos se perguntavam como era possível que aquele homem, de quem nada sabiam até que apareceu em sua vida pública, pudesse fazer aqueles prodígios ou ser um escolhido de Javé. Por isso preferiam pensar que estava possuído por um demônio ou que era um doente "lunático".

Quem sustenta que Jesus conhecia as artes dos magos de seu tempo acredita que ele poderia tê-las estudado no Egito, onde passou algum tempo, segundo afirma o evangelho de Mateus. Em alguns escritos apócrifos, com efeito, diz-se que Jesus esteve no Egito como trabalhador e que lá aprendeu as artes mágicas.

Por outro lado, a Palestina esteve muito tempo sob influências estrangeiras, principalmente fenícias e egípcias. A persa, sobretudo, foi importante tanto para o desenvolvimento do monoteísmo como da demonologia. Também eram conhecidas na Palestina as práticas mágicas gregas. Nos trezentos anos que separam a conquista de Alexandre da aparição de Jesus, a Galiléia fora governada por gregos e romanos.

Todas essas culturas aceitavam que o universo é povoado de criaturas sobrenaturais, como anjos, demônios, espíritos do além-túmulo etc.

Entre as práticas da magia clássica se encontram, por exemplo, as maldições como conjuro. E tais conjuros já aparecem na Bíblia. Jesus também usa as maldições, e os evangelhos apócrifos da infância atribuem ao menino Jesus vários prodígios ligados a suas maldições.

No Talmude, Jesus é acusado de prática de feitiçaria. E até nos evangelhos ele é acusado de ser mago, quando se diz que era um "agente do mal", um termo que significava "mago" na linguagem do Código de Direito Romano, como observou Isabel Herranz. Os primeiros cristãos eram acusados, por seus inimigos e perseguidores, de praticar as artes da magia. A própria prática da eucaristia, em que o pão e o vinho se transformam na carne e no sangue de Jesus era considerada como uma espécie de magia antropofágica praticada pelos cristãos na clandestinidade. E sabe-se que, na Igreja primitiva, o carisma da cura dos doentes e dos exorcismos era um elemento primordial, que depois foi se perdendo, provavelmente devido às acusações de que os cristãos usavam a magia.

Já se realizaram estudos sobre os possíveis paralelismos entre os famosos papiros mágicos egípcios e alguns milagres realizados por Jesus. Assim como os magos egípcios, Jesus utiliza em suas curas certas fórmulas mágicas e misteriosas, como quando ressuscita a filha de Jairo usando a fórmula mágica em aramaico "*talitha cumi*". O evangelista Marcos traduz essas palavras como "menina, (eu te mando) levante". Mas durante muito tempo essa frase

circulou como uma fórmula mágica cujo significado ninguém sabia.

O episódio da ascensão de Jesus aos céus faria parte de outro ritual mágico em que, depois de vários dias de purificação e jejum, o mago conseguia essa ascensão misteriosa que equivalia a alcançar a imortalidade. Apolônio de Tiana, que, segundo a lenda, subiu aos céus como Jesus, disse que esta era a verdadeira prova da divinização, o objetivo final da magia.

Assim como os grandes magos e xamãs, Jesus retirou-se por quarenta dias no deserto a fim de se preparar para a vida pública de fazedor de prodígios. O que o demônio propõe a Jesus em suas tentações são justamente coisas típicas dos magos, como voar através das nuvens ou transformar pedras em pães. Os evangelhos dizem que Jesus não caiu nas tentações do demônio que lhe propunha fazer milagres próprios dos magos, justamente para combater a idéia de que fosse um mago como os de seu tempo.

Não há um único milagre realizado por Jesus que já não fosse atribuído aos magos da época, desde acalmar uma tempestade até ressuscitar um morto ou prever o futuro. E até as condições para conseguir o milagre são muito semelhantes às que constam nos manuais de magia antiga, como a necessidade da fé no mago ou a de pedir a graça aos deuses. A célebre frase de Jesus: "Pedi e dar-se-vos-á", aparece de forma idêntica nos papiros mágicos. Há cenas, como aquela em que Jesus mistura saliva com barro para pôr nos

olhos de um cego, que em seguida recupera a vista, que pertencem claramente aos rituais de magia. E, por último, há quem interprete a anotação, que sobreviveu no Novo Testamento, de que Jesus pertencia "à ordem de Melquisedec" como uma confirmação de que ele era um iniciado, já que Melquisedec fora uma figura importante das principais doutrinas antigas. As palavras "segundo a ordem" demonstrariam que Jesus pertencia a um grupo iniciático e que teria sido escolhido para perpetuar aqueles ensinamentos.

Jesus e os magos

Que dizer de tudo isso? Sem dúvida, a Igreja sempre ressaltou a diferença entre a atitude de Jesus ao fazer seus milagres e a dos magos da antigüidade. Dizem que, enquanto os magos faziam os milagres por interesse próprio e para enriquecer, Jesus os fazia de forma altruísta e só para o bem-estar dos demais. E que nunca pediu dinheiro para realizar um prodígio. Muitos teólogos fazem questão de diferenciar a atividade curativa de Jesus e a magia clássica. Para eles, as curas e o exorcismo de Jesus estavam sempre ligados ao perdão dos pecados, já que, na religião judaica daquele tempo, as doenças ou possessões diabólicas costumavam ser vistas como consequência dos pecados cometidos.

Segundo esses teólogos, a magia trabalha, ao contrário, com a idéia de maldição, que seria a

causa da perturbação e à qual se tenta destruir com o ato mágico. Ainda segundo eles, há também magias destinadas a provocar o mal a uma pessoa a pedido do cliente. Mas a magia é só isso?

Dominic Crossan lembra as diferenças entre medicina, milagre e magia no tempo do Novo Testamento e, portanto, das primeiras comunidades cristãs da Palestina, descritas por Howard Clark Kee: "A medicina é um método de diagnóstico dos males do homem e uma prescrição dos mesmos, baseada na combinação de uma teoria com a observação do corpo humano, de suas funções e suas disfunções. O milagre implica em postular que a cura pode ser realizada recorrendo aos deuses, através de sua intervenção, seja diretamente, seja por meio de intermediário. A magia é uma técnica graças à qual, por meio da palavra ou do gesto, se atinge um determinado fim, que pode ser a solução dos problemas de quem recorre a ela ou o prejuízo do inimigo causador do problema." Em outras palavras, comenta Crossan: "Se a técnica é eficaz e consegue superar essa força hostil, a ação é mágica. Mas se for considerado que é fruto da intervenção de um deus ou uma deusa, será um milagre. E se, ao contrário, é vista como um meio de facilitar as funções naturais do corpo, seu nome será medicina."

Segundo David Aune, um dos maiores especialistas nessa matéria, os antropólogos modernos rejeitam a velha dicotomia entre magia e religião, e é nessa linha que ele afirma:

"A magia e a religião estão tão estreitamente ligadas que é praticamente impossível considerá-las duas categorias socioculturais distintas."

A conclusão a que Crossan chega é que "há aspectos da magia que são malignos, desumanos, patológicos e nocivos. Mas isso ocorre também na religião, e em ambos os casos é preciso identificá-los e denunciá-los". E acrescenta: "O principal, em todo o caso, é que a distinção dogmática, que implica afirmar que o que nós praticamos é religião e o que os outros praticam é magia, deve sempre ser tida como tal, ou seja, a mera confirmação política daquilo que se considera legítimo e oficial, contraposto àquilo que não é legítimo e não é oficial."

Não resta dúvida de que nem todos os magos de todos os tempos eram iguais, e alguns acreditavam de verdade na magia como uma força em si. Nem se pode reduzir a verdadeira magia a um simples embuste ou jogo de prestidigitação. A magia, em todos os tempos, a branca e a negra, a positiva e a negativa, sempre foi uma coisa muito séria e misteriosa que provavelmente ainda não foi examinada a fundo por causa dos preconceitos que existem contra ela por parte do mundo racionalista.

Mas isso não é tudo. Como afirmam não poucos autores, a diferença entre os milagres e a magia é mais social ou política do que prática. Na antigüidade, se um indivíduo fazia certos prodígios e seus seguidores os consideravam milagres, ele era aclamado como um ser divino.

E seus detratores imediatamente diriam que era um mago possuído pelo maligno.

Nada impede, por outro lado, que Jesus tenha conhecido as artes da magia pagã de seu tempo. Nem seria de estranhar que fosse um homem extremamente sensível com uma grande capacidade de sedução e de persuasão, dotado de poderes psíquicos excepcionais que ele utilizava para aliviar a dor e para convencer os homens de que a fé pode fazer milagres.

Não sabemos se foi obra dele ou algo que seus sucessores lhe atribuíram, mas nos escritos evangélicos é evidente que Jesus, para que não o tomassem como mais um mago, insistia em que não era ele que fazia os milagres, mas seu Pai, e que nenhum milagre era possível sem a fé em Deus. Alguns biblicistas, no entanto, tendem a estabelecer uma diferença entre os milagres realizados por Jesus com alguma finalidade benéfica, como as curas ou a expulsão dos demônios, e os puramente gratuitos ou espetaculares, como os de andar sobre as águas, acalmar as tempestades ou subir aos céus. Para eles, estes seriam os únicos milagres "inventados" pelos evangelistas, enquanto os verdadeiros seriam aqueles realizados com sua força curativa e de exorcista.

A conclusão de Crossan é que Jesus "em sua condição de mago e taumaturgo, constituiu um fenômeno muito problemático não apenas para seus adversários, mas também para seus próprios seguidores". Entre os milagres de Jesus, sem dúvida, o da ressurreição dos mortos

representa o maior desafio para os exegetas, já que a Igreja, nestes 2.000 anos de história, nunca atribuiu aos numerosos santos e mártires canonizados o milagre da ressurreição. É isso o que leva a pensar que esses milagres poderiam ter sido introduzidos pela Igreja primitiva para provar aos pagãos o caráter "divino" de Jesus que, no entanto, nunca disse que era Deus.

Capítulo 15

TEMOS CONHECIMENTO DE PALAVRAS PRONUNCIADAS ORIGINALMENTE POR JESUS?

Como já dissemos, não é fácil saber se os acontecimentos da vida de Jesus narrados pelos evangelistas são históricos ou foram manipulados pelos cristãos primitivos com fins apologéticos. Mas, e as palavras pronunciadas pelo profeta de Nazaré? São originais? Também foram inventadas? Podemos crer na autenticidade de algumas delas? E original, por exemplo, a importante oração do pai-nosso? E a condenação dos ricos? E as bem-aventuranças? As palavras que Jesus teria pronunciado ao longo da vida, seus provérbios e sentenças, constavam da famosa Fonte Q, que recolhia, sobretudo, seus ditos. Foi possível reconstruí-la parcialmente a partir dos evangelhos de Mateus e Lucas, que recorreram a essa Fonte para escrevê-los, ainda que, sem dúvida, alterando muitas de suas sentenças originais.

Essa fonte era uma recompilação de frases do profeta Jesus que gozou de grande prestígio nas primeiras comunidades cristãs. Devia tratar-se de uma tentativa de recolher, assim como os filósofos haviam feito com Epicuro, as palavras mais famosas do Mestre, que os cristãos primitivos conheciam pela tradição oral. Resquícios dessa Fonte aparecem nos escritos dos primeiros Padres da Igreja, no evangelho apócrifo de Tomás e nos textos gnósticos.

As sentenças da Fonte Q foram escritas em aramaico e mais tarde traduzidas para o grego. Mas não há consenso entre os biblicistas quanto à sua autenticidade. É difícil saber se as palavras de Jesus, antes de serem codificadas por escrito, já haviam sido manipuladas, censuradas ou sofrido acréscimos que, mais do que a Jesus, pertenciam à doutrina das primeiras comunidades cristãs.

Há, sim, um consenso quanto à possibilidade — nunca a certeza — de que algumas de suas frases tenham chegado a nós de forma bastante literal. Utilizam-se vários critérios para analisar a originalidade das palavras de Cristo. O primeiro deles diz respeito à censura: seriam autênticas as sentenças que, mesmo podendo criar problemas e até causar certo escândalo entre as primeiras comunidades, nem por isso foram expurgadas. Deviam estar tão arraigadas na tradição, que foi impossível manipulá-las.

Outro critério igualmente utilizado pelos exegetas é o da dificuldade: seriam autênticas as frases que, devido a seu hermetismo, difícil-

mente poderiam ter sido acrescentadas ou alteradas, já que, mesmo para os cristãos, não era nada fácil entender o que queriam dizer ou aceitar seu significado literal. Um exemplo disso são as palavras mais duras contra a riqueza e o poder. De fato, algumas delas, como as da maldição dos ricos ou as da bênção dos pobres, foram amenizadas. Ao falar das dificuldades dos ricos para entrar no Reino de Deus, acrescenta-se que os ricos podem ao mesmo tempo ser pobres "de espírito". E na parábola em que Jesus diz ser mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico obter a salvação, põe-se logo em sua boca que "aos homens isto é impossível, mas a Deus tudo é possível", atenuando a exigente sentença do Mestre.

Um último critério é a repetição: as frases ou sentenças de Jesus que aparecem em vários evangelhos, inclusive nos apócrifos, têm mais probabilidades de serem autênticas do que aquelas que aparecem em um só.

A votação com bolas coloridas

Um bom exemplo da dificuldade de reconstruir as palavras pronunciadas por Jesus durante sua vida pública é a malograda experiência de Robert Funk, do Westar Institute. Na tentativa de reconstruir as palavras de Jesus, convocou-se um encontro internacional de especialistas na matéria. Durante cinco anos, os eruditos trabalharam em diversas universidades para discriminar as palavras que eles julgavam ser

realmente de autoria de Jesus das que, a seu ver, ele não poderia ter pronunciado.

O esforço foi inútil, pois nem aqueles grandes luminares da ciência bíblica conseguiram chegar a um acordo. O que eles fizeram, então? Puseram cada uma das sentenças de Jesus em votação, para que cada qual decidisse, segundo as pesquisas que realizara, se a considerava autêntica ou não. A votação foi feita com bolas de quatro cores. A vermelha significava: "Isto foi dito por Jesus"; a rosa: "Jesus disse algo parecido"; a cinza: "Isso não foi dito por Jesus, mas contém idéias dele"; e a preta: "Isso não foi dito por Jesus e pertence a uma tradição posterior".

A iniciativa foi muito criticada. Muitos se perguntaram se era possível "submeter Jesus a votação". Houve quem a tachasse de presunçosa e até de blasfema. Mas, na realidade, todo o Novo Testamento é uma reconstrução, já que os textos originais não chegaram a ser traduzidos. Mesmo *The Greek New Testament*, a versão do Novo Testamento da United Bible Societies, apresenta nas notas quatro graus de confiabilidade do texto, assinalados com as letras A, B, C e D.

Ou seja, os próprios evangelhos são considerados uma reconstrução dos textos que chegaram a nós com diferentes graus de credibilidade.

O trabalho desse grupo de especialistas com as bolas coloridas foi publicado num livro intitulado *The five gospels. What did Jesus really say?* O texto foi impresso nas quatro cores usadas na

votação. Entre as frases de Jesus impressas em preto, isto é, tidas como não pronunciadas por ele e pertencentes a uma tradição posterior, constam, por exemplo, as importantes palavras da instituição da eucaristia, quando Jesus oferece aos apóstolos o pão e o vinho, dizendo-lhes que são seu corpo e seu sangue. Na mesma linha, *The Greek New Testament* atribui a essas palavras a letra C, isto é, o grau daquelas que dificilmente teriam sido realmente pronunciadas por ele.

Em *The Jive gospels*, o evangelho com o maior número de palavras de Jesus tidas como não pronunciadas por ele é o de João. Não contém uma única frase considerada histórica. E somente uma foi considerada como "algo parecido" ao que Jesus poderia ter dito, aquela em que ele afirma: "Ninguém é profeta na própria terra." Entre as frases consideradas originais está a do evangelho de Marcos: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus."

No Evangelho de Lucas, todos os especialistas concordaram em que são originais as bem-aventuranças aos pobres, aos famintos e aos que choram, assim como a do "amor aos inimigos" e a parábola do Bom Samaritano. Essa parábola é tão dura que a tradição a conservou sem retoques. Nela, Jesus elogia a conduta do samaritano que se compadece de um ferido abandonado por uns bandidos à beira da estrada, enquanto um levita, isto é, um personagem da instituição religiosa judia, passa ao largo sem se

deter. Justamente, existia uma grande rivalidade entre os judeus e os samaritanos, considerados ateus e inimigos do judaísmo. Jesus diz a seus apóstolos que sigam o exemplo do ateu samaritano e não do crente religioso judeu, que não teve compaixão pelo irmão ferido.

Segundo essa pesquisa realizada em várias universidades do mundo, só uma escassa dezena de frases pode ter sido pronunciada por Jesus tal como nos foi transmitida.

São originais as palavras do pai-nosso e das bem-aventuranças?

Mas, então, o que dizer de palavras tão importantes como as da oração do pai-nosso, que é a prece fundamental dos cristãos? Foi ou não foi ensinada aos apóstolos, para que estes depois a transmitissem aos cristãos primitivos, chegando a nós tal como hoje é recitada por milhões de fiéis em todo o mundo?

É quase certo que Jesus nunca ensinou tal oração a seus discípulos. Pelo menos não sob a forma de oração, ainda que esta contenha uma ou outra frase pronunciada pelo Mestre. Trata-se, muito provavelmente, de uma oração que foi sendo construída nas primeiras comunidades até fixar-se na forma em que chegou a nós.

De fato, como Crossan registra agudamente, existem nos textos sagrados três versões distintas do pai-nosso. Uma é a que aparece no evangelho de Lucas como uma invocação ao Pai, seguida de cinco súplicas. Poderia ser a versão

recolhida da Fonte Q: "Pai, santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. E perdoa-nos de nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve. E não nos deixes cair em tentação." A outra versão é a do evangelho de Mateus, mas a oração começa dizendo: Pai nosso, "que estais nos céus", e nela se fazem não cinco, mas sete súplicas. As duas súplicas novas são: "Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu" e "mas livrai-nos do mal". Pode ser que Mateus tenha introduzido a fórmula usada em sua comunidade quando ele escreveu o evangelho. A terceira versão é a da *Didaché*, onde também aparecem sete súplicas em vez de cinco.

A oração começa no singular: "Pai nosso que estais no céu". Poderia ser uma variante da versão conhecida por Mateus.

O fato é que todas as súplicas feitas no pai-nosso cristão existem nas preces judias. Mas existe uma peculiaridade que, segundo os exegetas, só pode ser de Jesus: chamar Deus de "Pai" (*Abba*, em aramaico), um termo totalmente desconhecido na tradição palestina pré-cristã.

Outro problema é se nessa oração, que pode ter sido construída com frases de Jesus pronunciadas em diferentes lugares e tempos, quando se fala do "pão nosso de cada dia" está-se fazendo referência a algo espiritual e simbólico ou simplesmente ao pão real, tirado do forno, que era o alimento básico dos camponeses do tempo de Jesus. A mesma coisa quando Jesus pede a

Deus que perdoe nossos pecados assim como nós "perdoamos aos nossos devedores". Também aqui, segundo não poucos especialistas, Jesus se referia às dívidas monetárias, que, de acordo com a tradição judaica, deviam ser perdoadas pelo menos todo ano santo ou de jubileu.

Como diz John Kloppenborg: "O pão e as dívidas eram simplesmente os problemas mais imediatos que tinham de enfrentar os camponeses galileus, os jornaleiros e os habitantes das cidades que não integravam nenhuma elite." O benefício mais evidente e imediato que proporcionava o novo reino de Deus anunciado por Jesus era o alívio dessas duas cargas, como sublinha Crossan.

E as bem-aventuranças? Na tradição cristã, tão ou mais importantes que as palavras do pai-nosso são as chamadas "bem-aventuranças", sobre cuja interpretação se escreveram tantos livros. Trata-se de sentenças do profeta de Nazaré que contrariam toda a lógica do mundo, toda a evidência de qualquer sociedade de qualquer tempo e lugar. Quem se atreveria a dizer que os pobres são os felizes? Ou os que choram, ou os humilhados e perseguidos? Ou que os famintos seriam saciados?

Mas é justamente por causa da dificuldade que essas afirmações implicam que a maioria dos especialistas considera as bem-aventuranças como realmente pronunciadas por Jesus. E eram tão difíceis de aceitar que, ao longo dos anos, foram sendo gradualmente edulcoradas. Provavelmente, não se tratou de uma predica

pronunciada num só dia, mas de uma série de afirmações do Mestre que depois foram reunidas, formando um único sermão, o chamado "Sermão da montanha" ou "Das bem-aventuranças". Além disso, as bem-aventuranças não podem ser interpretadas de forma isolada de outras afirmações de Jesus sobre os ricos ou sobre as crianças, por exemplo, ou separadas de certas parábolas.

Por outro lado, tais afirmações de Jesus não seriam entendidas fora do contexto da pregação do chamado "Reino de Deus", a expressão mais usada por Jesus durante toda sua vida. Tratava-se da mensagem fundamental com que ele anunciava um modo de vida diferente daquele que a sociedade bem estabelecida costuma praticar e louvar. Como tão bem explicou Crossan, quando Jesus usa a expressão "Reino", "o tema em discussão não são os reis, e sim os dirigentes; não é o reino, e sim o poder; não é um lugar, e sim o Estado". E uma maneira completamente diferente de ver a vida, os valores, as relações humanas.

Claro que não poucos, a começar pelos discípulos, entendiam o discurso do reino de maneira mais literal, como se a missão de Jesus fosse estabelecer um novo regime social e político para libertar o povo de Israel do jugo dos romanos. E por isso que as afirmações mais radicais de Jesus sobre a vida que se deveria levar para participar desse novo "Estado", dessa nova maneira de encarar o mundo e de usar o poder e a riqueza, foram mais tarde objeto de

glosas, acréscimos e adulteração. Ou de interpretações burguesas.

As palavras mais autênticas de Jesus são as mais radicais

Hoje, os bíblicistas defendem cada vez com maior firmeza a tese de que a postura de Jesus perante a sociedade de seu tempo — ou, caso se prefira, face ao modelo universal de sociedade baseada na dominação dos poderosos sobre os fracos, dos ricos sobre os pobres e dos valores temporais sobre os espirituais - foi radical, sem interpretações nem distinções. Jesus não foi um profeta de meias-tintas, de arranjos para agradar a todos. Não foi um social-democrata. Foi um homem de extremos: "Oxalá que tu foras ou frio, ou quente; mas porque tu és morno, e nem és frio, nem quente, começar-te-ei a vomitar de minha boca." "Vim separar o pai do filho." "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." "Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio."

E nesse contexto que se devem entender as bem-aventuranças e a doutrina sobre o novo reino anunciado por Jesus, e que muito provavelmente constituem o núcleo mais seguro e histórico de sua pregação.

Quando Jesus compara o reino de Deus com as crianças, quando diz ao intelectual Nicodemo que, se ele quiser se converter ao novo reino, terá de voltar ao ventre materno e tornar a nascer, não está fazendo poesia, nem uma

exaltação da infância. Muito pelo contrário: o que está tentando dizer é que Deus está mais perto daquilo a que o mundo não dá valor. Jesus falava para os camponeses pobres da Galiléia. O que era uma criança para aqueles trabalhadores? Certamente não era uma metáfora poética sobre a inocência. E, apesar de os judeus não praticarem o infanticídio, como outros povos a seu redor, uma criança era o símbolo do que não tem valor, do que carece de direitos próprios. Naquele tempo, o pior insulto para um adulto era ser comparado a uma criança.

O que significava comparar o reino a um grão de mostarda, a menor das sementes? Por que não o comparou ao majestoso cedro? Ou à levedura que faz a massa crescer nas cozinhas simples das donas-de-casa? Jesus nunca comparou o reino de Deus a realidades grandiosas, fortes, fastuosas, e sim ao que há de mais humilde, pequeno e insignificante. Por isso, quando ele falava da felicidade reservada aos pobres, não se referia à pobreza como foi entendida mais tarde pelos cristãos primitivos que pertenciam antes à classe média, isto é, a pobreza oposta à riqueza. Não se referia aos "pobres de espírito", expressão que Jesus certamente não usou e que foi acrescentada às suas palavras. Os pobres, para ele e para a sociedade daquele tempo, eram os mendigos, os sem casa e sem trabalho, os leprosos que viviam à beira das estradas, os famintos de verdade, isto é, os que morriam de fome.

E a bem-aventurança dos "perseguidos"? Também nesse caso, tudo leva a crer que a interpretação posterior feita pelos evangelistas foi fruto de uma interpretação das primeiras comunidades, que entendiam essa bem-aventurança como dirigida aos cristãos que eram vítimas de perseguições por acreditarem na nova religião de Jesus. Nada disso. Quando o profeta de Nazaré diz que são bem-aventurados os perseguidos, ele se refere, segundo as modernas traduções do grego, a língua em que os evangelhos chegaram a nós, aos "perseguidos", aos "ultrajados", aos "humilhados", aos "rejeitados" pela sociedade, a todos os párias, os joões-ninguém, os que sempre incomodam. Aqueles pobres diante dos quais, ainda hoje, certa sociedade moderna diz que a pobreza "fede". Por isso Jesus prometia — estava louco? — a felicidade para os que fediam, que feriam o nariz da sociedade do bem-estar de seu tempo. Do dele e de todos os tempos, porque a miséria jamais será perfumada em nenhum lugar do mundo.

Capítulo 16

REVOLUCIONÁRIO POLÍTICO OU PACIFISTA REVOLUCIONÁRIO?

Mesmo sabendo bem pouco sobre Jesus, podemos nos fazer uma pergunta: ele foi um revolucionário político ou um pacifista revolucionário? Trata-se de mais um dos pontos

que foram causa de divisão dentro e fora da Igreja, uma vez que o profeta de Nazaré foi uma espécie de coringa para todos os usos. Dele se serviram os ditadores, apresentando-o como o defensor da ordem constituída; os revolucionários de todos os tempos: maoístas, marxistas, castristas, zapatistas e até os trabalhadores sem-terra do Brasil. Mas também os pacifistas, os verdes, os ecologistas e até mesmo os budistas.

Os poderes conservadores e ditatoriais são, sem dúvida, os que mais têm usado e abusado da figura de Jesus, para defender a ordem, a propriedade, a família e a pátria. Todos os ditadores sempre ficaram do lado de Jesus. Sempre adoraram, e continuam adorando, aparecer aos olhos dos súditos como devotos filhos da Igreja. Todos. Basta pensar no caudilho Franco, na Espanha, ou nos diversos ditadores da América Latina e da África.

Os ditadores sob palio, com concordatas de ouro assinadas pelo Vaticano ou recebendo em público a comunhão da mão de cardeais e papas, estão registrados em todos os arquivos fotográficos da história. Lembro-me de casos muito concretos de dois desses ditadores catolicíssimos. O primeiro aconteceu durante a coroação do papa João Paulo I, o pontífice que durou apenas 32 dias. Assistia à cerimônia o general argentino Videla. Durante o ato, na praça de São Pedro, os radicais soltaram sobre a multidão congregada em torno do novo papa balões coloridos com um cartaz que dizia:

"Videla, assassino". Um desses balões acabou pousando sobre o altar em que o papa estava oficiando a missa solene. Um monsenhor retirou-o com um gesto de visível desgosto.

No dia seguinte, o semanário *L'Expresso* publicou uma charge que mostrava Videla vestido de general aproximando-se do papa para dar-lhe o abraço de congratulação. Depois do abraço, o papa nota que alguns pontos de sua batina branca em que o general encostara as mãos estavam manchados de sangue.

O outro caso aconteceu na viagem do papa Wojtyla a Santiago do Chile no tempo em que Pinochet ainda reinava, apesar de a maioria dos chilenos lutar pela democracia. João Paulo II foi visitar Pinochet no Palacio de la Moneda, o mesmo onde Allende fora sacrificado. E Pinochet armou uma cilada. Quando o papa saiu à sacada central do palácio para abençoar as pessoas ali presentes, Pinochet se postou atrás dele e, junto com o pontífice, também ele deu sua bênção à multidão. Todos os ditadores adoram a religião e sempre se sentem apoiados e protegidos pela fé católica.

Jesus nunca foi um homem da ordem

Mas uma coisa é certa: Jesus não foi um homem da ordem, do sistema, conservador do *status quo*. Quanto a isso não há a menor dúvida, e a Igreja nunca deveria tê-las alimentado. O profeta de Nazaré sempre foi um inconformista, um homem de ruptura do sistema estabelecido.

Embora fosse um bom judeu, sempre clamou contra o imobilismo de sua religião, contra a escravidão do sábado, contra as leis que oprimiam os homens, sobretudo os mais pobres, contra a escravidão econômica dos sacrifícios do Templo.

Jesus, que não foi sacerdote nem membro da classe dominante de seu tempo, nem amigo dos poderosos, tendo chegado a qualificar Herodes de "raposa", não suportava o peso de uma ordem política e social que estava a serviço dos mais abastados, marginalizando aqueles que não tinham recursos. Demonizou aquela sociedade que considerava impuros todos os doentes e aleijados e lhes negava qualquer ajuda, sustentando que seus males eram um castigo por seus pecados.

O grande erro da Igreja foi ter passado de perseguida, nos primórdios do cristianismo, a mimada, quando foi alçada a religião de Estado pelos imperadores romanos. É bom lembrar, também, que foi um ditador, Mussolini, que nos tempos modernos fez do Vaticano um Estado independente e, na prática, transformou o papa em rei, em chefe de Estado com poderes absolutos.

A Igreja continuou sendo perseguida e fustigada ao longo dos séculos, mas, curiosamente, não pelos poderes que crucificaram Jesus, e sim pela massa de pobres dos regimes ateus, que consideraram que a Igreja traía sua vocação original de defensora dos párias e dos desvalidos. Foi justamente o Concílio Vaticano II

que pediu perdão ao mundo por essa traição da Igreja, perguntando-se se teria existido o comunismo se a Igreja tivesse permanecido fiel a sua missão fundamental de ser a defensora e guia dos pobres e perseguidos, e não dos ricos e poderosos.

Mas se Jesus não foi um homem da ordem, e sim um agitador de consciências, isso quer dizer que foi um revolucionário? Que era mais um dos messias revolucionários que tentavam sublevar os palestinos contra o jugo dos romanos? Que pertencia à seita dos zelotes, o grupo mais revolucionário e extremista de seu tempo? Foi sua missão mais política do que religiosa?

E o que não poucos têm defendido ao longo dos séculos. Provavelmente todos os movimentos revolucionários de esquerda no mundo manifestaram, no mínimo, simpatia pela figura de Jesus de Nazaré. E muitos até o tomaram como bandeira de suas idéias extremistas. Dentro da própria Igreja, chegou-se a falar em "teologia da revolução", algo bem diferente e muito mais politizado que a chamada "teologia da libertação".

Sem dúvida, tudo leva a crer que algum dos 12 apóstolos que seguiam Jesus pelo menos passara pelo grupo extremista dos zelotes. Também é verdade que, como bom judeu, Jesus não devia estar nem um pouco contente de ver seu país sob o domínio dos romanos. Talvez até simpatizasse com os movimentos violentos que, em seu tempo, lutavam pela libertação da Palestina. E muitos dos traços do novo reino que

ele anunciava podiam dar a entender que ele também sonhava com um tempo em que Israel, livre de seus opressores, pudesse reinar feliz e tranqüilo. Também em certa ocasião deixou escapar que ele viera trazer a espada, e não a paz, e criar a discórdia entre os membros de uma mesma família. E é verdade que por momentos deve ter tocado as raias da contestação política, posto que foi condenado à morte como subversivo.

Não foi um simples agitador social

Nada disso. Jesus não foi um simples agitador social, por mais que alguns de seus discípulos tenham por vezes acreditado que o era. Por isso ele teve de resistir à tentação dos apóstolos mais inflamados, que estavam dispostos a utilizar métodos mais contundentes contra seus opositores. Como na ocasião em que, depois de serem mau acolhidos em uma aldeia, os apóstolos lhe perguntaram se ele não queria que enviassem o fogo sobre seus moradores, para que os consumisse. Jesus os repreende, dizendo-lhes com isso que não o entenderam, pois não era essa a revolução que ele viera promover.

E quando Jesus diz aos apóstolos que ele será preso e condenado à morte, estes lhe respondem que têm ali algumas espadas, o que indica que alguns deles andavam armados. Mas de novo Jesus lhes pede que guardem suas espadas, já que ele deve obedecer os desígnios de seu Pai.

Jesus tampouco foi um pacifista no sentido atual do termo. E se é verdade que ele recriou a máxima judaica do "olho por olho, dente por dente", propondo em seu lugar o amor aos inimigos, também é verdade que essa doutrina já existia em algumas seitas judaicas mais liberais. O que Jesus condena é a vingança, não a violência. Ele apenas repudiava a violência das armas. Por isso não foi um terrorista, como os zelotes, ou como teriam preferido alguns de seus discípulos. Mas, em outros sentidos, Jesus foi, sim, um adepto da violência. Contra a violência que oprime os mais fracos.

Jesus foi um profeta sem papas na língua. Ele sempre tendeu a usar uma linguagem dura e provocadora. Irritava-se e intimidava. Chegou a insultar os poderosos abertamente: chamou Herodes de "raposa", tachou de "lobos em pele de cordeiro", de "cria de víboras" e de "hipócritas" as autoridades do Templo, ou seja, o poder religioso que, até a ocupação romana, dispunha sobre a vida e a morte das pessoas. Por isso há quem sustente que o mataram não tanto pelo que ele fez, mas pelo que disse.

Ele, sem dúvida, defendeu uma mudança radical, mas não violenta. E uma mudança que ia além da simples revolução política ou social. Para ele, não era suficiente que os romanos abandonassem a Palestina. Gostaria que isso acontecesse, mas não lhe bastaria. Se bastasse, ele teria sido mais um dos tantos profetas e messias de seu tempo que passaram sem deixar rastros na história. A dele foi uma revolução mais

profunda e global, que provavelmente nem a própria Igreja entendeu por inteiro.

Sua revolução não se baseava nas armas, na força bruta, e nem sequer na mudança para uma sociedade mais democrática, aberta e justa. O que Jesus propôs foi uma revolução a partir dos fundamentos mesmos do ser humano. A religião — a de seu tempo e a de todos os tempos —, com sua imagem de um deus vingativo e justiceiro, era a que escravizava os homens e atava as consciências, a que atemorizava e justificava a desigualdade social. Pois bem, Jesus veio propor a grande revolução de um Deus que faz o sol nascer para justos e pecadores, que não faz distinção entre homens e mulheres, entre fiéis e infiéis, entre puros e impuros, pois, como já anunciara o profeta Isaías, mesmo que uma mãe, no auge da loucura, do desespero ou da maldade possa abandonar um filho, Deus nunca o fará. É a certeza suprema desse amor, que é maior que o mundo.

Isso explica por que sua revolução, que começava de dentro, com a consciência da dignidade suprema da pessoa, foi melhor entendida pelos escravos, pelos pobres, pelos doentes, pelos humilhados. Melhor, sem dúvida, que os poderosos, que sempre se valeram da religião para impor pesos e jugos, que, como dizia Jesus, eles mesmos ignoravam, por se sentirem acima da lei.

Rompe com todos os esquemas do poder tradicional

Jesus rompe revolucionariamente com esses esquemas. E com todos os esquemas do poder opressor da sociedade, chegando a defender que "o maior tem de servir ao menor". Sua revolução era tão profunda que privilegiava todos aqueles que a sociedade dos acomodados desprezava: das prostitutas aos possessos, passando pelos leprosos — que equivaliam aos aidéticos de hoje —, pelos mendigos, pelos sem-teto e desempregados. Eles eram o que havia de mais valioso como símbolo e metáfora da preferência de um Deus que é acima de tudo Pai e Mãe, e que, como tal, tem preferência pelo que de mais fraco e indefeso é dado à luz pelas entranhas do mundo.

A revolução de Jesus era global e completa porque ele não se limitava a atacar as estruturas sociais e políticas ao pregar a fraternidade universal, mas também abrangia o misterioso e obscuro reino interior das profundezas da psique e da personalidade humana. E essa revolução incluía ricos e pobres, sãos e doentes. Aí sim se tratava de dar uma reviravolta na mentalidade humana e nas relações entre as pessoas para criar um mundo mais digno de ser vivido.

Por isso sua revolução exigia a libertação de todos os medos, a começar pelo medo de Deus; a libertação de toda escravidão exterior, mas também das interiores como a da falsa certeza, a da vontade de revanche contra o próximo, a da

inveja que paralisa, a da violência contra si mesmo, a da pressa inútil que impede a contemplação do mistério e das maravilhas da criação. Libertação de tudo o que impede o homem de ser homem, a mulher de ser mulher e a criança de ser criança.

Jesus muitas vezes condenou a pressa revolucionária dos apóstolos, que queriam arrancar as pragas a todo custo, correndo o risco de junto arrancar a erva sã. Nisso Jesus antecipou Marx, que dizia que a principal virtude do verdadeiro revolucionário não era a pressa, e sim a paciência.

Acontece que todos os grandes revolucionários da história sempre foram bons conhecedores do homem. Por isso sabiam que as coisas grandes e boas jamais são construídas com impaciência. Se isso é verdade no plano terrenal, é mais verdadeiro ainda no mundo interior, onde toda evolução e revolução tem de ser feita passo a passo, como no desenvolvimento da inteligência de uma criança. Jesus sabia que uma revolução global demanda tempo para se consolidar, que, se não finca raízes, acaba abortando. É a triste história de muitas revoluções fracassadas. Como ele dizia, ninguém constrói uma fortaleza sobre um terreno de areia. Sei que a palavra amor está prostituída, que em nossa cultura ela perdeu significado, mas Tolstói já dizia: "Não façais nada que contrarie o amor." Parece simples, mas aí está a raiz de toda revolução duradoura. De fato, quase todas as revoluções, a começar pela que a Igreja Católica iniciou por influência de Jesus para

mais tarde abandoná-la, fracassaram porque, em vez de centrar o foco revolucionário na recuperação da dignidade humana pisoteada, acabaram elas mesmas pisoteando-a ao transformarem-se em fascismos, nazismos, vazias ditaduras do proletariado e até em santas inquisições.

Nesse sentido, o escritor italiano de esquerda Danilo Dolci escreveu: "Revolução não quer dizer atear fogo na prefeitura, dando motivo para que o inimigo aumente a opressão. Revolução é curar o incurável; é tornar cada homem responsável pela própria vida; é saber comunicar-se com o próximo com paciente sabedoria."

A revolução é maior que a justiça, incluída a social. Porque esta pode desembocar estruturalmente numa ordem constituída, favorecendo por fim os que mais têm. Pode acabar em reformismo. Só o respeito profundo da dignidade humana pode mudar o mundo na raiz, impedindo que tanto clamor de justiça termine em flagrantes injustiças.

Sua paz violenta

É sob essa luz que se deve entender uma passagem das mais obscuras do evangelho, e, por isso mesmo, uma das mais autênticas. É aquela em que Jesus diz: "O reino dos céus sofre violência, e os que fazem violência é que o arrebatam." Os espiritualistas sempre sustentaram que Jesus se referia à violência "interior", isto é, que só entrariam no novo reino

aqueles que declarassem guerra às suas paixões interiores. Sem negar que o homem tenha de lutar contra a porção mais destrutiva de si mesmo, contra seu sentimento de morte, é evidente que Jesus devia estar querendo dizer algo mais. Sobretudo porque em seguida acrescenta outra frase misteriosa: "Quem tem ouvidos de ouvir, ouça." No sermão da montanha, ele afirma que nem toda violência é construtiva, mas diz que são "bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça". Mas quem é que se expõe à perseguição por amor da justiça? Sem dúvida, quem desmascara os poderosos que criam as situações de injustiça que oprimem os mais fracos.

O texto anterior de Jesus aparece no evangelho em um contexto muito sintomático. O profeta estava falando de João Batista, dizendo que ele não é "uma cana sacudida pelo vento", que não é alguém que vive e se veste com o conforto dos que moram em palácios reais, e que ele era "mais que profeta". Pois bem, esse mesmo João Batista que Jesus tanto elogia era um profeta que usava toda a sua violência verbal contra o poder, que gritava sua rebelião contra a hipocrisia do rei, a quem disse na cara: "Não é lícito ter a mulher de teu irmão." Ele o disse a Herodes, que tomara Herodíades, a mulher de seu irmão Filipe. E por dizer isso, Herodes mandou decapitá-lo.

Em certa ocasião, Jesus afirma não ter vindo ao mundo para trazer a paz, e sim a guerra. Considerando que Jesus não organizou uma resistência violenta ao sistema, nem foi um terrorista

nem um militante político no sentido estrito, cabe perguntar o que ele entendia por paz e por guerra. E contra quem ou contra quê era a sua guerra.

Como Jesus não foi um simples revolucionário nem um mero pacifista, há quem tenha preferido falar de sua "violência pacífica" ou de sua "paz violenta". Não seriam a mesma coisa? Não. Dizer que Jesus foi um "revolucionário pacífico" significa que a força de sua mensagem está na força da revolução, mas que esta não é a das armas. A paz aqui seria um adjetivo. Mas se dissermos que sua luta era por uma "paz violenta", a ênfase recai na força intrínseca e profunda do conceito de paz, que, para ser eficaz, tem de ser ao mesmo tempo revolucionária. Ou seja, não se trata de uma paz edulcorada, só de oferecer a outra face, e sim de uma paz que crie justiça, que redima a pessoa, que faça com que o mundo não seja apenas o reino dos violentos sem adjetivo, mas também dos violentos pela paz e pela felicidade.

Por isso ele disse, em outra ocasião, que sua paz não era a paz do mundo. Acontece que a sociedade, sobretudo a capitalista ou neoliberal, tende a confundir a paz com a ordem. Sobre esse ponto, posso contar um caso pessoal. Quando na Espanha se completavam o que os seguidores de Franco comemoraram como "25 anos de paz", cobrindo cidades e aldeias com cartazes ostentando esse *slogan*, eu estava em Roma e fui chamado a Madri para entregar o prêmio de melhor toureiro do ano para El Viti. Nem bem pus

os pés no aeroporto, dei de cara com aqueles chamativos cartazes de "25 anos de paz".

Durante o jantar do prêmio, em um hotel da capital, na presença de quase mil pessoas, entre elas vários ministros do Regime, pediram que eu dissesse algumas palavras. Era difícil, pois eram tempos de censura, apesar dos 25 anos de paz. Aproveitei para dizer que me entristecia que o estrangeiro pensasse que os espanhóis não sabiam o que era a democracia. Naquele tempo, na Espanha, não havia eleições nem partidos políticos. Tratei de lembrar que, curiosamente, a festa da tourada, tão própria da cultura espanhola, é um exercício de "democracia direta", já que os prêmios eram outorgados pelo presidente da praça, mas só depois de ver o que a assistência pede com seus lenços brancos. Os políticos não entenderam minha ironia.

Acrescentei que, ao chegar a Madri, tinha visto os cartazes em comemoração dos "25 anos de paz" franquista. Comentei que me alegrava o fato de terem sido 25 anos de "paz" e não apenas de "ordem", posto que são duas coisas muito diferentes, pois, enquanto "a ordem é imposta pelo poder, às vezes até pela força", a paz, ao contrário, "é conquistada com a autoridade das consciências", e por isso não é necessário impô-la. E aí sim a polícia presente entendeu minha ironia ou suspeitou dela, porque depois do jantar me levaram para um interrogatório. Queriam saber o que eu quisera dizer com aquilo, ao que respondi que "nem mais nem menos do que escutaram".

Aí estava a diferença entre a "paz violenta" proposta por Jesus e a "ordem", por mais revolucionária que seja. Porque a ordem é imposta pela força bruta, com censura, tortura, perseguições, com o medo. A paz, ao contrário, não precisa se impor. É a diferença entre o ditador ou o militar, que impõem uma ordem com o poder de que dispõem, e o homem sábio, o mestre espiritual ou o profeta, que conquista as consciências apenas com a sua autoridade interior.

A ausência de guerra não é a mesma coisa que um estado de paz. Na Espanha daquele tempo não havia guerra, mas sim torturas e fuzilamentos; mas também não havia paz, porque as pessoas tinham medo de expressar suas opiniões, porque os jornais estavam sob censura, porque o país continuava dividido entre vencedores e vencidos, e muitos eram obrigados a viver no exílio.

Sem dúvida, a paz de Jesus era diferente; era criativa, revolucionária, mas nascia da convicção, não do poder ou da imposição. Ele jamais teria pronunciado a frase de Goethe: "Prefiro a injustiça à desordem." Não. Jesus preferia a desordem que cria o inconformismo, a defesa dos direitos humanos à injustiça. Não era homem de "viver em paz", acomodado, porque sabia muito bem — e o provou com a própria vida — que ninguém pode viver descansando na ordem que não o incomoda enquanto existir um único homem humilhado ou escravizado.

Para Jesus, guerra não era apenas a luta com as armas. Guerra, para ele, era toda estrutura social ou econômica injusta; era guerra o totalitarismo, que impede a paz em liberdade; era guerra a diplomacia, que à todo momento impede dizer "sim, sim e não, não", como ele pedia; guerra era toda cruzada em nome da religião. Por isso a Igreja está em guerra sempre que discrimina, condena, humilha e impele os homens a agirem contra a própria consciência por temor a Deus.

Por isso, na Espanha, embora não houvesse guerra quando se comemoraram os "25 anos de paz", tampouco havia paz; tratava-se apenas de uma ordem imposta pela força e pelo medo. Não era a paz do profeta da Galiléia, por mais que Franco fosse levado em andores e sob pálio ou colocassem em seu carro a relíquia do braço de Santa Teresa de Jesus, que, curiosamente, foi a freira mais revolucionária e inconformista da história da Igreja.

Seu ataque à sacralidade do Templo

Jesus foi acusado de atentar contra a sacralidade do Templo. E embora tenha sido condenado à morte por "sublevar o povo e proibir que se pague o tributo a César", o que não era verdade, a primeira acusação era mais séria. De fato, Jesus propunha uma mudança radical na sociedade judaica, que era teocrática. Por isso dera a entender que, no novo reino por ele anunciado, o Templo, trincheira do poder judaico,

poderia ruir, já que cada ser humano se transformaria em verdadeiro templo de culto.

Se não fosse por isso, a revolução proposta por Jesus teria sido mais uma das muitas revoluções da história, pois a experiência demonstra que, quando uma revolução aponta em uma única direção, sem tocar as estruturas mais profundas do ser humano, costuma acabar em integristas. Se é feita só no sentido cultural, pode acabar em ideologia; ou em fascismo, se é somente política; e se for somente moral, acabará em evasão espiritualista.

A de Jesus era uma revolução total. Por isso ele dizia que não se pode guardar o vinho novo em odres velhos nem pôr remendos de pano novo em um vestido velho. A mudança que ele propunha era total. Era como começar de novo, deixando para trás todas as correntes do passado.

Jesus não era um suicida, nem um louco, nem um desesperado, nem um exibicionista. Nunca teria deixado que o queimassem em praça pública. E mais: ele nunca quis morrer. Contam os evangelhos que, ao perceber que queriam prendê-lo, ele conseguiu fugir milagrosamente. Só foi pego porque Judas o traiu.

A revolução que o profeta de Nazaré propunha se parecia mais com aquela que, séculos mais tarde e seguindo seus passos, foi realizada por Francisco de Assis que com a dos revolucionários estritamente políticos. Era uma revolução que desconcertava as elites, assim como a atitude de Francisco desconcertaria seu pai, o rico mercador

de Assis. A de São Francisco foi uma revolução aparentemente bucólica, poética, mas que, no fundo, era tão radical que assustou a própria Igreja de Roma. Quando Francisco — ao fundar a ordem franciscana com um punhado de seguidores que viviam do que lhes davam de comer e falavam com os pássaros do campo —, não quis nenhuma regra a não ser o evangelho cumprido ao pé da letra, o Vaticano não quis saber. Eles teriam que obedecer às regras aprovadas por Roma, assim como as outras ordens religiosas.

Porque Francisco pregava a pobreza total de seus filhos; a total liberdade de espírito, sem nenhuma regra além da própria consciência. Ele rompera todos os tabus, vivia em outra dimensão, possuía tanta força e autoridade e gozava de tanta simpatia das pessoas que chegaram a compará-lo com Jesus reencarnado. E isso preocupou Roma. E também o fato de não querer ser ordenado sacerdote, alegando que Jesus tampouco o fora.

Os novos teólogos afirmam que a verdadeira teologia de Jesus era a da reconciliação dos homens com Deus e dos homens com a natureza e com as coisas, como a que depois tentou Francisco de Assis com sua oração da paz e seu Canto às criaturas.

A grande revolução realizada por Jesus foi a de acabar com as formas de religião que escravizam o homem com suas exigências desumanas, abrindo-o para uma liberdade e uma esperança novas e inéditas.

Com Jesus, o paciente revolucionário da história, os homens recuperaram sua liberdade perdida, perderam o medo de Deus e entraram em uma nova dimensão de relações humanas, onde não há diferenças entre homens e mulheres, judeus ou gentios, puro e impuro, sendo todos filhos do mesmo Pai, que todos os dias faz o sol nascer para justos e pecadores.

Capítulo 17

QUAIS SÃO OS TRAÇOS PSICOLÓGICOS DA PERSONALIDADE DE JESUS?

Embora o conjunto de dados de que dispomos sobre a figura do profeta de Nazaré não nos permita traçar sua biografia, podemos, sim, esboçar alguns traços característicos de sua personalidade, com a ressalva de que esse esboço tem um caráter meramente interpretativo, fruto de uma visão estritamente pessoal e, portanto, discutível.

Mergulhando nos escritos deixados nos evangelhos oficiais e apócrifos, na visão que as primeiras comunidades cristãs tinham daquele Jesus que não chegavam a entender por completo, pelo que ele tinha de contraditório, chegando por vezes a tentar corrigi-lo, podemos entrever alguns aspectos de sua personalidade mais genuína. Por dois motivos: porque são recorrentes e porque não eram fáceis de enquadrar, nem sequer nos esquemas dos profetas e messias tradicionais de seu tempo.

Em uma religião como a judaica, a que Jesus professava, na qual estava tão arraigada a idéia do sacrifício, da culpa, da expiação dos pecados, do castigo de Deus à seu povo, da perseguição e humilhação, Jesus se apresenta como uma espécie de "psicólogo da felicidade".

Numa sociedade pobre como a dele, em que os miseráveis viviam sem esperança, marginalizados e vistos como esquecidos ou castigados por Deus e, por isso, assolados por doenças e possuídos pelos demônios; num povo humilhado como era o judeu daquele tempo, cuja terra fora ocupada pelas tropas do Império Romano, que começava a pensar que lavé se esquecera dele, Jesus vem e se apresenta como "o profeta do impossível".

Num momento histórico em que o homem e, mais ainda, a mulher ou a criança, isto é, a pessoa humana, não tinha a menor importância e qualquer um podia dispor sobre sua vida ou sua morte, pois o que contava era a força e a onipotência de Deus, que fazia o que queria com seus súditos sem dar-lhes explicação; numa situação em que reinava a teocracia e os deuses decidiam a história, Jesus se apresenta em público não como o Filho de Deus, título que mais tarde lhe dariam seus seguidores, e sim com o provocador nome de "filho do homem", ou seja, apenas como "o homem" dando a entender que ser homem, sem adjetivos, já é a maior das dignidades.

Num mundo como o daquela época, em que existia a escravidão e o povo vivia atormentado

pelo medo, oprimido sob o peso da Lei com maiúscula, sempre à mercê do primeiro poder que resolvesse colocá-lo de joelhos, Jesus se apresenta como o "libertador", aquele que não tolera as correntes, que "cura a todos", que livra dos demônios e perdoa os pecados, acabando com o sentimento de culpa e dando um golpe na escravidão do sábado.

Numa sociedade — a daquele tempo, como a de hoje — que primava pelo poder e a glória, em que os privilegiados e temidos eram os homens do poder despótico, o profeta da obscura Nazaré se apresenta ostensivamente como "avesso a toda sombra de poder".

Num mundo em que reina a imaturidade, a incapacidade de se relacionar, de abrir novos tipos de encontro entre os homens, numa sociedade em que as pessoas temem o próximo por temer a Deus e se trancam em suas casas e vêem o outro mais como inimigo do que como próximo, Jesus foi o "revelador de novas relações humanas".

Por último, numa sociedade em que, por não estar na moda, a morte é temida, escamoteada ou banalizada e, sobretudo, não é entendida nem aceita, Jesus vem fazer a grande provocação, a maior da história, a de "mudar o nome da morte", anunciando que ninguém morre para sempre.

Com esses traços é possível ao menos arriscar alguns *flashes* da personalidade psicológica desse personagem que, por ser tão diferente, mesmo dos outros santos e profetas que o

precederam, conseguiu não ser tragado pela história e, ao longo dos séculos, incrustar-se em cada pessoa, prescindindo até do elemento religioso, como espelho da utopia que se aninha em todo ser humano.

O psicólogo da felicidade

Se há uma certeza sobre a personalidade de Jesus, é que ele não foi um masoquista. Nunca amou a dor. Muito pelo contrário: não a suportava. Nem para ele — antes de ser preso, pediu a Deus que o livrasse da dor, pois não se sentia nenhum herói desejoso de derramar seu sangue — nem para os demais. Ele nunca exortou quem lhe pedia a cura de suas dores a que as suportasse com resignação para merecer a benevolência de Deus. Não. Dizem os evangelhos que ele "curava a todos". E não só os judeus, mas também os gentios, o que era uma blasfêmia, pois àqueles era vedado até mesmo sentar-se à mesa com quem não compartilhasse sua fé. Os gentios eram impuros e indignos de qualquer contato; que dirá de serem curados. Jesus passa por cima da Lei e ajuda a todos.

Claro que ele não era ingênuo e sabia que o homem dificilmente poderá livrar-se da dor. Era um bom conhecedor da psicologia humana e sabia que não só as dores externas, mas também as internas, perseguirão o homem até a sepultura. Nunca existirão remédios que as

curem por completo, por mais que a química possa aliviá-las com seus paliativos. Ele estava ciente desse fato, mas não deixava de lutar contra a dor. Sua idéia era que, quanto menos dor houvesse no mundo, melhor. Por isso, não deixava seus discípulos nem sequer jejuarem. Ele nunca foi um asceta, como seu predecessor João Batista, mas sim um desprendido das coisas, um ser livre, o que é bem diferente. Jesus disse abertamente: "Eu não quero sacrifícios, e sim misericórdia."

Mas não era um cínico que oferecesse felicidade falsa, de fachada. Não oferecia uma felicidade barata, a preço de liquidação. Como os bons psicanalistas, sabia que, para poder chegar a certos remansos de paz e felicidade, sobretudo interior, é preciso passar pela dura prova da purificação, do desapego em relação a muitas falsas certezas que criamos como escudo e defesa de nossos medos.

Tudo o que o rodeava tinha o sabor da vida, nunca da morte ou da dor. Suas parábolas — que parecem ser das coisas mais originais de sua pregação e, possivelmente, das mais bem conservadas — eram carregadas de símbolos de felicidade simples, mescladas com as coisas da vida: a videira, a sementeira, os pássaros, as plantas, as sementes, a levedura que faz crescer o pão, os animais do campo. Sua postura diante da vida era sempre positiva. Só foi duro com aqueles que despojavam os homens de suas pequenas felicidades, com aqueles que usavam Deus para oprimi-los com cargas insuportáveis e

inúteis. Por isso ele foi avesso à dor, pois entendia que a vida por si só já traz tamanha carga de dor inevitável, dada a natureza frágil do ser humano, que não devemos criar nem infligir mais infelicidade.

Curiosamente, ele nunca pregou o heroísmo. Nunca estimulou seus discípulos a se imolarem nem sequer por uma causa justa. A dele não era uma mística fascista. Sua paixão eram os fracos, os que tropeçam, os pecadores. Amava todas as fragilidades, talvez como símbolo daquilo que suporta a maior carga de dor no mundo.

Ele sabia muito bem que, se os homens são sensíveis a algo, é à felicidade, justamente porque a vêem distante, inatingível, quase impossível, como uma culpa, às vezes mais difícil de suportar que a própria dor. Hoje existe somente uma constituição no mundo, a norte-americana, que sanciona o "direito dos cidadãos à felicidade". Para atingi-la, Jesus não apresentou fórmulas mágicas ou inéditas, e sim uma coisa antiga como o mundo: perder o medo dos deuses e tratar os outros como gostaríamos de ser tratados por eles.

Uma prova de que Jesus sabia que a infelicidade provém não apenas dos demônios exteriores do poder, daqueles que causam dor ao homem, mas também dos demônios interiores, da escravidão do inconsciente, da escuridão que levamos dentro e não conseguimos ou temos medo de iluminar, está em sua insistência para que o homem não acumule motivos de desespero, de angústia, de desejos inatingíveis. Por isso

pregava a simplicidade da vida, o desapego das coisas, o saber viver livre e confiante como os pássaros do céu. Essa é sua receita.

Uma receita simples, e por isso mesmo difícil de realizar, como as grandes receitas de cozinha, que, quanto mais simples, mais difícil é conseguir o ponto. Difícil porque exige uma nova disposição da alma; um novo olhar para o próximo e saber renunciar a muitas certezas interiores às quais nos agarramos como o náufrago à tábua de salvação.

No evangelho, justamente, relata-se um episódio que foi muito estudado pelos psicanalistas. Conta-se que Jesus chegou ao povoado de Gerasa, onde um homem vivia como um monstro, acorrentado às portas do cemitério. Estava possuído por vários demônios. Os habitantes pediram ao profeta que o libertasse. E Jesus os atendeu. Mas os camponeses tiveram de pagar por isso, pois Jesus mandou os demônios daquele homem entrarem em uma manada de porcos, que se precipitaram por um barranco, morrendo todos. Nesse instante, o monstro recuperou sua liberdade perdida e voltou aos seus curado. O que fizeram os habitantes de Gerasa? Agradeceram a Jesus por ter devolvido a liberdade a um de seus filhos? Não. Pediram-lhe que deixasse o povoado o quanto antes, recriminando-o por tê-los feito perder seus porcos.

Essa é uma espécie de parábola com um grande fundo psicanalítico. Aquele homem possuído, escravo dos demônios, teve de pagar um preço

para obter a liberdade. Os demônios interiores incomodam a todos nós, mas acabamos nos acostumando a viver com eles. E quando nos livram deles, ficamos como que nus, como se tivéssemos perdido alguma coisa. Por isso tanta gente prefere a segurança da não-liberdade ao risco da liberdade. Dispor-se a abrir mão da riqueza que aqueles porcos de Gerasa simbolizavam, do luxo, da segurança que a ordem proporciona, da certeza dos dogmas etc., nem sempre é fácil. É algo que sabem muito bem os psicólogos que analisam a complexa psique humana.

Mas é evidente que a felicidade proposta no programa de Jesus, apesar de ser uma receita fácil, exige ingredientes difíceis de trabalhar, como a sabedoria de não querer viver acima das nossas possibilidades, muito menos à custa da infelicidade dos outros; a clarividência de que, para iluminar de alegria nossa casa interior, é necessário antes passar pela cegueira causada pela fumaça anterior ao fogo. E que, no final das contas, a felicidade não consiste em possuir muito, mas em não desejar mais do que somos capazes de saborear em paz e em harmonia, compartilhando-o com os outros.

O profeta do impossível

O famoso movimento estudantil de 68 teve uma feliz intuição ao escrever o seguinte *slogan* nos muros da Sorbonne: "Sejam razoáveis, peçam o impossível." Dois mil anos antes, o profeta de

Nazaré já se antecipara ao dizer: "Se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para acolá, e ele há de passar, e nada vos será impossível." Por isso Jesus foi apelidado "o profeta do impossível". Mesmo seus milagres, ele nunca os apresentou como algo extraordinário e sim como fazendo parte da economia de Deus, que escuta as súplicas simples e angustiadas de seus filhos.

Conseguir o impossível sempre foi uma tarefa dos homens, por mais que na sociedade da ordem e do conformismo se prefira o possível, o óbvio, o que não cria problemas, em vez dos abismos do impossível, que nos aproxima do mistério da divindade. Na obra teatral *Calígula*, de Albert Camus, o jovem imperador diz a seu amigo Elicone: "Eu não estou louco; nunca fui tão razoável como hoje, mas de repente senti a necessidade imperiosa de coisas impossíveis." E acrescenta: "Este mundo, tal como é, é insuportável. Eu preciso da felicidade ou da imortalidade, alguma coisa louca que não pertença a este mundo."

Como sempre, a literatura, o teatro, a poesia são o melhor espelho dos desejos mais secretos e insondáveis do ser humano. Uma característica desse ser humano frágil, que nem bem nasce lança um grito de horror e de medo, é que tem de acertar as contas com uma insatisfação de fundo que sempre o acompanhará nos caminhos de sua vida: a insatisfação de desejar mais do que pode conseguir, o desejo de Calígula pela impossível felicidade e eternidade. O jovem

imperador sabia que estava louco por pedir a eternidade, isto é, o impossível. Jesus, ao contrário, sabia que os homens não precisam estar loucos para desejar o impossível, porque esse desejo nasce com eles. É como uma espora que estimulará as pessoas a não se conformarem com a mediocridade, com a ordem fácil e segura, e a buscar a vertigem do impossível, do eterno, do que se nega a morrer, dessa felicidade impossível, mas que ao mesmo tempo só poderá ser imaginada pelo ser humano. Por que será?

A diferença fundamental entre a personalidade de Jesus e a dos outros religiosos de seu tempo é que ele não atribuía à onipotência dos deuses a possibilidade de os homens atingirem a felicidade ou o impossível. Não eram os deuses que tinham as rédeas do mundo e sim a fé pessoal de cada indivíduo na força interior desse santuário onde mora o deus oculto e silencioso. Nas mãos do homem estava o destino do mundo. Deus não abandonava o homem; pedia-lhe apenas que não o temesse e que confiasse em suas próprias forças, sendo como é, um ser livre e não um robô controlado das alturas.

Assim como os jovens de 68 pediam o impossível, ou seja, "a imaginação no poder", para que o mundo fosse governado não mais pelos burocratas, pelos acomodados, pelos que têm medo de perder seus privilégios, pelos que vivem da exploração do próximo, e sim pelos quixotes, pelos artistas, pelos poetas, pelos inconformistas, pelos que não têm nada a perder, do mesmo modo Jesus, em suas bem-

aventuranças, pedia algo muito semelhante: que os pobres, os famintos, os perseguidos, os que choram, os humilhados, os leprosos, os loucos, os sem poder fossem os criadores do novo reino, onde a felicidade não fosse um luxo de poucos, mas o pão de cada dia colocado em todas as mesas do mundo.

Uma importante revelação feita por Jesus foi a de que o Deus que ele anunciava tinha uma estranha preferência, que ia na contramão das preferências do mundo, pois ele amava tudo o que era frágil, fraco, o aviltado e assolado pela dor. Isso significava um grande desafio e ao mesmo tempo provava que é possível atingir o impossível, pois nada mais impossível, num mundo em que só os deuses e os poderosos podem dar-se ao luxo de fazer milagres e de ser felizes, que anunciar que, ao contrário, serão aqueles desprezados da terra os que hão de entender melhor do que ninguém o que são certas felicidades inalcançáveis para os que acreditam que tudo têm e tudo podem.

Acreditar no impossível, como fazia o profeta de Nazaré, é afastar do mundo as tentações coletivas do suicídio e do desespero; é acreditar que nunca está tudo perdido, que a árvore mais seca pode reflorescer, que das maiores ruínas da história, das mais terríveis trevas dos campos de extermínio, pode nascer algo novo e inédito, incompreensível, mas real. Uma coisa tão difícil que o próprio Jesus teve de pagar um alto preço por ela, sofrendo na pele a tentação do desespero e do fracasso quando, a ponto de

morrer na cruz como mais um fracassado da história, pergunta-se surpreso e magoado por que seu Deus o abandonara, se ele tinha acreditado na loucura de convencer os homens de que é possível ser feliz sem que seja à custa da infelicidade dos outros.

O artista do homem

"Eu sou feito de um modo terrível e maravilhoso", lê-se em um dos salmos da Bíblia, o livro que melhor penetrou nos abismos do mistério do homem. Esse verso do salmista foi uma antecipação daquilo que o judeu Freud viria a descobrir séculos mais tarde ao sondar as profundezas do inconsciente, ou seja, que dentro do homem lutam duas grandes pulsões, dois grandes instintos: o da vida e o da morte, com os quais o ser humano tem de se haver. O que equivale a dizer que no poço do homem existe, como afirma o salmo, o mais maravilhoso e o mais terrível da personalidade humana.

A Bertrand Russell atormentava o fato de o homem "levar dentro de si mesmo sua condenação, a de ser capaz de renegar a si mesmo". E toda a literatura do mundo não é mais do que um esforço por analisar as miragens do ser humano, com suas grandezas e baixezas, seus lampejos de divindade e suas sombras demoníacas. O jornalista e escritor Sérgio Zavoli escreveu: "A humanidade acorda todo dia em nome do homem, e é nesse momento que o

homem descobre o valor sagrado que é o próprio homem."

Já se disse que o homem é a medida de todas as coisas. As Igrejas dedicaram boa parte de seu tempo a estudar quem é Deus em vez de analisar quem é o homem, que é a realidade que temos nas mãos, e só através dela poderemos, talvez, imaginar o rosto do divino, e não o contrário.

E esse é mais um dos traços característicos da personalidade de Jesus de Nazaré. Por isso ele foi chamado "o artista do homem". Porque ele se apresentou ao mundo não como Deus — nunca afirmou isso —, e sim como algo tão simples e elementar como "filho do homem", que em aramaico significava simplesmente "homem". Jesus tomou essa definição do profeta Daniel, mas ela já havia sido esquecida pelos judeus de seu tempo. De fato, quando ele se apresenta com esse epíteto, todos se perguntam: "Quem é esse filho do homem?", sinal de que não tinham entendido. Em Daniel, na verdade, essa expressão se referia mais exatamente a um povo que haveria de vir. Mas também o profeta Enoch fala do "filho do homem", referindo-se a um personagem preexistente.

Os exegetas discutiram muito sobre o sentido que Jesus quis dar a esse epíteto de "filho do homem" tomado das velhas Escrituras. O certo é que os apóstolos não gostaram dele ou não o entenderam, pois nunca o chamam assim, nem as primeiras comunidades cristãs, que o substituíram por "filho de Deus". E, no entanto,

essa é a expressão mais usada por Jesus para definir a si mesmo, o que significa que era a que mais lhe agradava. De fato, quando Jesus, curioso por saber como seus discípulos o viam, pergunta-lhes: "Quem credes que sou?", Pedro não lhe responde que é o "filho do homem", e sim "o filho de Deus vivo".

Diógenes perambulava com uma lanterna procurando um homem, e não o encontrou. Sempre foi difícil encontrar um verdadeiro homem no reino dos homens. Curiosamente, a primeira vez que Jesus é chamado de "homem" é durante o processo que o levou à morte, quando Pilatos o apresenta à multidão dizendo "*Ecce homo*", "eis o homem". Era um homem abatido, torturado, humilhado, sem poder, condenado à morte, símbolo de tantos homens que na história viram sua dignidade reduzida a um farrapo humano.

Mas Jesus não foi um deus do Olimpo, acima dos homens. O que sempre o aproximou da humanidade, sobretudo da sofredora, foi que ele nunca se envergonhou de ser o que todos somos: um projeto inacabado de humanidade, um feixe de desejos irrealizáveis, uma sede de infinito e uma terrível capacidade de produzir felicidade ou infelicidade.

A criança como a grande obra de arte

O profeta de Nazaré tinha um fraco pelas crianças, a quem eleva, como já fizera com a mulher, à metáfora do novo reino, do novo modo

de se relacionar com as coisas e as pessoas. Aos discípulos, que estavam entre curiosos e preocupados por saber que tipo de reino seria aquele de que tanto falava o profeta, Jesus, para desconcertá-los ainda mais, diz que, quem quiser entrar nele, terá de "transformar-se em criança". E em certa ocasião em que umas crianças se sentem atraídas por aquele curioso e extravagante profeta de olhar ao mesmo tempo doce e terrível, quando os discípulos tentam enxotá-las como moscas, Jesus os recrimina e permite que elas venham sentar-se em seu regaço. E em seu colóquio noturno com o intelectual Nicodemo, que também sentia curiosidade pelos ensinamentos do novo profeta, Jesus lhe diz que tem de voltar a ser criança, pois o exorta a voltar ao ventre materno para renascer.

Claro que essa predileção pelo mundo das crianças não era gratuita, nem uma licença poética, nem sequer um gosto pessoal. Era muito mais. Tinha um valor emblemático. Para entendê-lo, devemos lembrar que, enquanto na nossa sociedade a criança é sujeito de direitos, considerada uma pessoa humana para todos os efeitos, com a mesma dignidade que o adulto, no tempo de Jesus não era assim. Na Palestina e em todo o Oriente, a criança, assim como a mulher, era pouco mais que um objeto. E, embora o infanticídio não fosse permitido entre os judeus, nos povos vizinhos era uma prática comum. Em Atenas e em Roma, a criança não tinha direito à vida até que o pai não a legitimasse. O pai

sempre podia eliminá-la. Platão, o grande poeta e filósofo, defendia a morte das crianças que nasciam em famílias pobres. Aristóteles, o pai da filosofia ocidental, o grande inspirador de Santo Tomás, sustentava que se devia tirar o alimento das crianças que nasciam deformadas. Em Roma existe ainda a famosa rocha, ao lado do Campidoglio, de onde os pais atiravam as crianças nascidas com algum defeito físico.

Dentro do próprio judaísmo, as crianças eram excluídas de tudo: do Templo, da sinagoga, da comunidade. Ainda hoje, as crianças, tanto no primeiro como no terceiro mundo, continuam sendo objeto de incrível violência; apesar das leis que as protegem, continuam, na prática, sendo consideradas pessoas de segunda classe, incompletas, a quem só cabe obedecer aos mais velhos. Além disso, consideram-nas possuídas por um egoísmo natural que as impede de serem generosas e altruístas.

Pois bem: Jesus vem e não apenas defende as crianças, os grandes excluídos e maltratados, como afirma, para grande escândalo, que elas são os preferidos de Deus; e quem se escandalizar com isso que se jogue no mar com uma pedra amarrada no pescoço. Acima de tudo, afirma que, se os adultos não forem como crianças, não poderão entender Deus. Por que ele disse isso? Nunca o explicou, mas alguma coisa deve ter visto na realidade concreta das crianças para identificá-las com o paradigma do homem liberado, do ideal humano.

Talvez o profeta tenha intuído que no coração das crianças se encontram realidades e matizes humanos primigênicos, que depois são ofuscados pela maturidade e pelo cinismo dos adultos, assim como o artista ou o poeta descobre numa paisagem sensações e tonalidades que outros não vêem. Sem dúvida, tudo o que vinha de Jesus parecia radical, escandaloso, contraditório, na contramão da cultura de seu tempo. A predileção de Jesus pelas crianças comoveu o judeu Karl Marx, pouco suspeito de simpatia pelo cristianismo. Sua filha Eleonor, a preferida, escreveu: "Lembro que meu pai me contou a história do carpinteiro de Nazaré, que foi crucificado pelos poderosos. Meu pai dizia que podemos perdoar muitas coisas do cristianismo porque ele nos ensinou a amar as crianças." A verdade é que, mais que o cristianismo, quem ensinou a amar, a respeitar e a admirar as crianças foi Jesus. O que a Igreja fez foi causar sofrimento a milhões de mães cujos filhos morreram antes de serem batizados, impedidos de subir ao céu por causa daquela invenção do limbo das crianças, que, graças a Deus — mas só depois de séculos —, foi eliminado do novo catecismo universal aprovado depois do Concílio Vaticano II.

Penso que a predileção de Jesus pelas crianças deve ser configurada em sua predileção geral por tudo o que é frágil e desprezado pela sociedade. Além disso, em certos aspectos da infância o profeta via, como que antecipada, como diante de um espelho, algumas das características das

novas relações que queria estabelecer entre os homens. Via, por exemplo, como as crianças carecem, naturalmente, de nossos medos adultos. As crianças só têm os medos que nós lhes infundimos. Uma criança não teria medo de pegar uma cobra na mão. Não teme as feras. Não vive vendo perigo em tudo. Não tem medo de Deus. Teme apenas perder o amor, a segurança dos pais, daqueles que a amam. E isso é o que Jesus queria para seu novo reino, que só nos assustemos ante a possibilidade de não sermos amados.

Mas não é só isso. As crianças não têm a noção de indivíduo, nem de classe social. Para uma criança, todas as crianças são iguais e interessantes porque podem brincar com ela. Tanto faz se é de uma família rica ou pobre. Nem mesmo o fato de falar outra língua a atemoriza. Elas se entendem sem falar. Criança não tem medo de criança.

Os cristãos às vezes enchem a boca dizendo que Deus criou tudo para todos, que tudo está a serviço de todos. Mas depois vem a Igreja defender com sanha a propriedade privada, e ninguém quer pôr à disposição dos outros, aquilo que tem. Até as primeiras comunidades cristãs, que começaram pondo os bens em comum, tiveram de se render à evidência de que cada um é cioso daquilo que possui.

Para as crianças, isso é diferente. Elas só querem o uso das coisas, não a propriedade. Por isso acham natural pegar o brinquedo do amigo. Não entendem por que não podem brincar com ele.

Quando a criança abandona o brinquedo, este não lhe serve mais. Não tem, como os adultos, o senso de propriedade. São os pais que lhe dizem que deve conservar as coisas, não quebrá-las, nem dá-las, nem emprestá-las.

Como seria a sociedade se os adultos fossem capazes de se comportar como crianças, com a mesma liberdade de espírito? Sem dúvida, seria uma sociedade paradoxalmente mais adulta que a atual, porque os adultos, ao contrário, costumam se comportar repetindo os defeitos das crianças, que elas cedo copiam dos adultos: somos volúveis, possessivos, egoístas, desconfiados, acumuladores e individualistas. Adultos que só sabemos brincar no jogo da guerra ou da bolsa, ou de passar a rasteira nos outros.

Quando o escritor Paulo Coelho diz, para escândalo dos sábios e adultos, que ele escreve para despertar a criança que há dentro de todos nós, ou seja, essa porção de inocência anterior ao paraíso perdido que nos fez horrivelmente adultos, está intuindo uma grande verdade: a de que todos, no fundo, gostaríamos de recuperar a singeleza e a espontaneidade das crianças, sua ausência de medos e preconceitos, para ser menos complicados e mais capazes de felicidade, sabendo brincar com uma simples folha de grama.

Jesus, revelador de novas relações humanas

Alguns psicólogos pensam que a humanidade, em média, não superou a idade psicológica de um adolescente. Jung dizia: "Até agora, o homem lutou apenas pela sobrevivência; vivemos na primeira aurora da consciência." E se isso é assim hoje, podemos imaginar como era há 2.000 anos, quando vivia o profeta de Nazaré. Se bem que, nesse aspecto, as coisas não mudaram muito. Basta pensar que continuamos com o absurdo das guerras no coração mesmo da velha e civilizada Europa; com a violência e o atropelo dos direitos mais elementares das pessoas.

E, apesar dos avanços da ciência, da biologia e da informática, com suas facilidades para uma comunicação em tempo real entre as pessoas, no mundo dos sentimentos, das relações de amor e de amizade, no sexo, a humanidade ainda vive enalhada no passado, numa idade quase adolescente.

Em meu livro de conversas com Fernando Savater (*El arte de vivir*), o filósofo comenta que se um indivíduo que viveu há cinco séculos de repente aparecesse em uma casa atual, não saberia o que fazer. Ele se assustaria com os interruptores de luz, com o telefone, com as torneiras de água corrente, com tudo. Mas, se o sentarmos diante de um televisor para assistir a uma telenovela, ele entenderia tudo, porque nas relações humanas pouco ou nada mudou. Tudo continua sendo primitivo, arcaico. Os mesmos ciúmes, as mesmas traições, as mesmas intrigas,

os mesmos sofrimentos por não saber amar, os mesmos dramas existenciais e de família.

Por isso existe uma espécie de esquizofrenia nos homens de hoje, que, por um lado, estão conquistando os astros, penetrando nas entranhas do genoma, esquadrihando os abismos mais insondáveis da tecnologia e, ao mesmo tempo, vêm crescer o interesse pelo irracional, pela magia, pelo invisível, pelo parapsicológico, pelo esotérico. O homem está conseguindo dominar as forças mais terríveis da natureza, a começar pela energia atômica; está conseguindo ultrapassar a velocidade da luz, mas ainda não sabe ter uma relação sexual pacífica ou uma amizade duradoura. Não sabe entender os impulsos que recebe do inconsciente. As relações humanas continuam neurotizadas.

Lutamos a vida inteira para ter sucesso, riqueza, reconhecimento, *status* social, prestígio profissional e, quando à noite voltamos para casa e apagamos as luzes para dormir, na verdade não sabemos de que serve tanto esforço por conseguir as coisas, se não temos tempo para vivê-las. Ao nosso lado, os filhos, a mulher, os amigos, esforçam-se em vão por criar um mundo de relações mais vivas, mais intensas, para que não passemos pela vida como autômatos que nem sabem a razão de tanto movimento.

O homem, que se sente forte e seguro na busca do êxito, depois reluta para estabelecer uma amizade por medo de que o comprometa; não confia nos outros porque os vê como inimigos e competidores potenciais. Não confia seus

sentimentos a ninguém, porque tem medo de mostrar-se como é, frágil, com dúvidas, inseguro, sem respostas para tantos problemas existenciais.

Só os poetas entenderam, em cada momento histórico, a força das relações humanas baseadas na amizade e não na competição. Alexander O'Neil descrevia a amizade nestes termos:

Um olhar limpo, um coração pulsando em nossa mão.

Amigo é o erro corrigido, não perseguido; é a verdade compartilhada a solidão derrotada.

Amigo é uma grande empresa, um trabalho sem fim, um espaço útil, um tempo fértil. Amigo será uma grande festa. Já o é.

Estudando a psicologia do personagem de Nazaré, tem-se a impressão de que ele possuía uma grande lucidez quanto a esse desequilíbrio entre o homem que domina a natureza e a pobreza de suas relações com os demais. Tanto que boa parte da doutrina sobre o novo reino por ele anunciado apontava para esse mundo das relações. Um mundo que Jesus veio virar do avesso, invertendo os critérios e os valores da sociedade.

Há um episódio emblemático da visão que Jesus tinha do mundo das relações humanas, que não se deveriam basear na aparência, na beleza nem na riqueza, e sim em algo mais profundo. Um dia, ele se encontra com uma delegação grega.

O profeta sabia muito bem que, naquele tempo, os gregos rendiam culto ao corpo, à beleza como tal. Basta visitar hoje o museu da Acrópole em Atenas para admirar o esbanjamento de beleza corporal nas esculturas gregas. Os gregos estavam curiosos por conhecer aquele profeta estranho de quem deviam ter ouvido falar.

Jesus, com sua fina ironia, típica da alma judia, conta-lhes uma parábola que deve ter soado como provocação. Disse-lhes que o homem é como um simples grão de trigo, pequeno, insignificante, quase invisível, e que deve ser sepultado na terra, onde só depois de apodrecer germinará. Ou seja, que a vida provinha de uma purificação, de uma apodrecimento, não de uma exaltação da beleza. Para os gregos, a divindade era impassível face às paixões humanas enquanto Jesus pregava o Deus da humanidade sofredora. As divindades gregas privilegiavam os homens, cujos corpos eram perfeitos. Não suportavam as imperfeições corporais. O oposto do Deus de Jesus, que tinha preferência por tudo que é fraco e frágil. E nisso ele se parecia às crianças, que para brincar, para se relacionar, não reparam nos valores externos ou estéticos, e sim na capacidade de comunicação, na simpatia pessoal, no carinho, pouco lhes importando se o outro é feio ou bonito, forte ou fraco.

Jesus, avesso ao poder

Um dos grandes erros da Igreja Católica foi negar-se a entender que um traço fundamental

da personalidade de Jesus de Nazaré, seu fundador, foi ter sido sempre um homem alérgico ao poder. Por isso se disse que o cristianismo, em sua essência, é a religião que mais claramente apresentou um Deus que "prefere os pobres e humildes" aos poderosos e abastados. E Jesus nunca escondeu sua aversão pelo poder, que considerava responsável pelas injustiças que afligiam os desvalidos.

Ele foi avesso a todos os poderes: ao político e ao religioso. Era também contrário a toda interpretação estreita da lei. Como não era ingênuo, sabia muito bem que a sociedade sem leis cai no caos. Mas não comungava com um poder que usava a lei para escravizar seus súditos.

Nunca quis interferir nos poderes políticos. Aqueles que um dia o instaram a dizer que não se devia pagar tributo ao imperador, respondeu com a famosa frase que aconselhava dar "a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Mas não hesitou um só segundo em qualificar de "lobos em pele de cordeiro", de "crias de víboras" e de "sepulcros caiados" aqueles que usavam o poder em interesse próprio, fazendo recair o peso sobre os mais indefesos.

E foi esse traço de sua personalidade que fez com que Jesus fosse sempre amado, ou pelo menos respeitado, por todos os movimentos revolucionários e por todos os párias. Seu histórico, no que tange a suas relações com o poder temporal, foi sempre claro e limpo, sem diplomacia nem ambigüidade.

Já se disse que Jesus, com seu gesto de lavar os pés de seus discípulos na quinta-feira anterior a sua crucificação — um gesto que, dentro da Igreja, foi perdendo sua força inicial ao longo dos séculos — virou de ponta-cabeça o conceito tradicional de poder. Com esse gesto, inédito até então, o profeta quis dizer a seus discípulos que, em seu novo reino, quem se julgasse mais importante e poderoso deveria começar servindo aos de baixo. Era uma mudança radical numa sociedade em que os escravos serviam aos que tinham propriedades e poder, e na qual sempre os de baixo tinham de estar a serviço dos de cima.

Entre as centenas de milagres que Jesus realizou ao longo da vida, nenhum foi feito para agradar a um poderoso. Ele deixou clara a diferença entre poder e autoridade. Como se sabe, o poder é imposto à força, seja com as leis, seja com as armas e as guerras. A autoridade, ao contrário, se conquistada, não se impõe. E o poder que os outros reconhecem em quem consideram com autoridade para falar ou decidir. É como uma força que nasce da pessoa. Por isso o poder vence, mas não convence. A autoridade, ao contrário, convence e não precisa vencer.

Os parâmetros para exercer o poder, nessa visão do profeta judeu, eram diferentes dos do poder mundano. Tem mais autoridade sobre os outros quem mais os ama e quem melhor sabe demonstrá-lo. Não é um poder que vem de fora, mas de dentro. Quando Jesus pede a Pedro que, nos momentos de crise, seja o irmão mais velho

dos outros apóstolos, não lhe pergunta se ele é o mais poderoso ou mais esperto — não o era —, ou mais santo — tampouco o era, pois o negara covardemente na noite da paixão — e sim quem mais o amava.

Uma pessoa na multidão que escutava Jesus gritou um dia: "Fala como quem tem autoridade." Era a força de sua palavra que tinha poder, até o poder de curar. E a autoridade que reconheciam as multidões, pois Jesus não era sacerdote, nem escriba, nem homem da instituição religiosa. Nem era rico ou de família importante, como, por exemplo, Buda. Era filho de um pobre trabalhador manual nascido na obscura aldeia de Nazaré.

Mas, por ser avesso ao poder, nunca o enfrentou cara a cara. Sua forma de contestar o poder que oprime era sua predileção pelos mais pobres e humildes. E aquela era sua maior revolução. Não foi fácil fazer-se entender, nem pelos seus discípulos, nem pelas pessoas que o seguiam, que teriam preferido que, além de autoridade, ele também tivesse poder. Por isso quiseram coroá-lo rei, ao que ele se opôs, fugindo.

Costumava dizer que o poder deste mundo necessita de exércitos, de riqueza e de prestígio para manter-se de pé. O dele, não. Bastava-lhe a força com que amava e abraçava os fracos do mundo. Esse era seu único poder.

Os poderes religiosos de seu tempo, personificados, sobretudo, nos escribas, que se julgavam donos da verdade e queriam impô-la à força com leis que nem eles cumpriam, Jesus os

chamou "guias de cegos", que acabam caindo no poço. E quando lhe respondiam: "Falando assim nos ofendes", Jesus replicava que eles tinham se apoderado das chaves da sabedoria, e que não só não eram capazes de entrar eles mesmos, como também impediam a entrada aos outros. Nunca foi suave nem manso com os detentores do poder.

Dada essa verdade, não cabe dúvida de que a Igreja, com seus agrados a todos os poderes da terra, ao longo dos séculos foi-se afastando muito da mensagem original do profeta judeu, que em essência era dura, clara, francamente a favor dos humilhados.

Jesus mudou o nome da morte

A morte é nossa suprema condenação. É o fato mais democrático da história, porque atinge a todos. Um dia a ciência há de alongar a vida do homem, mas não conseguirá destruir a morte. E, no entanto, essa hora suprema, a hora da verdade e da imensa solidão, continua sendo a grande incógnita do mundo. Por que o homem tem de morrer, se é o único animal capaz de conceber a eternidade?

Na história de Jesus de Nazaré e na do cristianismo, existe a grande loucura da ressurreição do corpo, difícil de encontrar em outras religiões. Sobretudo a ressurreição concebida no sentido do dogma católico,

segundo o qual voltaremos a nos encontrar com nosso corpo, mas em estado glorioso, sem defeitos, nem doenças, nem morte.

É uma verdade histórica que os primeiros discípulos de Jesus, amedrontados ao vê-lo morrer na cruz como um malfeitor qualquer, fugiram e se esconderam, temendo seguir seu caminho, e só quando tiveram certeza de que ele tinha ressuscitado e continuava vivo é que começaram a acreditar nele, a anunciá-lo e a dar a vida cruentamente na defesa daquela verdade. Essa é, contudo, a única parte dos fatos apresentados pelos evangelistas em que só é possível acreditar por um ato de fé, já que aí a ciência não pode interferir. Entramos no reino do mistério.

Sem dúvida, nem sempre houve acordo na teologia católica sobre o dogma da ressurreição dos mortos e a possível ressurreição de Jesus. Os teólogos mais liberais e progressistas, como Hans Kung, sem negar que "alguma coisa deve ter acontecido" aos apóstolos depois da morte de Jesus para ficarem tão transtornados, tem dificuldade em aceitar a ressurreição em sua versão literal. Algo semelhante ao que acontece com outros dogmas, como o da virgindade de Maria ou o da transubstanciação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Jesus.

A interpretação mais moderna da ressurreição é que Jesus, sua pessoa e não apenas sua mensagem, de algum modo continuou presente e vivo na história, e dessa presença se alimentou sempre o cristianismo, que nunca considerou

Jesus um morto e sim um ressuscitado para a vida depois da sua morte na cruz. Porque o argumento de que ninguém encontrou seu cadáver é muito pobre, e a própria Igreja preferiu não usá-lo, temendo que um dia os arqueólogos pudessem encontrar seus restos mortais.

De qualquer modo, acho que o importante na história do profeta de Nazaré é que ele legou ao mundo um novo sentido para a morte: a convicção de que a morte não é algo definitivo e irreversível. Jesus teve a coragem ou a loucura de mudar o nome da morte. Para ele, o homem nunca morre para sempre. Os filhos do Deus que ele anunciava são chamados a vencer a morte, a dar tal sentido à vida que a morte significa apenas parte de uma viagem, uma passagem, um trânsito para uma nova luz, ou como se queira interpretar.

Jesus chegou a dizer: "Em verdade, quem entender minhas palavras não voltará a morrer." Era uma metáfora para indicar que quem entra nessa nova dimensão de relações humanas que ele anunciava olha a morte com outros olhos. O importante para ele não é a morte, mas a vida. É verdade que aqueles que o escutavam não entenderam suas palavras assim. Tomaram-nas ao pé da letra e se escandalizaram: "Quem crê ser? Até nosso pai Abraão morreu." E muniram-se de pedras para apedrejá-lo.

Para Feuerbach, a ressurreição de Jesus era apenas "fruto da aspiração humana por ter uma certeza imediata da própria imortalidade". É possível. Mas a pergunta é: por que existe essa

aspiração humana? Seria possível que, nascendo o ser humano com esse desejo profundo de eternidade, seja um dos seres com vida mais breve sobre a terra?

O filósofo Savater afirma que "existe a cultura porque existe a morte". Como os homens sabem que têm de morrer e ao mesmo tempo não desejam morrer, mas perpetuar-se, constroem pegadas de si mesmos para deixá-las para a posteridade. É outro modo de dizer que o homem preferiria não morrer e que, sabendo que isso é impossível, consola-se construindo arte e cultura para ter a ilusão de posteridade.

Trata-se, sem dúvida, de um problema que os homens nunca poderão resolver. Ninguém voltou da outra vida para provar aos mortais que continua vivendo, apesar de todo o esforço do espiritismo para contatar os mortos. E a ressurreição cristã é tão-só um tópico de fé. Mas é certo que Jesus, que era um grande conhecedor da alma humana, dos desejos profundos dos homens, intuiu que uma verdadeira felicidade é impossível sem que o homem dê alguma resposta à grande incógnita da morte, a essa pena capital com que se nasce. Pois se a felicidade passa, mais do que pelas trilhas do poder e da riqueza, pelas sendas do amor e das relações entre as pessoas, então é verdade que o amor exige o ingrediente da eternidade, pelo menos no plano do desejo. Basta observar como a linguagem humana usada na intimidade do amor é cheia de palavras de eternidade. Ninguém quer que morra o que se

ama; ninguém imagina que pode acabar algo que o levou às alturas da felicidade. Para cada amante, o companheiro é eterno.

O mesmo poderia se dizer dos seres queridos. Ninguém aceita que tenham desaparecido para sempre. Por isso sonhamos com eles, sentimos às vezes sua presença quase tangível, falamos com eles e pedimos sua ajuda. Sabemos racionalmente que já não existem, que são apenas um punhado de pó, que deles só nos resta a memória. Mas isso não basta. Precisamos nos enganar sentindo que estão vivos. É algo que acontece com todos, crentes e agnósticos. Faz parte da mais profunda psicologia humana. Não nos conformamos com o fato de que aqueles que um dia amamos e nos amaram tenham deixado para sempre de existir.

Essa foi a grande loucura de Jesus, sua grande intuição: a de entender que o homem, mesmo sabendo que é inevitável, não quer morrer, e que dentro dele alguém, um deus misterioso e sem nome, pôs esse germe, não se sabe se maldito ou bendito, de um desejo invencível de eternidade e imortalidade.

Talvez Jesus tivesse razão ao dizer que só as crianças podem entender isso. Que só uma criança ou quem não tenha perdido toda a inocência é capaz de encarar com naturalidade a vitória sobre a morte.

Lembro, a esse propósito, um caso com que quero terminar este livro. Eu estava em Roma, passando de carro ao lado de um cemitério. Comigo ia um menino de cinco anos, filho de um

colega jornalista. Como tantas crianças de cidade, nunca tinha visto um cemitério. Ele me perguntou o que era aquilo. Expliquei-lhe que ali descansavam os corpos dos que tinham morrido. Ficou pensando por alguns segundos e perguntou: "Então eles não estão mais vivos?" Respondi que não, que a vida para eles já se acabara. O menino, sem demonstrar nenhum mal-estar, tornou a pensar por alguns segundos e disse: "Ah, mas depois vem o meu pai e levanta todo mundo." Aquele menino não teria atirado pedras contra Jesus, considerando-o louco por dizer que um dia seu Pai, que é bom e poderoso, como são todos os pais e mães para uma criança, "levantará da sepultura" todos os mortos que tenham apostado na vida e não na morte.

NOTA FINAL

O leitor que tenha chegado ao final desta viagem jornalística ao desconhecido planeta de Jesus de Nazaré decerto terá, junto a tantas perguntas, uma clara certeza: que o pouco que sabemos do personagem basta para constatar que não se parece em quase nada às imagens e caricaturas que dele se fazem hoje em não poucas Igrejas supostamente inspiradas em sua mensagem.

Certa vez, vi o nome de Jesus escrito com letras garrafais na traseira de um caminhão que circulava carregado de porcos pelas estradas do Brasil. Para quê?

Jesus foi e continua sendo um coringa fácil para encobrir injustiças e misérias inconfessáveis, para defender a ordem constituída de regimes ditatoriais. E usado até pela Igreja Católica e sua Congregação da Fé — triste herança da Inquisição — para tolher a liberdade de expressão, amordaçando os teólogos mais comprometidos com o Jesus que anunciou novos reinos de liberdade e misericórdia.

Pronunciamos o nome de Jesus até para espirrar. Se hoje ele desse um passeio por este planeta, não sei se se irritaria ou acharia graça ao ver tudo o que se construiu e destruiu em seu nome, e que provavelmente tem muito pouco a ver com o que ele pregava por aquelas aldeias pobres da Palestina, cobertas de mendigos, leprosos e possessos. São justamente os que não crêem nele, ou o vêem como um simples profeta que criticou as injustiças do mundo, os que por vezes mais o respeitam, e por isso se escandalizam ao ver como tantos cristãos banalizam seu nome, sua memória e sua mensagem de fraternidade universal.

É sintomático o fato de que Jesus, que em tudo se mostrava radical, apaixonado, sempre oposto à ordem constituída, defensor aguerrido de todos os fracos, tenha sido transformado, em suas Igrejas, em um elemento conservador, em um apelo à prudência mundana, em um amigo de poderosos e ditadores, a quem o Vaticano nunca nega suas bênçãos.

O incômodo profeta judeu da Palestina foi afastado de tudo o que significa aventura, risco,

criatividade, compaixão, amor pelo prazer e pela vida. É um Jesus para mortos, para amantes da dor, para aqueles que nada querem arriscar. Para a paz burguesa, nunca para a revolução imaginativa. Mais para quem não precisaria de seu consolo e de sua ajuda que para aqueles a quem não resta outra esperança na vida que a de um Deus que não os ameace com novos castigos, já estando, como estão, bem castigados pela vida.

"Está certo que também apresentemos Jesus àqueles a quem a vida sorri, já que Deus não é racista", comentava, irônico, um teólogo da libertação; "mas que eles acabem sendo os preferidos da Igreja, enquanto a grande fila de miseráveis que ele mais amava continua para sempre na sala de espera, isso já é demais".

É curioso que Jesus, que foi o que de menos diplomático existiu na história, que pedia que se dissesse "sim ou não" e que gritava as verdades aos quatro ventos, tenha inspirado, na Igreja, a mais sofisticada das diplomacias, tanto que na Escola Diplomática Vaticana se ensina os alunos a não utilizarem toda uma lista de palavras em seus futuros documentos. Uma das normas para esses diplomatas, por exemplo, é que, quando tiverem de dar uma resposta negativa em nome do papa a alguém importante, um cardeal, um bispo ou um chefe de Estado, façam isso com palavras tão ambíguas que nunca pareçam um não definitivo, para poder um dia voltar atrás. E tudo em nome de Jesus, que tantas vezes qualificou de hipócritas aqueles que tendiam a

confundir as pessoas com seus subterfúgios de leguleios.

A personalidade de Jesus, pelo pouco que se pode entrever nos vestígios que dele ficaram, pode agradar ou não. Pode ser objeto de simpatia e respeito ou de repulsa. Mas o que está claro é que ele não foi um homem de segundas intenções, ele caminhou sempre dizendo o que pensava e sentia, e que quem melhor o entendeu foram os últimos da sociedade, que intuía que ele era um curioso profeta que semeava esperança entre os mais desesperados. Por isso acabou mal.

Só uma vez vi o nome de Jesus num lugar em que, muito provavelmente, ele teria gostado. Foi numa rua do Rio, escrito em grandes letras pretas num caixote de madeira que um menino de rua levava na mão, com uma escova velha e um pouco de graxa, tentando convencer os transeuntes a que deixassem engraxar seus sapatos.

Não sei quem tinha escrito aquele nome em sua única propriedade. Provavelmente o menino nem sabia ler. Mas ali o nome do profeta judeu não ficava mal. Seu nome roçava a sujeira da rua cada vez que o menino apoiava seu caixote no chão para engraxar os sapatos de um cliente. Sem dúvida, ali Jesus deve ter-se sentido mais à vontade que nos majestosos murais ou nos luxuosos estandartes dos desfiles triunfais organizados nos quatro cantos do mundo nestes 2.000 anos de história cristã.